

CÁRMEN CAMPOS RAMOS DA SILVA

MÚSICA:

**UM AUXÍLIO NO DESENVOLVIMENTO E
APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM A
PERTURBAÇÃO DO ESPECTRO DO AUTISMO**

Orientadora: Maria Cristina Saraiva Gonçalves

Escola Superior de Educação Almeida Garrett

Departamento de Ciências de Educação

Lisboa

2012

CÁRMEN CAMPOS RAMOS DA SILVA

MÚSICA:

**UM AUXÍLIO NO DESENVOLVIMENTO E
APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM A
PERTURBAÇÃO DO ESPECTRO DO AUTISMO**

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação no Curso de Mestrado em Educação Especial, conferido pela Escola Superior de Educação Almeida Garrett.

Orientadora: Professora Doutora Maria Cristina Saraiva Gonçalves

Escola Superior de Educação Almeida Garrett

Departamento de Ciências de Educação

Lisboa

2012

Quando ouço música, não temo qualquer perigo.

Sou invulnerável.

Não vejo nenhum inimigo.

Relaciono-me com os tempos mais primitivos e com os mais recentes.

Henry David Thoreau

Dedicatória

Aos meus pais, por todo o amor que sempre me deram, pelo carinho, educação, amparo, protecção, sabedoria e apoio em todos os momentos da minha vida.

Ao meu irmão, por todo o amor e carinho que sempre me deu e pelos incentivos constantes ao longo da minha vida.

Agradecimentos

À Escola Superior de Educação Almeida Garrett, com a colaboração de um conjunto de docentes extraordinários, por me ter possibilitado a realização deste trabalho,

À Professora Doutora Cristina Saraiva Gonçalves por toda a orientação, amabilidade e incentivo prestado ao longo da realização deste trabalho.

Ao Instituto Superior de Ciências da Informação e da Administração de Aveiro, com a colaboração de um conjunto de docentes excepcionais, entre eles o Professor Doutor Horácio Saraiva, por me ter possibilitado a minha formação no âmbito da Educação Especial.

À Marisa Araújo, minha amiga e colega de estudo, pela força e companhia ao longo desta nova etapa profissional.

À Rosa Cardoso, minha amiga e colega pela ajuda na tradução e pelo auxílio e disponibilidade que sempre demonstrou.

Ao José Manuel, marido da minha amiga Rosa Cardoso, pela ajuda incansável prestada ao nível de questões informáticas.

À Susana Sá, minha amiga pela ajuda prestada em algumas questões de formatação.

Aos Professores que atenciosamente preencheram o questionário, contribuindo, também, para este estudo.

Aos meus Pais, por tudo o que fizeram e fazem por mim, sem eles nunca teria chegado até aqui. Pelo amor incondicional que nutrem por mim e que todos os dias o demonstram na mais singela atitude.

Ao meu irmão José Augusto, por ser mais do que um irmão, por ser um amigo extraordinário que está sempre presente e que me ajuda a ultrapassar qualquer obstáculo.

À minha cunhada Susana Maria, por ser mais do que uma cunhada, por ser uma amiga que está sempre presente.

Ao meu sobrinho Daniel José, por ter preenchido parte da minha vida, sendo, apenas, um bebé de meses a sua presença foi fundamental na procura da paz e tranquilidade interior.

Aos meus colegas de trabalho, por se terem mostrado disponíveis para me ajudar na realização deste trabalho.

Por último, mas não sem o mesmo prestígio daqueles que já enumerei, agradeço a todos os que colaboraram, em parte comigo, na realização deste trabalho assim como, todas aquelas pessoas que tive a oportunidade de conhecer ao longo desta formação e que contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Resumo

Música: um auxílio no desenvolvimento e aprendizagem de crianças com a perturbação do espectro do autismo é a temática da nossa dissertação. Através de uma investigação fundamentada, quer ao nível do enquadramento conceptual, quer ao nível da metodologia de trabalho, pretendemos dar a conhecer a especificidade do autismo, as dificuldades que esta perturbação causa. De igual modo, pretendemos ressaltar a importância da música no processo de ensino aprendizagem de crianças com autismo e os seus benefícios terapêuticos. Os conteúdos estudados são actuais e pertinentes logo, são relevantes para a qualidade e desenvolvimento da aprendizagem dos nossos dias.

Desde tempos longínquos, a Sociedade ergueu-se de acordo com o que parece ser «normal», colocando de parte tudo o que não se aproxima deste conceito. As crianças com autismo revelam dificuldades ao nível do desenvolvimento, nomeadamente, ao nível da comunicação e interacção social.

A música encontra-se presente na vida de qualquer pessoa, despertando emoções e sentimentos. Os sons têm a capacidade de desenvolver a acuidade auditiva, a criatividade, a diminuição de rigidez, levando à espontaneidade de pensamento; o acompanhamento através dos gestos e movimentos desenvolvem a coordenação motora, a atenção e a comunicação; o canto e a imitação de sons desenvolvem as relações com o meio envolvente. Deste modo, a música contribui para a descoberta de um mundo feliz facilitando o enriquecimento intelectual, a auto-confiança e, ao mesmo tempo, proporciona um equilíbrio emocional que possibilita a integração das crianças com autismo na sua comunidade.

Palavras-Chave: Perturbação do Espectro do Autismo, Música, Aprendizagem, Desenvolvimento, Inclusão.

Abstract

Music: an aid in the development and learning of children with autism spectrum disorder is the theme of our dissertation. Through a based research, both in terms of conceptual framework and in terms of methodology of work, we intend to disclose the specific nature of autism, the difficulties caused by this disorder. We also intend to emphasize the importance of music in the process of teaching and learning of children with autism and their therapeutic benefits. The approached contents are current and relevant to the quality of today's learning process.

Since ancient times, the society rose in line with what appears to be 'normal', putting aside all that does not approach this concept. Children with autism have difficulties in terms of development, especially in communication and social interaction.

The music is present in everyone's life, arousing emotions and feelings. Sounds are responsible for developing auditory acuity, creativity, decreasing stiffness, leading to the spontaneity of thought; monitoring through gestures and movements develop motor skills, attention and communication, singing and imitating sounds develop the relationships with their surroundings. Thus, the music contributes to the discovery of a happy world, facilitating intellectual enrichment, self-confidence and, at the same time, providing an emotional balance that enables the integration of children with autism in their community.

Key-Words: Autism Spectrum Disorder, Music, Music Therapy, Learning, Development, Inclusion.

Abreviaturas e Siglas

AMA: Associação Médica Americana

APA: Associação Americana de Psiquiatria

DSM: Diagnostic and Statistic Manual for Mental Diseases - Classificação de Doenças Mentais da Associação Psiquiátrica Americana

EE: Educação Especial

NEE: Necessidades Educativas Especiais

PEA: Perturbação do Espectro do Autismo

QI: Quociente de Inteligência

Índice Geral

Dedicatória	3
Agradecimentos	4
Resumo	5
Abstract	6
Abreviaturas e Siglas	7
Índice Geral	8
Índice de Quadros	10
Índice de Gráficos	11
Introdução	14
PARTE - I	17
CAPÍTULO I - AUTISMO	17
1. O Espectro do Autismo – Enquadramento Teórico	18
1.1. Perturbação do Espectro do Autismo	18
1.2. Conceito e Perspectiva Histórica	20
1.3. Quadro Clínico	27
1.4. O Espectro de Manifestações Autísticas	29
1.5. Causas da Perturbação do Espectro do Autismo	33
1.6. Diagnóstico	35
1.7. Critérios de Diagnóstico	37
1.8. Evolução	39
CAPÍTULO II - MÚSICA	41
2. A Música – Enquadramento Teórico	42
2.1. Música	42
2.2. Conceito e Perspectiva Histórica	44
2.3. A Função da Música	48
2.4. A Música – Um Meio de Inclusão	50
2.5. O Potencial Educativo e Terapêutico da Música	53
2.6. Efeitos e Qualidades da Música	55
2.7. Precauções e Contra-Indicações	57

CAPÍTULO III – A MÚSICA NO TRATAMENTO DE CRIANÇAS COM A PERTURBAÇÃO DO ESPECTRO DO AUTISMO _____	58
3. A Música no Tratamento de Crianças com a Perturbação do Espectro do Autismo _	59
3.1. Música - Autismo _____	59
PARTE - II _____	62
CAPÍTULO IV – TRATAMENTO EMPÍRICO _____	62
4. Metodologia de Investigação _____	63
4.1. Fundamentação do Estudo _____	63
4.2. Problema – Questão de Investigação _____	63
4.3. Objectivos _____	64
4.4. Hipóteses de Investigação _____	65
4.5. Instrumento _____	66
4.6. Participantes na Investigação e sua Categorização _____	66
4.7. Discussão dos Resultados _____	113
Conclusão _____	116
Linhas Futuras de Investigação _____	119
Referências Bibliográficas _____	120
Webgrafia Consultada _____	122
Apêndice _____	I

Índice de Quadros

Quadro I – Tríade de Incapacidades _____	29
Quadro II – Critérios de Diagnóstico para a PEA _____	37
Quadro III – Efeitos da Música _____	54

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Universo da Amostra por Género _____	67
Gráfico 2 – Universo da Amostra por Habilitações Profissionais _____	68
Gráfico 3 – Universo da Amostra por Tempo de Serviço _____	69
Gráfico 4 – Universo da Amostra por Área de Ensino _____	70
Gráfico 5 – Universo da Amostra de acordo com a 1. ^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico _____	72
Gráfico 6 – Universo da Amostra de acordo com a 1. ^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores da Educação Especial _____	73
Gráfico 7 – Universo da Amostra de acordo com a 2. ^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico _____	74
Gráfico 8 – Universo da Amostra de acordo com a 2. ^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores da Educação Especial _____	75
Gráfico 9 – Universo da Amostra de acordo com a 3. ^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico _____	76
Gráfico 10 – Universo da Amostra de acordo com a 3. ^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores da Educação Especial _____	77
Gráfico 11 – Universo da Amostra de acordo com a 4. ^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico _____	78
Gráfico 12 – Universo da Amostra de acordo com a 4. ^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores da Educação Especial _____	79
Gráfico 13 – Universo da Amostra de acordo com a 5. ^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico _____	80
Gráfico 14 – Universo da Amostra de acordo com a 5. ^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores da Educação Especial _____	81
Gráfico 15 – Universo da Amostra de acordo com a 6. ^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico _____	82
Gráfico 16 – Universo da Amostra de acordo com a 6. ^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores da Educação Especial _____	83

Gráfico 17 – Universo da Amostra de acordo com a 7. ^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico _____	84
Gráfico 18 – Universo da Amostra de acordo com a 7. ^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores da Educação Especial _____	85
Gráfico 19 – Universo da Amostra de acordo com a 8. ^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico _____	86
Gráfico 20 – Universo da Amostra de acordo com a 8. ^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores da Educação Especial _____	87
Gráfico 21 – Universo da Amostra de acordo com a 9. ^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico _____	88
Gráfico 22 – Universo da Amostra de acordo com a 9. ^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores da Educação Especial _____	89
Gráfico 23 – Universo da Amostra de acordo com a 10. ^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico _____	90
Gráfico 24 – Universo da Amostra de acordo com a 10. ^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores da Educação Especial _____	91
Gráfico 25 – Universo da Amostra de acordo com a 1. ^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico _____	93
Gráfico 26 – Universo da Amostra de acordo com a 1. ^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores da Educação Especial _____	94
Gráfico 27 – Universo da Amostra de acordo com a 2. ^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico _____	95
Gráfico 28 – Universo da Amostra de acordo com a 2. ^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores da Educação Especial _____	96
Gráfico 29 – Universo da Amostra de acordo com a 3. ^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico _____	97
Gráfico 30 – Universo da Amostra de acordo com a 3. ^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores da Educação Especial _____	98
Gráfico 31 – Universo da Amostra de acordo com a 4. ^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico _____	99

Gráfico 32 – Universo da Amostra de acordo com a 4. ^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores da Educação Especial _____	100
Gráfico 33 – Universo da Amostra de acordo com a 5. ^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico _____	101
Gráfico 34 – Universo da Amostra de acordo com a 5. ^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores da Educação Especial _____	102
Gráfico 35 – Universo da Amostra de acordo com a 6. ^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico _____	103
Gráfico 36 – Universo da Amostra de acordo com a 6. ^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores da Educação Especial _____	104
Gráfico 37 – Universo da Amostra de acordo com a 7. ^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico _____	105
Gráfico 38 – Universo da Amostra de acordo com a 7. ^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores da Educação Especial _____	106
Gráfico 39 – Universo da Amostra de acordo com a 8. ^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico _____	107
Gráfico 40 – Universo da Amostra de acordo com a 8. ^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores da Educação Especial _____	108
Gráfico 41 – Universo da Amostra de acordo com a 9. ^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico _____	109
Gráfico 42 – Universo da Amostra de acordo com a 9. ^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores da Educação Especial _____	110
Gráfico 43 – Universo da Amostra de acordo com a 10. ^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico _____	111
Gráfico 44 – Universo da Amostra de acordo com a 10. ^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores da Educação Especial _____	112

Introdução

O presente trabalho não está elaborado de acordo com as regras do novo acordo ortográfico. Os temas abordados nesta dissertação são de grande pertinência, visto que, se encontram em destaque na actualidade e têm vindo a ser abordados em inúmeros estudos e investigações científicas.

Desde muito cedo, o Homem e a Sociedade em geral parecem ter-se edificado à volta dos indivíduos ditos normais, excluindo e, até mesmo, negligenciando todos os que de alguma forma se afastavam da dita «norma».

O autismo é uma perturbação que afecta o desenvolvimento da criança, apresentando alguns entraves à sua educação e à sua vida social, sobre o qual ainda existem muitas dúvidas ao nível científico.

Nos últimos anos verificou-se um desenvolvimento significativo nas investigações relativas à perturbação do espectro do autismo, nomeadamente, nas áreas da psicologia e da biologia.

A perturbação do espectro do autismo tem tido um maior reconhecimento graças à necessidade de um diagnóstico diferencial e que solicita um estudo específico ao nível da intervenção, principalmente na área da educação.

Esta perturbação que afecta o desenvolvimento da criança manifesta-se, normalmente, antes dos três anos de idade e prolonga-se para toda a vida. O autismo manifesta-se tendo por base uma tríade de défices que assenta em perturbações ao nível da comunicação e linguagem, ao nível da interacção social e ao nível do jogo imaginativo/simbólico e repertório de interesses. No entanto, estas podem surpreender-nos com excelentes capacidades ao nível musical, do cálculo, da memória, entre outras áreas.

O autismo angustia as famílias pois, as crianças apresentam uma aparência tipicamente normal, sem sinais óbvios de lesão, que demonstram um afastamento pelas relações sociais, dificuldades na comunicação e na actividade imaginativa. Os pais de crianças com necessidades educativas especiais enfrentam no seu dia-a-dia muitas situações complicadas e muitos desafios, condições que muitos pais não conhecem de perto, pois não vivem essa realidade. O simples facto de uma criança apresentar um determinado problema pode causar um impacto bastante profundo num lar, numa família e nas interacções que esta estabelece, causando, muitas vezes, tristeza, ansiedade e frustração. Muitas vezes, o que acaba por acontecer é um aumento de tensão na estrutura familiar, levando ao fortalecimento das

relações familiares ou, pelo contrário, à quebra de fortes laços afectivos. Alguns pais possuem a capacidade de lidar bem com as situações, adaptando-se, procurando ser realistas e encontrando soluções para os seus problemas. Por outro lado, alguns pais, que não se encontram tão bem preparados, encaram esta realidade como um desafio nunca ultrapassado e que se revela como uma ameaça ao núcleo familiar.

Os pais idealizam sempre os seus filhos como seres perfeitos, no entanto, quando é diagnosticado qualquer problema podem ser visíveis inúmeras reacções que se desdobram num choque inicial, seguido, muitas vezes, por uma rejeição e cepticismo, terminando numa grande dor física e emocional, que muitos referem sentir até na alma.

Ao longo da vida estas crianças irão sentir dificuldades que pensarão não conseguir ultrapassar e quando os pais se recusam a aceitar esta realidade ou quando se afastam por receio ou rejeição será, igualmente, uma dificuldade para os profissionais que lidam de perto com estas crianças. Muitas vezes, os profissionais sentem dificuldades em orientar os pais, quando estes se recusam a acreditar que o seu descendente tem NEE. Deste modo, torna-se indispensável que os profissionais se encontrem sensibilizados para os problemas dos pais e os auxiliem, para que estes estabeleçam laços fortes com os seus filhos, proporcionando-lhes sucesso ao nível emocional, académico e social.

A música é uma forma de arte que combina sons e silêncio, numa sequência simultânea ou em sequências sucessivas e simultâneas que se desenvolvem ao longo do tempo e com maior ou menor frequência, é uma presença constante na vida do ser humano.

Esta forma de arte expandiu-se ao longo dos tempos, por todo o mundo, por todos os povos e suas culturas, apresentando-se com diversas utilidades, não só como arte em si, mas também como algo educacional e terapêutico.

Pode a música ser um auxílio no desenvolvimento e aprendizagem de crianças com a perturbação do espectro do autismo?

Com o tempo, o interesse pela acção da música na saúde evoluiu. Ao ser realizada uma redescoberta da história no âmbito do efeito terapêutico da música, concluiu-se que, por longos séculos, se verificaram diversos exemplos dos poderes curativos e preventivos da música.

Desde tempos remotos, a música é vista como uma linguagem universal, que se encontra bem presente na história da humanidade. Esta tem a capacidade de contribuir para o desenvolvimento da inteligência e para a integração do ser humano. Assim, os autistas, pelas

suas especificidades e pelas perturbações do relacionamento social requerem uma reflexão profunda, surgindo a música como um meio facilitador do seu desenvolvimento.

Esta dissertação vem na sequência de um projecto elaborado no âmbito do curso de formação em Educação Especial no Domínio Cognitivo e Motor e que relacionava duas áreas, uma síndrome e uma arte, a perturbação do espectro do autismo e a música. Emergiu a curiosidade em descobrir se a música pode funcionar como um auxílio no desenvolvimento e aprendizagem de crianças com autismo, junto dos profissionais que todos os dias lidam com estas crianças e que, muitas vezes, encontram entraves na realização da sua vocação, colocando em causa a aprendizagem e o desenvolvimento dos seus alunos.

O trabalho será constituído por duas partes: a Parte I, Enquadramento Teórico, composta por três capítulos, que têm como objectivo transmitir através de uma revisão de bibliografia científica, uma explicação teórica da perturbação do espectro do autismo, da música e da música no tratamento de crianças com a perturbação do espectro do autismo e, a Parte II, Tratamento Empírico, composto por um capítulo que revela a forma como fomos tentando dar resposta às nossas questões, centrado na elaboração e implementação de um questionário acerca da perturbação do espectro do autismo e acerca da música, junto de professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico e professores da Educação Especial.

No capítulo 1, da Parte I, iremos apresentar uma caracterização teórica do autismo, desde o seu enquadramento teórico à sua evolução.

No capítulo 2, da Parte I, iremos apresentar uma caracterização teórica da música, desde o seu enquadramento teórico às precauções e contra-indicações.

No capítulo 3, da Parte I, faremos a abordagem teórica da música no tratamento de crianças com a perturbação do espectro do autismo.

Ao longo do capítulo 4, inserido na Parte II, realizaremos a apresentação e justificação do estudo em causa, apresentando o instrumento utilizado e o modo como foi elaborado e aplicado. Ainda, neste capítulo, apresentaremos os resultados relativamente aos objectivos do presente estudo.

Por fim, apresentaremos as conclusões, as linhas futuras de investigação e as referências bibliográficas que serviram de suporte para este trabalho de investigação.

PARTE - I

CAPÍTULO I - AUTISMO

1. O Espectro do Autismo – Enquadramento Teórico

1.1. Perturbação do Espectro do Autismo

“Conviver com o autismo é abdicar de uma só forma de ver o mundo, é percorrer caminhos que nos conduzem a uma múltipla forma de ver esse mesmo mundo, é sem dúvida falar e ouvir uma outra linguagem!” (Cavaco, 2005; p.76)

A perturbação do espectro do autismo é um distúrbio do desenvolvimento humano que se encontra em estudo há muitos anos mas sobre o qual ainda existem muitas divergências e dúvidas que não foram esclarecidas. É uma disfunção no desenvolvimento cerebral devido a alterações em algumas estruturas e funções cerebrais, de anatomia e química do cérebro, que tem origem na infância e persiste ao longo de toda a vida. O autismo caracteriza-se, essencialmente, por um desenvolvimento deficitário da comunicação e interacção social e um repertório muito limitado das actividades e interesses. As manifestações desta perturbação dependem do nível de desenvolvimento do sujeito e da sua idade cronológica.

A perturbação do espectro do autismo é caracterizada por alterações visíveis desde as idades mais precoces, antes dos três anos de idade e que se caracteriza por desvios na comunicação, no comportamento, na integração e interacção social e, ainda, na capacidade para realizar jogos simbólicos. De acordo com a AMA (Associação Médica Americana) em cada 10 000 nascimentos dois a quatro indivíduos registam autismo sendo que, esta perturbação é mais comum em meninos do que em meninas, não sendo uma condição que possa ser detectada no nascimento. Raramente, a PEA afecta mais do que uma criança em cada família. Não existem características óbvias e nem exames de sangue para detectar a PEA.

Nos nossos dias, esta perturbação ainda surpreende devido à sua diversidade de características e pelo facto de a criança que possui o autismo apresentar uma aparência tipicamente normal. A criança não consegue desenvolver competências de linguagem adequadas para a sua idade tornando-se os sinais característicos do autismo mais patentes à medida que a criança deixa de responder a estímulos. O autista pode revelar comportamentos de afastamento em relação aos pais, não querendo ser acarinhada pelos mesmos, causando dor nos seus progenitores.

A perturbação do espectro do autismo causa receio e tormento nos familiares das crianças portadoras desta síndrome pois, regularmente, estas crianças possuem uma aparência harmoniosa e, ao mesmo tempo, possuem um perfil irregular de desenvolvimento, com um

bom conhecimento e destreza em algumas áreas, enquanto outras se encontram muito condicionadas.

Não há duas pessoas que sejam afectadas igualmente, o autismo manifesta-se em todo o mundo, independentemente da raça, cultura, educação ou classe social, apesar da sua prevalência parecer ser maior nos meios mais favorecidos. Esta realidade poderá ser atribuída ao facto de as famílias que possuem um nível de educação mais elevado permanecerem melhor preparadas para o reconhecimento de comportamentos associados ao autismo logo, estarem mais aptas na procura de apoio.

Muitos pais sentem-se abalados por fortes sentimentos de culpa, atribuindo, muitas vezes, a si mesmos a responsabilidade pela NEE do seu filho. No entanto, em certas alturas, os pais culpam os médicos ou outros profissionais, nomeadamente os professores. Neste sentido, torna-se imperativo que os profissionais, mais concretamente os professores, não sintam esta atitude, por parte dos pais, como algo pessoal pois, encontram-se abatidos e transtornados e tendem a arremessar culpas para os outros que também lidam de perto com estas crianças, tentando encontrar uma justificação para a situação. Assim, os profissionais de saúde e os de educação devem fazer sentir aos pais que se preocupam, no sentido de desenvolver todo e qualquer potencial que a criança apresente.

Muitas crenças, com nenhum conteúdo válido, acerca do autismo levaram a que muitas crianças tivessem sido retiradas dos seus lares. Contudo, aos poucos, a realidade tem-se modificado devido aos progressos nas investigações. Verifica-se um enorme esforço por parte da ciência para que haja a identificação de sinais precoces numa criança e, para que, desta forma, se verifique a planificação de uma intervenção mais eficaz. Assim, os pais possuem, actualmente, um maior leque de técnicas novas e inovadoras no apoio dos seus filhos.

Cada núcleo familiar e cada pessoa são entidades únicas que possuem características e capacidades que os destacam do meio envolvente. Para estes, é necessário que sejam criados ambientes positivos. Pais, educadores e professores devem desenvolver a consciência individual da criança, realçando as suas qualidades e os seus talentos, características que a tornam única.

1.2. Conceito e Perspectiva Histórica

Do ponto de vista etiológico o termo «autismo» deriva da palavra grega «autos», que tem como significado «próprio ou em si mesmo», e o sufixo «ismo», que traduz uma ideia de «orientação ou estado». Assim, autismo indica um estado de alguém que tem tendência para se alienar na realidade exterior, a par de uma atitude de constante concentração em si próprio.

O autismo é uma deficiência grave que afecta o comportamento, a comunicação, a imaginação e a interacção com as outras pessoas mas também com o mundo. De acordo com Marques “O termo autismo (...) pode ser definido como uma condição ou estado de alguém que aparenta estar invulgarmente absorvido em si próprio.” (Marques, 2000; p.25)

Ao longo da história da medicina é possível situar a descrição de um primeiro caso de autismo nos relatos de um médico francês, denominado François Itard, acerca de um menino que foi encontrado na floresta. Mesmo tendo sido proporcionado tratamento e educação especializada, este menino nunca conseguiu desenvolver a linguagem, pois, as suas formas de relacionamento e comportamento era muito características.

Nos princípios do século XX surgiu, pela primeira vez, a designação de autismo associado à esquizofrenia «Autos» por Bleuler, em 1911, e que assume como significado «si mesma».

A ideia que se tinha do autismo era a visualização de pessoas perdidas, viradas para o seu mundo interior, com dificuldades cognitivas bem vincadas, com dificuldades linguísticas ténues e ainda, com movimentos estereotipados e repetitivos.

Porém, com o aparecimento do pedopsiquiatra Leo Kanner, em 1943, que publicou um artigo científico em inglês, intitulado «Autistic Disturbances of Affective Contact», onde descrevia um quadro clínico mais grave, ao qual agora denominamos Autismo Clássico ou Típico, esta ideia desvaneceu-se. Kanner publicou onze estudos de caso sobre um grupo de crianças (três raparigas e oito rapazes) onde descreveu possuírem um comportamento marcadamente e distintivamente diferente do da maioria das outras crianças e uma perturbação autística ao nível do contacto afectivo, destacando-se nestas, características como um profundo afastamento autista, um desejo obsessivo de preservação das mesmas coisas, uma boa capacidade de memória, uma expressão inteligente e ausente, um mutismo ou linguagem sem real intenção comunicativa, uma hipersensibilidade a estímulos e uma relação obsessiva com objectos. Apesar das crianças, em estudo, possuírem uma aparência física normal, cada uma delas exibia um isolamento extremo ou afastamento autístico profundo.

Ao longo da sua carreira, Kanner adoptou diferentes posições em relação à forma como o autismo poderia ser considerado uma doença inata ou como uma doença desencadeada por mecanismos de defesa psicológicos. Porém, não abandonou nenhuma destas hipóteses.

Pela mesma altura, em 1944, o pediatra Hans Asperger, que viveu e trabalhou em Viena, publicou numa revista médica alemã um trabalho intitulado «Autistic Psychopathy in Childhood» onde era efectuada a descrição de um grupo de crianças a quem denominou autistas. Neste trabalho, Hans Asperger, descreve um grupo de rapazes que tinha um QI médio ou acima da média, mas para quem era difícil encaixar-se socialmente. Nos nossos dias, estas crianças seriam descritas pelos pais e professores como sendo academicamente brilhantes, no entanto, socialmente um pouco estranhas ou muito inteligentes, mas um pouco excêntricas. Segundo o estudo de Hans Asperger, as crianças, do grupo em estudo, demonstravam frequentemente uma preferência pelo jogo solitário, em vez de se juntarem aos jogos das outras crianças. Quando ocorriam mudanças inesperadas no seu quotidiano, como mudanças de professores ou de aulas, a maior parte das crianças demonstrava grande ansiedade ou perturbação.

Este grupo de estudo evidenciava-se por possuírem uma forte capacidade de falar fluentemente mas em contrapartida possuíam uma falta de compreensão e de capacidade relativamente à importância e ao uso da conversação social. Apesar de existir um género de discurso com um bom conteúdo gramatical, uma boa articulação e um vocabulário rico, era estereotipado na sua enunciação.

Ainda, uma outra característica deste grupo de estudo era a de todos os rapazes fazerem, com frequência, tentativas de socialização e de aproximação aos outros, embora ao fazê-lo, normalmente cometessem erros. Para além de terem falta de competências sociais, em muitos elementos deste grupo notava-se uma fraca coordenação. Estas crianças tinham a consciência que eram diferentes, alguns, até, desenvolveram depressões.

Hoje em dia, alguns estudantes estão conscientes dessas diferenças e apresentam uma baixa auto-estima, tornam-se pessoas tristes, deprimidas e, em alguns casos, desenvolvem tendências suicidas.

Em ambos os estudos, os indivíduos com autismo clássico do grupo de estudo de Kanner e os indivíduos do grupo de Asperger partilhavam algumas características, sobretudo uma tendência para manterem interesses obsessivos ou invulgares e uma preferência pelas rotinas.

No entanto, como era uma altura de guerras, a investigação e o trabalho de Asperger ficou esquecido e, pelo contrário, o de Kanner foi reconhecido. Assim, utilizaram o mesmo nome para descrever pessoas semelhantes e, ao mesmo tempo, diferentes, pois os doentes de Asperger eram inteligentes e tinham uma linguagem quase normal.

Em 1956, Kanner num trabalho continuou a descrever o quadro como uma psicose, mencionando que os exames clínicos e laboratoriais não conseguiram fornecer dados viáveis relativamente à sua etiologia, efectuando uma diferenciação dos quadros deficitários sensoriais. Desta forma, Kanner definiu a perturbação do espectro do autismo como uma inata alteração autista do contacto afectivo.

Assim, o autismo de Kanner é a forma mais grave da doença, considerado de baixo nível, sendo uma variante benigna do autismo clássico, passando a ser um autismo altamente funcional. As descrições de Asperger são, no entanto, mais amplas surgindo com novas características sobre a doença, as quais não foram referidas por Kanner.

Na década de 50, alguns autores norte-americanos, por mero pudor à palavra psicose, denominavam as crianças com autismo como crianças atípicas, cujo desenvolvimento podia ser atípico ou excepcional.

Mais tarde, a partir da década de 60, a psicose infantil foi dividida em Psicoses da Primeira Infância – Autismo Precoce e Psicose da Segunda Infância.

Até à década de 70 tinham sido publicados, somente, mil e quinhentos artigos acerca desta perturbação. Por esta altura, surgiu a primeira revista científica dedicada especialmente a este tema, intitulada «Journal of Autism and Childhood Schizophrenia».

No ano de 1976, com Ritvo, surgem as primeiras alterações a esta concepção visto que, Ritvo relaciona a perturbação do espectro do autismo a um défice cognitivo considerando-o um distúrbio do desenvolvimento.

Nos fins da década de 70, Rutter descreveu o transtorno autista como sendo uma síndrome que se caracterizava pelas perturbações das relações afectivas com o meio e, desta forma, começou por se distinguir o autismo da esquizofrenia.

Em 1979 Lorna Wing, psiquiatra britânica, através de um estudo levado a cabo em Camberwell que envolveu cento e trinta e duas crianças com idades compreendidas entre os dois e os dezoito anos, nascidas numa zona sul de Londres, concluiu que as crianças que podiam ser descritas pela perturbação autística de Kanner possuíam todas dificuldades ao nível da esfera social e do relacionamento, alterações na linguagem e comunicação, alterações no comportamento e flexibilidade de pensamento ou de imaginação. Deste modo, reforçou-se

a ideia de que os critérios para o diagnóstico do autismo deviam incluir alterações nestas áreas do desenvolvimento.

Assim, Lorna Wing, reconheceu que o trabalho de Asperger descrevia um grupo de pessoas que não satisfazia os critérios de autismo usados até à data.

Deste modo, foi a primeira a utilizar o termo Síndrome de Asperger, onde concluiu existir um traço distintivo do autismo, ou seja, uma «Tríade de Impedimentos Sociais» ou uma «Tríade de Incapacidades» que apresenta traços de impedimentos sociais que se caracterizam por défice na interacção social – socialização, na comunicação e na imaginação, variando ao longo do tempo e do grau de severidade.

Segundo Jordan “É esta tríade que define o que é comum a todas elas, consistindo em dificuldades em três áreas do desenvolvimento mas nenhuma dessas áreas, isoladamente e por si só, se pode assumir como reveladora de “autismo””. (Jordan, 2000 p. 12)

O autor salienta ainda que “É a tríade, no seu conjunto, que indica se a criança estará, ou não, a seguir um padrão de desenvolvimento anómalo e, no caso de se registar uma deficiência numa das áreas apenas, ela poderá radicar numa causa completamente diferente.” (Jordan, 2000 p. 12)

Esta tríade é responsável por um padrão de comportamentos restritos e repetitivos, mas com circunstâncias de inteligência que variam do atraso mental aos níveis acima da média.

Ainda, no seu estudo, Lorna Wing apontou um outro conceito para uma melhor definição clínica do autismo, o conceito de espectro do autismo. O conceito do espectro do autismo tem como objectivo descrever o facto de que mais do que um conjunto contínuo de sintomas «síndroma», a perturbação autística manifesta-se através de combinações de tipos de sintomas, em maior ou menor intensidade «espectro de sintomas». A manifestação das características do autismo não obedece à intensidade (maior ou menor) mas sim, à presença de um número ou de um tipo de alterações. O facto de as manifestações autísticas compreenderem entre si diferentes combinações de sintomas é fulcral para a compreensão da doença, das crianças com autismo e das diferentes necessidades de cada uma.

Desde então, o conceito de autismo mudou de uma forma bastante significativa. De uma perturbação do comportamento de limites bem definidos, um quadro clínico preciso e estereotipado, o autismo passou a ser visto como uma patologia com um espectro de gravidade e sintomas variáveis.

Na Europa, mais concretamente em França, o conceito de esquizofrenia infantil foi substituído pelo conceito de psicose infantil, onde se enquadra o autismo. Assim, o autismo infantil é uma psicose. O termo psicose infantil precoce aplica-se às psicoses que se iniciam na primeira infância, enquanto a esquizofrenia infantil está reservada aos quadros com início mais tardio, que surgem depois do desenvolvimento da criança ter sido relativamente normal.

A inexistência de uma explicação etiológica simples e clara, a complexidade inerente ao processo, as características diferentes, nem sempre fáceis de interpretar, de prever e de controlar, assim como a inconstância dos sujeitos com o mesmo diagnóstico, torna o processo muito complexo no que se refere à patologia cognitiva específica. São conhecidos muitos trabalhos e muitas investigações no âmbito das perturbações do espectro do autismo que esclarecem que o autismo não é uma doença contagiosa, não havendo indícios de que se adquira através do contacto com o meio. Não há medicamentos que possam curar o autismo. Porém, por vezes, uma medicação adequada pode melhorar a atenção e reduzir os sintomas incómodos e os comportamentos auto-agressivos. O tratamento é complexo, centra-se numa abordagem medicamentosa que tem por objectivo reduzir alguns sintomas, nomeadamente, a agitação, a agressividade e a irritabilidade.

Embora tenham surgido alegações que variam entre o anúncio de «curas milagrosas» e a afirmação de que «podem ser conseguidas melhoras», os dados recolhidos até à data sugerem que, embora se possa lidar com o autismo através de uma intervenção especializada, não existe cura para o autismo. Se uma pessoa tem autismo, será autista toda a vida. Em cada indivíduo, esta situação manifestar-se-á em diversos níveis de intensidade.

De acordo com Bosa et Baptista “autismo é uma síndrome intrigante porque desafia nosso conhecimento sobre a natureza humana. Conviver com o autismo é abdicar de uma só forma de ver o mundo” (Bosa et Baptista, 2002; p.37) Para os mesmos (...) É percorrer caminhos nem sempre equipados com um mapa nas mãos, é falar e ouvir uma outra linguagem, é criar oportunidades de troca e espaço para os nossos saberes e ignorância.” (Bosa et Baptista, 2002; p.37)

Segundo Siegel “o autismo é uma perturbação do desenvolvimento essencialmente caracterizada por grandes dificuldades na comunicação e no funcionamento social.” (Siegel, 2008; p.21)

Conforme afirma Frith, o autismo é

“uma deficiência mental específica que pode ser enquadrada nas Perturbações Pervasivas do Desenvolvimento e que afecta, de um modo qualitativo, as interações sociais recíprocas, a

comunicação verbal e não-verbal, a actividade imaginativa e expressa-se por meio de um repositório restrito de actividades e interesses.” (Frith, 2006, p. 17-18)¹

Com a evolução da ciência e das pesquisas científicas, os cientistas chegaram à conclusão que “o autismo não é um distúrbio de contacto afectivo, mas sim um distúrbio do desenvolvimento.” (Kuperstein & Missalglia, 2005)²

Hoje em dia, ainda, é visível uma enorme controvérsia acerca dos factores que se associam ao diagnóstico da perturbação do espectro do autismo. Por se verificar haver uma falta de acordo constatou-se que esta perturbação afecta uma vasta gama de áreas do desenvolvimento cognitivo e afectivo.

Entre as características marcantes do autismo destacam-se:

- o acentuado atraso ou um notório insucesso na aquisição da linguagem;
- o uso pouco vulgar da linguagem, de uma forma não comunicativa;
- a incapacidade para comunicar com palavras ou gestos;
- a boa capacidade de memorização de rotinas, frequentemente relacionadas com objectos pouco usuais, como números de calçado, supermercados, matrículas de automóveis, entre outros;
- a inabilidade comum a todos os indivíduos para desenvolver relacionamentos, incluindo pais e irmãos;
- as competências de interacção limitadas, que vão desde a dificuldade em manter contacto visual até uma inabilidade para manter uma conversa, para socializar ou para partilhar;
- a dificuldade quanto ao relacionamento com pessoas e objectos;
- a incapacidade de ter consciência dos outros;
- a incapacidade para receber afectividade, logo, intolerância a contactos físicos;
- a preferência por jogos repetitivos e estereotipados;
- a preferência e fascínio por objectos que podem ser manipulados através de movimentos repetitivos;
- o desejo obsessivo de conservação da uniformidade, incluindo as rotinas;
- a perturbação extrema quando as rotinas são alteradas, mostrando resistência à mudança.

¹ Frith 2006, citando Pereira & Serra, 1989.

² Kuperstein & Missalglia, 2005, Autismo, consultado em www.autismo.com.br.

As crianças com a PEA, por vezes, parecem surdas, no entanto, têm a capacidade para ouvir palavras sussurradas à distância. O facto de se recusarem a ouvir é uma característica bastante comum nestas crianças, deste modo, os pais e outros profissionais que lidem com o autismo de perto não devem adquirir estes comportamentos em termos pessoais. Uma ou mais destas características podem verificar-se em crianças que apresentem outras deficiências, nestes casos, é frequente utilizar-se a expressão «comportamento de tipo autista».

Na DSM-IV-TR de 2006 pode ler-se que “O Transtorno Autista consiste na presença de um desenvolvimento comprometido ou acentuadamente anormal da interacção social e da comunicação e um repertório muito restrito de actividades e interesses. (Kuperstein & Missalglia, 2005; p.1)

Ainda, a DSM-IV-TR refere que “As manifestações do transtorno variam imensamente, dependendo do nível de desenvolvimento e da idade cronológica do indivíduo.” (Kuperstein & Missalglia, 2005; p.1)

O autismo é considerado como uma perturbação global do desenvolvimento, com a finalidade teórica de afastá-lo das psicoses, estando estas perturbações compostas por um grupo heterogéneo de processos e que se caracterizam pela presença de défices em múltiplas áreas funcionais como a interacção social, a comunicação verbal e gestual e a existência de comportamentos estereotipados. (DSM-IV, 2006)

De acordo com Siegel “o autismo é uma perturbação do desenvolvimento que afecta múltiplos aspectos da forma como a criança vê o mundo e aprende a partir das suas próprias experiências.” (Siegel, 2008; p.21)

Em suma, o universo do autismo é uma realidade complexa que engloba conceitos distintos, mas que se cruzam em determinados pontos. A evolução que se tem verificado ao longo do tempo relativamente à sua terminologia tem convergido para um melhor esclarecimento da perturbação autista, embora, seja necessário ter em conta que as características identificadas não estão presentes em todos os indivíduos, nem se manifestam sempre do mesmo modo.

1.3. Quadro Clínico

“Independentemente do número de vezes que me reuni e conversei com os pais que, e pela primeira vez, se conformavam com o diagnóstico de autismo, sei que não posso sentir o mesmo que eles sentem em relação a esse diagnóstico. Sei que são muitas as emoções envolvidas tanto as emoções parentais como o tratamento da criança são questões muito importantes que necessitam de ser cuidadosamente analisadas. Ao longo dos anos, tomei consciência de que a melhor defesa dos pais contra a potencial devastação emocional provocada pelo diagnóstico de autismo consiste em rapidamente se tornarem competentes nesse domínio, de forma a poderem obter ajuda para os seus filhos. Veja o planeamento do tratamento e a respectiva implementação como uma forma positiva de abordar o problema, útil tanto para as crianças como para os pais, levando-os a funcionar o melhor possível.” (Siegel, 2008, p. 15)

Os sinais da perturbação do espectro do autismo podem verificar-se nos primeiros dias de vida de uma criança, no entanto, os estudos apontam para um desenvolvimento da doença a partir dos dois ou três anos de idade. Porém, na maior parte das vezes, as crianças só começam a ter um acompanhamento médico muito mais tarde.

Desta forma, é possível efectuar-se uma distinção entre um grupo de crianças que apresenta uma sintomatologia precoce, que surge desde o nascimento, e outro grupo de crianças que apresenta uma normalidade à nascença mas a partir dos 18 meses de idade começam por apresentar sinais característicos da doença, incrementando-se a partir dos 2 anos de idade, etapa em que a criança começa a evoluir a aquisição da linguagem.

O atraso ou anomalia na aquisição da linguagem nestas idades leva os seus progenitores a procurarem um acompanhamento clínico, facto que conduz a um diagnóstico voltado para a perturbação do espectro do autismo.

Muitas vezes, os pais associam os sintomas da doença a casos pontuais como uma doença ou uma intervenção cirúrgica sofrida pela criança levando-as a uma regressão. Contudo, quando os pais se apercebem que esta regressão não se deve a nenhum destes factores procuram ajuda e esta ajuda é fundamental para que se realize uma investigação.

Outros aspectos que realçam a atenção dos pais são a calma excessiva e sonolência ou então o choro compulsivo e sem consolo. E, quando isto acontece, as crianças, muitas vezes, rejeitam o afecto, o colo, a aproximação física dos pais.

Tardiamente, os pais perceberão que a criança não consegue imitar, não consegue partilhar emoções e sentimentos, nem realizar gestos comunicativos que são comuns nos

bebés, como o aceno da mão para cumprimentar alguém. Ainda, o contacto visual é evitado por estas crianças, não conseguem estabelecer um contacto ocular ou, se o fazem, é por um período de tempo muito reduzido.

Podem verificar-se movimentos estereotipados, ou seja, movimentos repetitivos com as mãos ou com outra parte do corpo. A agressão a si próprias como as mordidas nas mãos, a fixação do olhar para determinados pontos assim como, problemas com o sono são outras características comuns nas crianças com autismo. Ao nível da alimentação, estas crianças também apresentam alguns problemas, destacam-se a recusa alimentar ou então o gosto restringido a determinados alimentos.

É importante ressaltar que os aspectos referidos são os mais comuns mas não são as condições necessárias e específicas para o diagnóstico do espectro do autismo.

1.4. O Espectro de Manifestações Autísticas

“As características comportamentais que distinguem as crianças autistas das que apresentam outros tipos de perturbações do desenvolvimento, relacionam-se basicamente com a sociabilidade, o jogo, a linguagem, a comunicação no seu todos, bem como o nível de actividade e o repertório de interesses.” (Marques, 2000, p.28)³

O autismo não se caracteriza apenas por uma característica singular mas sim, por um conjunto de dificuldades que assentam em três níveis, ou seja, numa tríade de incapacidades, nomeadamente:

Quadro I – Tríade de Incapacidades

Problemas de Comunicação e Linguagem	Comprometimento da capacidade de se envolver em convívios sociais que impliquem a livre expressão da comunicação quer receptiva que expressiva.
Problemas de Interação Social	Limitação extrema na capacidade de se envolver em convívios sociais, que implicam interacção mútua.
Problemas no jogo imaginativo/simbólico e repertório de interesses	Pouca capacidade de imaginar ou de fantasiar, jogo simbólico. Como consequência destas perturbações a criança manifesta um repertório restrito de comportamentos e interesses limitados e obsessivos.

Fonte: elaboração própria.

Para além das complexidades do conteúdo verbal (expressão, volume e velocidade do discurso), verificam-se também dificuldades ao nível do contacto visual, da expressão facial e da linguagem corporal.

³ Marques, 2000, citando Fejerman & Rapin 1994.

Os **problemas de comunicação e linguagem** passam pela dificuldade que as crianças com autismo apresentam em realizar uma simples imitação directa de um gesto como o acenar com a mão num contexto social. Para a maior parte das pessoas, a leitura e a interpretação naturais dos gestos e expressões faciais dos outros conduz a uma melhor compreensão daquilo que alguém está a dizer. A incapacidade para interpretar este tipo de sinais, quando são combinados com a linguagem oral, pode prejudicar a percepção do que está a ser dito e, ao nível da aprendizagem, daquilo que é solicitado. A aquisição da linguagem efectua-se de uma forma lenta e tende a estabilizar num nível inferior ao que é esperado.

O desenvolvimento da linguagem numa criança com autismo varia ao nível da compreensão. Algumas crianças possuem a linguagem desenvolvida tendo, no entanto, alguns limites na compreensão. As que possuem autismo típico nem sequer falam, outras começam por falar tardiamente, referindo-se a si próprias utilizando o seu próprio nome, em vez de utilizarem o pronome pessoal «eu».

A linguagem é pouco comum nestas crianças não conseguem utilizar a linguagem para pensar e comunicar, verificando-se o uso de repetições em eco em diversas situações. Na maior parte das situações, as crianças com autismo revelam dificuldades em compreender o sentido da comunicação.

Ao nível da aprendizagem, algumas crianças apresentam dificuldades de aprendizagem específicas que prejudicam o seu desempenho escolar, enquanto outras adquirem graus universitários e apresentam um bom sucesso académico.

Os **problemas de interacção social** são os problemas mais comuns nas crianças com autismo. Todos os indivíduos com autismo são frequentemente confrontados pela sua incapacidade natural para decifrar e para reagir adequadamente a diferentes situações sociais. Esta incapacidade de desenvolver relações interpessoais é apontada como a principal característica das crianças autistas. Algumas crianças com autismo apresentam dificuldades comportamentais extremas, por outro lado, algumas são bastante meigas. As crianças mais pequenas têm por hábito isolarem-se num compartimento, sala ou local, cheio de pessoas, até mesmo familiares, sentindo dificuldades em relação aos afectos, ausência do contacto visual ou de resposta à voz dos pais.

Segundo Siegel “as interacções sociais são pouco frequentes e, usualmente, menciona-se que o indivíduo com autismo vive num “mundo à parte” ou “no seu próprio mundo” (...) Ao nível da

vinculação, estes mantêm pouco contacto de vinculação com os parentes mais próximos, como o pai ou a mãe.” (Siegel, 2008, p. 41)

Por outro lado, algumas crianças com autismo sentem-se bem e integradas na sua comunidade, na sociedade em geral, destacando-se outras que permanecem isoladas, excluídas e desintegradas da sociedade.

O comportamento dentro de um grupo social irrompe como uma fonte de conflitos que se inicia na infância e que se destacam muitas vezes dentro do seio familiar. Os afectos são limitados e encarados com uma determinada incompreensão e até mesmo, com alguma rejeição, facto que origina nos pais uma grande tristeza e um sofrimento profundo. Demonstram assim, um forte desconhecimento do impacto das suas acções e comportamentos nos outros, assim como, parecem inconscientes relativamente aos sentimentos que os outros revelam.

O facto de estas crianças possuírem uma sensibilidade excessiva pode levá-las a darem respostas atípicas às experiências sensoriais, a resistirem perante situações de carícias.

Os autistas apresentam uma enorme dificuldade em estabelecer laços afectivos, não apresentando comportamentos espontâneos de contacto e convívio com os outros. As crianças com autismo têm tendência para repetir os mesmos movimentos, assim como, as atitudes e acções. Os comportamentos referidos provêm, na maior parte das vezes, da dificuldade de comunicação, de problemas na compreensão do significado social dos comportamentos e da sensibilidade excessiva a certos estímulos sentidos como incómodos.

Por vezes, verifica-se a tendência à agressividade por parte de algumas crianças, principalmente quando estão perante um ambiente perturbador ou estranho à sua rotina. Ainda, quando estão zangadas, frustradas ou perante a hipersensibilidade a alguns estímulos. E por este modo, insistem na manutenção das suas rotinas e quando são contrariadas revelam a sua raiva.

A vida é na sua essência, sobretudo, social pois, envolve uma constante aprendizagem acerca de como interagir com os outros em diversos meios e situações. Este processo de aprendizagem social não está, apenas, dependente das competências de comunicação verbal directa mas, também, da captação e da decifração de pistas e regras sociais não escritas. Para a maior parte destas pessoas é um contínuo processo de aprendizagem, que se destaca de forma natural e, ao mesmo tempo, excitante. Destaca-se como um verdadeiro caminho repleto de obstáculos, contendo desafios atrás de desafios.

Os **problemas no jogo imaginativo/simbólico e repertório de interesses** descrevem-se pela rigidez e severidade alargando-se a diversas áreas do pensamento, da linguagem e do comportamento. As situações referidas podem ser confirmadas nos comportamentos obsessivos, na compreensão puramente literal da linguagem, na fraca aceitação de ideias e mudanças assim como, na dificuldade em processos criativos.

As crianças com autismo não sabem brincar ao “faz de conta”, revelam inúmeras dificuldades no jogo imaginativo e no jogo simbólico. Quando brincam podem passar prolongados períodos de tempo a explorar a forma e a textura do brinquedo não usufruindo propriamente, do brinquedo em si, a fim de se divertirem.

Algumas crianças com autismo e que possuem a sua inteligência um pouco mais desenvolvida fixam-se em determinados assuntos que, na maior parte das vezes, não são comuns nas crianças da mesma idade, como por exemplo, calendários ou animais pré-históricos, facto que muitas vezes leva à confusão das pessoas, que pensam que estas crianças possuem um nível de inteligência muito superior à sua idade.

1.5. Causas da Perturbação do Espectro do Autismo

Nos anos 40 e 50 imperava a ideia de que a causa do autismo residia nos problemas de interacção da criança com os pais. Muitas teorias sem base científica culpabilizavam os pais, nomeadamente as mães, por não saberem dar respostas afectivas aos seus filhos.

A partir dos anos 60, a investigação científica, baseada em estudos de casos de gémeos e em doenças genéticas associadas ao autismo apresentou a existência de um factor genético multifactorial e de causas orgânicas relacionadas com a sua origem. O facto de estas causas serem diversas explica a diversidade das pessoas com autismo.

As causas do autismo não são totalmente conhecidas, podem existir diversas causas. Assim como existem inúmeros tipos de autismo, existem também diferentes tipos de causas para o autismo. Porém, trata-se de uma deficiência que possui uma origem biológica e que afecta o desenvolvimento do cérebro. Segundo Pereira “(...) o autismo resulta de uma perturbação de determinadas áreas do sistema nervoso central, que afectam a linguagem, o desenvolvimento cognitivo e intelectual e a capacidade de estabelecer relações”. (Pereira, 2006; p.24)

As alterações na anatomia e funções cerebrais são a causa mais garantida para a manifestação do autismo numa criança. As referidas alterações surgem numa fase precoce da vida e têm tendência para serem irreversíveis.

Segundo alguns estudos, sabe-se que o autismo tem uma base hereditária, parecendo existir uma pré-disposição genética complexa e multidimensional para desenvolver autismo e que determinados factores pré e pós-natais como doenças precoces, infecções virais, a exposição a determinados componentes do ambiente, desequilíbrios metabólicos podem contribuir de uma forma determinante na origem do autismo. É como se a interacção entre o potencial genético e os factores do meio ambiente fossem a condição clínica de base à manifestação do autismo.

Ao nível científico há um consenso que relata que o autismo se deve a uma disfunção cerebral precoce que tem uma causa biológica.

As investigações actuais acerca do autismo indicam que os factores genéticos se encontram relacionados com o aparecimento do autismo numa criança. Os estudos revelam que o autismo é mais comum nas crianças de sexo masculino do que nas crianças de sexo feminino e, que, é mais frequentemente em irmãos gémeos de pessoas com autismo.

Os factores genéticos apesar de apresentarem grande peso no reconhecimento do autismo numa criança, não possuem qualquer mecanismo genético específico que tenha uma influência directa na sua manifestação. Pelo contrário, o padrão de transmissão genética do autismo descreve-se como um padrão «multicomplexo». Segundo Levy surge como “um conjunto de factores que se podem combinar de diferentes formas entre si”. (Levy, 2006; p.16)

Actualmente, existe um consenso na comunidade científica que defende que não há ligação causal entre atitudes e acções dos pais e o autismo. As pessoas com autismo podem nascer em qualquer país, ligadas a qualquer uma cultura, independentemente da classe social, raça ou educação parental.

1.6. Diagnóstico

De acordo com Siegel, o diagnóstico possui dois pressupostos, “Primeiramente, um diagnóstico é um rótulo. Significa que o problema é reconhecível e já aconteceu antes. (...) O segundo muito importante do rótulo ou diagnóstico, é que é um bilhete para aceder aos diferentes serviços de apoio.” (Siegel, 2008; p.41)

Não há um teste ou exame que seja aplicável às crianças para que seja possível efectuar-se um diagnóstico. O diagnóstico é fundamental, pois, permite explicar à família o que a criança tem, dando-lhes a oportunidade de ficarem com a ideia daquilo que poderão vir a esperar do seu filho visto que, descreve os sintomas do autismo, os sintomas mais marcantes e os mais moderados, assim como, uma descrição dos pontos fortes e fracos.

Ainda, a realização do diagnóstico permite iniciar um plano de tratamento e encaminhar a criança aos serviços que poderá usufruir, aqueles que necessita para colmatar as suas necessidades e dificuldades. O autismo pode ser diagnosticado por uma equipa multidisciplinar de profissionais que recorram à utilização de instrumentos validados para efectuarem o diagnóstico através de um quadro clínico.

Actualmente, os pediatras dos centros de saúde são quem faz, oficialmente, o diagnóstico da perturbação do espectro do autismo. Este cenário resulta da evidência das suas próprias observações ao indivíduo, em conjugação com a informação recolhida junto dos pais, das escolas e de outros profissionais. Entre estes profissionais podem encontrar-se terapeutas da fala e da linguagem, psicólogos educacionais e clínicos.

Um diagnóstico prévio desta perturbação que permita uma intervenção precoce é visto, geralmente, de uma forma positiva pelos pais e pelas escolas.

Através dos estudos clínicos sobre o autismo chegou-se a um conjunto de sinais e sintomas de autismo que devem ser conhecidos dos técnicos, de forma a poderem fazer-se diagnósticos adequados e melhor partilhar a informação.

Deste modo, o DSM (Diagnostic and Statistic Manual for Mental Diseases) é um manual clínico editado periodicamente pela APA – Associação Americana de Psiquiatria e que compreende toda a informação clínica para descrever as patologias do foro mental.

Como já foi referido anteriormente, não há nenhum teste nem sequer um aparelho electrónico que nos indique qual o grau de autismo de uma criança, e se esta tem ou não autismo. Como não existe nenhum aparelho que possibilite a descoberta do diagnóstico é possível efectua-lo através de critérios clínicos, utilizando entre outros, o trabalho de Gillberg,

Attwood, Szatmari ou DSM-IV. No entanto, surgem alguns problemas como a criação, por parte de peritos de reputação internacional, de um conjunto de critérios semelhantes mas ao mesmo tempo diferentes. Assim como, o facto de se estar perante uma perturbação do desenvolvimento que se altera quando o bebé passa de lactente a criança e de adolescente a adulto. Deste modo, um conjunto único de critérios não tem em conta as mudanças que vão ocorrendo ao longo da vida.

A detecção e o reconhecimento precoces revelam-se de forma importante para uma intervenção capaz de oferecer uma melhoria na qualidade de vida destas crianças. É difícil avaliar o nível de funcionamento intelectual das crianças com autismo devido aos défices tanto ao nível social e de linguagem que interferem na avaliação. A maior parte destas crianças apresenta dificuldades de aprendizagem fracas ou moderadas. Porém, uma minoria revela competências invulgares, reconhecidas acima das competências ordinárias ao nível da matemática, música, desenho e memória.

1.7. Critérios de Diagnóstico

O DSM-IV reagrupa os critérios de diagnóstico em três comportamentais e um critério cronológico.

Quadro II – Critérios de Diagnóstico para a PEA

CRITÉRIOS DIAGNÓSTICOS DO DSM-IV PARA PERTURBAÇÃO DO ESPECTRO DO AUTISMO
<p>A. Um total de seis (ou mais) itens de (1) (2) e (3), com pelo menos dois de (1), e um de (2) e de (3).</p> <p>1. Défice qualitativo na interacção social, manifestado pelo menos por duas das seguintes características:</p> <ul style="list-style-type: none">a. Acentuado défice no uso de múltiplos comportamentos não-verbais, tais como contacto ocular, expressão facial, postura corporal e gestos reguladores da interacção social;b. Incapacidade para desenvolver relações com os companheiros, adequados ao nível de desenvolvimento;c. Ausência da tendência espontânea para partilhar com os outros prazeres, interesses ou objectivos (por exemplo, não mostrar, trazer ou indicar objectos de interesse);d. Falta de reciprocidade social ou emocional. <p>2. Défices qualitativos na comunicação, manifestados pelo menos por uma das seguintes características:</p> <ul style="list-style-type: none">a. Atraso ou ausência total de desenvolvimento de linguagem oral (não acompanhada de tentativas para compensar através de modos alternativos de comunicação, tais como gestos ou mímica);b. Nos sujeitos com um discurso adequado, uma acentuada incapacidade na competência para iniciar ou manter uma conversação com os outros;c. Uso estereotipado ou repetitivo da linguagem ou linguagem idiossincrática;d. Ausência de jogo realista espontâneo, variado, ou de jogo social imitativo adequado ao nível de desenvolvimento. <p>3. Padrões de comportamento, interesses e actividades restritos, repetitivos e estereotipados, que se manifestam pelo menos por uma das seguintes características:</p>

- a. Preocupação absorvente por um ou mais padrões estereotipados e restritivos de interesses que resultam anormais, quer na intensidade quer no seu objectivo;
 - b. Adesão, aparentemente inflexível, a rotinas ou rituais específicos, não funcionais;
 - c. Maneirismos motores estereotipados e repetitivos (por exemplo, sacudir ou rodar as mãos ou dedos, ou movimentos complexos de todo o corpo);
 - d. Preocupação persistente por partes de objectos.
- B. Atraso ou funcionamento anormal em pelo menos uma das seguintes áreas, com início antes dos 3 anos de idade:
- (1) interacção social, (2) linguagem usada na comunicação social, ou (3) jogo imaginativo ou simbólico.
- C. A perturbação não é melhor explicada pela presença de uma Perturbação de Rett ou Perturbação Desintegrativa da Segunda Infância.

American Psychiatric Association. (2006). *DSM-IV-TR. Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*. Lisboa: Climepsi Editores.

1.8. Evolução

A perturbação do espectro do autismo apresenta uma evolução contínua, as suas características não são as mesmas ao longo da vida, no entanto, não significa que o diagnóstico se altere ou até mesmo, que a criança ficou curada. De acordo com estudos, o aparecimento e desaparecimento de determinadas características significa que se verificaram alterações globais ao nível do comportamento da criança.

De acordo com o tempo e o nível de desenvolvimento da criança as características específicas encontram-se sujeitas a variações, nomeadamente, na dificuldade em descodificar expressões ou emoções (próprias ou nos outros), alheamento, hiperactividade, resistência à mudança, dificuldade em expressar as suas necessidades, entre outras.

As características determinam o tipo e o grau de dificuldade que se sente ao trabalhar com crianças com autismo. Deste modo, é necessária a realização de um trabalho voltado para as características específicas da criança, de forma a responder às suas necessidades.

Quando o prognóstico é favorável é porque está relacionado com a ausência de uma patologia neurológica concreta, um nível de inteligência normal, um desenvolvimento da linguagem antes dos cinco anos de idade, a presença de diversas capacidades e o ambiente onde a criança cresce e se desenvolve.

Um bebé com autismo revela determinadas características diferentes das que outros bebés da sua idade revelam, pois, podem ser visíveis atitudes de indiferença pelas pessoas e pelo ambiente, assim como, apresentar algum medo perante determinados objectos. Ainda, o bebé pode chorar constantemente sem razão aparente ou, então, pode, pelo contrário, nunca chorar.

Quando o bebé passa para a fase de gatinhar pode começar por fazer movimentos repetitivos, como bater palmas, rodar objectos e movimentar a cabeça de um lado para o outro. Nas suas brincadeiras, não recorre ao jogo social nem ao jogo faz de conta, pois, não consegue interagir com os outros, sejam crianças ou adultos. Os brinquedos que utiliza para as suas brincadeiras não os consegue utilizar na sua própria função, um carro pode revelar-se um objecto que a criança atira e uma boneca pode servir para se desmontar e não para brincar.

Na faixa etária dos dois aos cinco anos de idade, o comportamento autista tende a evidenciar-se, a criança não fala ou, se consegue fazê-lo, recorre à ecolalia, repetindo os sons. Por vezes, surgem crianças que falam correctamente mas não utilizam a linguagem na sua

função comunicativa, pois continuam a mostrar problemas na interação social e nos interesses.

Quando chegam à adolescência, as crianças autistas adicionam aos problemas da síndrome os problemas da adolescência. Em alguns casos, conseguem melhorar as suas relações sociais e o seu comportamento, ou, então, podem regredir no sentido em que, voltam a fazer birras, revelam auto-agressividade ou agressividade para com os outros.

No que concerne à esperança média de vida de uma criança com a perturbação do espectro do autismo, esta encontra-se relacionada com o Q.I. da criança, pois as crianças com graves limitações intelectuais ao nível desta síndrome possuem um pior prognóstico.

As crianças com perturbação do espectro do autismo têm boas capacidades para se integrarem em escolas normais e podem, igualmente, desenvolver diversas actividades profissionais. Porém, algumas, na idade adulta necessitam de algum acompanhamento. Na maior parte das vezes, não conseguem ser completamente independentes e necessitam de um ambiente que lhes proponha rotinas comparadas com as do mundo escolar.

CAPÍTULO II - MÚSICA

2. A Música – Enquadramento Teórico

2.1. Música

“A música passa uma mensagem e revela a forma de vida mais nobre, a qual, a humanidade almeja, ela demonstra emoção, não ocorrendo apenas no inconsciente, mas toma conta das pessoas, envolvendo-as trazendo lucidez à consciência.” (Faria, 2001; p.26)

Ao longo da História da Humanidade, a música apresenta-se como um domínio artístico de eleição e linguagem universal, enquadrada em diversificadas formas e manifestações, expressa e protagonizada por diferentes grupos e classes sociais em múltiplos contextos, circunstâncias e acontecimentos da vida pessoal, familiar, social e política dos povos.

Existem várias teorias acerca da origem da música na cultura humana, esta tem sido interpretada e definida de muitas formas, em cada época e cultura, de acordo com o modo de pensar e com os valores vigorantes.

Tradicionalmente, a música é vista como um fenómeno sócio-cultural. As pessoas encaram a música como um entretenimento necessário à vida, mas, é muito mais do que isso, é mais do que uma mera associação de sons, palavras e movimentos, é um óptimo instrumento que faz a diferença em qualquer meio, torna tudo mais simples, mais compreensível, mais belo. Independentemente da sua cultura, religião, raça ou condição física, as pessoas quando escutam a música podem encontrar nela tranquilidade, socorro, estímulo ou simplesmente um meio de comunicação com o mundo.

Grande parte do ser humano tem a capacidade de ouvir música, de a apreciar, de a partilhar com os outros, no entanto, uma minoria tem conhecimentos acerca da sua importância e naquilo que ela é capaz de contribuir. Alegria, tristeza, saudade e outras sensações é aquilo que sentimos quando ouvimos a música. Segundo Brito, “é difícil encontrar alguém que não se relacione com a música (...) escutando, cantando, dançando, tocando um instrumento, em diferentes momentos e por diversas razões.” (Brito, 2003; p.31)

Assim, ao observarmos a realidade que nos rodeia podemos constatar que a música está permanentemente na vida das pessoas. Podemos confirmar a sua presença em filmes, programas de televisão, nas ruas, nas igrejas, em situações de alegria e comemoração (festas) ou em situações mais tristes (perda de entes queridos).

Impõe-se a questão: Será que o comportamento musical é mais influenciado pelos aspectos biológicos ou pelo ambiente cultural?

De acordo com diversos autores a música e a biologia permanecem directamente ligadas pois, os comportamentos musicais podem ser encontrados em idades precoces da vida humana, antes de os factores culturais exercerem influência. Segundo estudos da psicologia e da pedagogia, algumas crianças, com poucos dias de idade, exibem alguns comportamentos musicais e ao fim de algumas semanas utilizam a música na sua comunicação. Ainda, os comportamentos de atenção e reacção a determinados sons verificam-se em crianças que permanecem no útero da mãe, a partir do sexto mês. No útero da mãe, a criança já ouve os sons do batimento do coração, a voz da mãe, do pai e de outros familiares. Quando nasce, alguns sons já lhe são familiares e fazem parte do universo sonoro onde viverá. O movimento contribui para o desenvolvimento das estruturas neurológicas o que possibilita o desenvolvimento cognitivo e a organização da personalidade. Desta forma, a música sendo movimento no espaço e no tempo auxilia nestes objectivos educacionais, proporcionando à criança um enriquecimento pessoal e um desenvolvimento da personalidade.

A música quando é bem trabalhada tem a capacidade de desenvolver o raciocínio, a criatividade e outras aptidões, por isso, desde cedo deveria ser aproveitada de forma a sensibilizar a criança para o mundo dos sons e quanto maior for a sensibilidade das crianças para o som, de uma forma mais fácil ela descobrirá as suas qualidades.

2.2. Conceito e Perspectiva Histórica

Na Grécia Antiga, a música (do grego μουσική τέχνη - musiké téchne) era denominada por “arte das musas”, simbolizava a harmonia universal sendo o ensino da música obrigatório. A música constitui-se como uma sucessão de sons e silêncio organizada ao longo do tempo. O som é a sensação que o ouvido consegue captar, através das variações de pressão produzidas pelo movimento vibratório dos corpos sonoros e que se transmitem pelo ar. A ausência do som é o silêncio, o qual nunca é absoluto, tendo em conta a existência da atmosfera que profere sempre determinados sons.

Deste modo, a música engloba toda uma combinação de elementos sonoros, entre o som e o silêncio, destinados a serem percebidos pela audição. Esta combinação inclui variações nas características do som (altura, duração, intensidade e timbre) que podem ocorrer sequencialmente (ritmo e melodia) ou simultaneamente (harmonia). Ritmo, melodia e harmonia são aqui entendidos, apenas, no seu sentido de organização temporal, pois, a música pode conter propositadamente harmonias ruidosas (que contêm ruídos ou sons externos ao tradicional) e arritmias (ausência de ritmo formal ou desvios rítmicos).

Nos nossos dias não se conhece nenhuma civilização que não possua manifestações musicais próprias. Embora nem sempre seja feita com esse objectivo, a música pode ser considerada como uma forma de arte e é desta maneira que ela é vista maioritariamente.

Existem provas de que a música é conhecida e praticada desde a pré-história. Provavelmente a observação dos sons da natureza tenha despertado no homem, através do sentido auditivo, a necessidade ou vontade de uma actividade que se baseasse na organização de sons.

Segundo Bréscia “a música é uma linguagem universal, tendo participado da história da humanidade desde as primeiras civilizações.” (Bréscia, 2003; p.23) É considerada por diversos autores como uma prática cultural e humana, é uma forma de arte mas também pode ser vista como uma área educacional e terapêutica. Nessa altura, “Pitágoras demonstrou que a sequência correcta de sons, se tocada musicalmente num instrumento, pode mudar padrões de comportamento e acelerar o processo de cura”. (Bréscia, 2003; p.23)

Nos dias que correm, era contemporânea, era ruidosa onde a música se assume como uma fonte potenciadora de comunicação e como um veículo mediador de criatividade e de bem-estar, no poderoso e vantajoso diálogo que estabelece entre compositor, mensagem, intérprete e ouvintes.

Com a evolução da ciência e os inúmeros estudos que vão sendo elaborados ao longo dos tempos, a neurociência tem demonstrado novas descobertas, a partir de novas técnicas de estudo do cérebro, que são caracterizadas como sendo menos invasivas e que podem ser aplicadas também em bebés. Mesmo antes de nascer, o cérebro do bebé é influenciado por condições ambientais, incluindo a estimulação e os cuidados que a mãe tem para com a criança. No seu desenvolvimento, tanto aquilo que a criança herda dos progenitores como o meio em que se gera são factores responsáveis pelo seu crescimento. A música, com maior ou menor frequência, surge na vida do ser humano, mesmo antes de ele nascer e estar exposto ao mundo exterior onde os sons se propagam de uma forma mais nítida. De acordo com alguns estudos médicos o alimento vocal que a mãe proporciona ao seu filho é tão importante para o desenvolvimento da criança como o seu leite.

Desde a concepção intra-uterina o feto é estimulado por meios musicais. Ele ouve os batimentos cardíacos da mãe, a voz do pai, entre muitos outros sons e, comprovadamente, ao nascer, quando o bebé é colocado próximo do peito da mãe acalma-se ao ouvir os batimentos cardíacos da sua progenitora.

Brito refere que

“(…) ao nascer, a criança é cercada de sons e esta linguagem musical é favorável ao desenvolvimento das percepções sensório-motoras, dessa forma a sua aprendizagem se dá inicialmente através dos seus próprios sons (choro, grito, risada), sons de objetos e da natureza, o que possibilita descobrir que ela faz parte de um mundo cheio de vibrações sonoras.” (Brito, 2003, p.35)

Se a mãe enquanto possuir o bebé no seu ventre, tiver contacto com experiências agradáveis, onde a música incida, poderá contribuir para a “construção” do cérebro do seu filho, estimulando-o e colocando-o próximo da combinação existente entre o som e o silêncio. De acordo com Faria “(…) a música é um importante fator na aprendizagem, pois a criança desde pequena já ouve música, a qual muitas vezes é cantada pela mãe ao dormir.” (Faria, 2001; p.26)

Torna-se importante que a criança tenha contacto com a música e que esta surge na sua vida de uma forma organizada e recorrente, de forma a possibilitar a criação e a ampliação das suas conexões cerebrais, mediadas de experiências significativas com a música.

Para Maffioletti,

“(…) as experiências com a música, desde as mais elementares, são importantes em dois sentidos: porque promovem o conhecimento musical no sentido da aprendizagem restrita ou strictu sensu; e importantes porque são experiências necessárias à formação de esquemas e estruturas de

pensamento, que funcionam como condições prévias para as novas aprendizagens – que são as aprendizagens de sentido amplo, ou *latu sensu*.” (Maffioletti, 2002, p.102)

Deste modo, enquanto a criança procura captar o som musical vai estruturando ao mesmo tempo a sua própria cognição.

A música deve ser vista como uma linguagem de expressão, que é parte integrante da formação global da criança, deverá contribuir para o desenvolvimento dos processos de aquisição de conhecimentos, desenvolvimento da imaginação e da criatividade. O momento destinado para as descobertas como o reconhecimento dos sons, as combinações rítmicas e melódicas são para a criança um momento de enorme prazer e satisfação.

É possível trabalhar diversos conceitos através da música, como a socialização, a auto-estima, a criatividade, entre outros, recorrendo a actividades relacionadas como o canto, a dança e até mesmo a brincadeira.

Deste modo, a música é fundamental para o desenvolvimento geral da criança e torna-se indispensável na sua educação desde muito cedo, pois contribui para o desenvolvimento do raciocínio, memória, comunicação e expressão. Para Berchem “a música é a linguagem que se traduz em forma sonora capaz de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento entre som e o silêncio.” (Krzyszinski & Campos, 2006; p.115)

Segundo Romanelli, a música “é uma linguagem comum a todos os seres humanos e assume diversos papéis na sociedade, como função de prazer estético, expressão musical, diversão, socialização e comunicação.” (Romanelli, 2009; p.24)

A educação deve ser vista como um processo progressivo, permanente e global, que implica o empenho de várias áreas e recursos para um progressivo desenvolvimento e aperfeiçoamento, visto que em qualquer condição existem diferenças individuais, diversidades nas condições ambientais oriundas das crianças e que apelam a um tratamento profundo e diferenciado. Romanelli refere que na “música é linguagem de arte, é uma possibilidade de estratégia de ensino, ou seja, uma ferramenta para auxiliar a aprendizagem de outras disciplinas.” (Romanelli, 2009; p.25) Aprender com música possibilita a integração de experiências que envolvem a vivência, a percepção e a reflexão, desenvolvendo as crianças para níveis mais concisos. Para que isto suceda, torna-se fundamental que se preparem e concretizem actividades que contribuam para o desenvolvimento da inteligência e do pensamento da criança. Esta necessita de ser sensibilizada para o mundo dos sons e através da

Cármén Campos Ramos da Silva – Música: um auxílio no desenvolvimento e aprendizagem de crianças com a perturbação do espectro do autismo.

audição a criança aproximar-se-á deste mundo, desenvolvendo-se em vários níveis como, ao nível da motricidade através do ritmo e do som e ao nível da afectividade, através da melodia.

2.3. A Função da Música

Nos nossos dias, segundo pesquisas de vários cientistas, as crianças que têm um contacto mais próximo com a música apresentam um melhor desempenho na vida escolar e na sua vida social. Os cientistas defendem que a música treina o cérebro para formas superiores de raciocínio, e como referiu uma vez Platão, a música é “um instrumento educacional mais potente do que qualquer outro”. Hoje, é perfeitamente compreensível a visão de Platão, tendo em conta, o contributo da música para o desenvolvimento do cérebro.

A música encontra-se inserida no meio proporcionando resultados, contribuindo para um acréscimo de competências e desenvolvimento de habilidades. Estes resultados têm vindo a contribuir, ao longo dos tempos, para o desenvolvimento cognitivo, afectivo e social das crianças.

Segundo Ilari “As pesquisas mostram que o processamento e a evolução melódica têm início na infância, e as estruturas necessárias para a percepção tonal e rítmica estão disponíveis nos bebés muito antes que estas surgem em nossas práticas educacionais atuais.” (Ilari, 2006; p.16)

A música é composta pelo som, pelo ritmo, pela melodia e pela harmonia, cada um destes elementos tem uma correspondência a um aspecto humano específico, que é mobilizado de uma forma mais ou menos intensa. Assim, o ritmo musical conduz o movimento corporal, a melodia estimula a afectividade e a harmonia contribui activamente para a afirmação e restauração da ordem mental de um sujeito.

Quando a música é bem trabalhada consegue desenvolver nas crianças o raciocínio, a criatividade, outras áreas e aptidões que muitas vezes não são desenvolvidas. A música consegue actuar no corpo da criança despertando emoções, que a fazem equilibrar o metabolismo, interferindo na receptividade sensorial, minimizando alguns efeitos de fadiga e excitação. Segundo Estevão “(...) a música e a dança permitem a expressão pelo gesto e pelo movimento, que traz satisfação e alegria. A criança aprende a se desenvolver através dela”. (Estevão, 2002; p.34)

Desta forma, as actividades elaboradas com a música apresentam um importante papel na vida da criança pois, despertam e desenvolvem o gosto musical, assim como, desenvolvem a sua sensibilidade, criatividade, sentido rítmico, a memória, a concentração, a atenção, promovem a autodisciplina, despertam a consciência rítmica e estética, favorecem a imaginação, a parte social, em suma, contribuem para uma educação profunda e total.

A música é um meio de intervenção muito poderoso em diversas áreas do desenvolvimento de uma criança, tanto a nível mental como físico, sensorial, emocional, psicomotor e social.

O corpo da criança é contagiado pela música de duas maneiras distintas, de uma forma directa através do efeito do som sobre as células e os órgãos, de uma forma indirecta através das emoções, que influenciam os processos corporais, provocando a ocorrência de tensões e relaxamento em todo o corpo.

A música na vida de qualquer ser humano é tão importante como real e concreta, pois auxilia-o, contribuindo para o seu bem-estar. Esta contribui para o acréscimo de competências nas crianças e desenvolve habilidades, os seus resultados contribuem para o desenvolvimento cognitivo, afectivo e social.

A música faz com que as crianças manifestem as suas ideias e os seus sentimentos. É uma das mais importantes formas de expressão humana, de discurso, de comunicação, justificando assim a sua inclusão no contexto educacional. É um meio de inclusão social, na medida em que todos os seres humanos são sensíveis a ela, independentemente da forma que a sua reacção possa causar.

2.4. A Música – Um Meio de Inclusão

Ao longo da História da Humanidade a postura da sociedade perante o conceito de deficiência passou por inúmeras etapas. Nas culturas mais antigas, como a Espartana, as crianças que nasciam com alguma deficiência eram abandonadas pelos seus familiares e muitas vezes até eram assassinadas. Mais tarde, na Idade Média, as pessoas que possuíssem alguma deficiência eram consideradas os “bobos da corte” ou então, mendigos. No Renascimento, passou a haver uma maior preocupação com estas pessoas e desta forma, passaram a existir iniciativas relativamente à educação e reabilitação de pessoas com deficiência.

Hoje em dia, uma pessoa com deficiência seja uma criança, um jovem, um adulto ou um idoso com deficiência é vista com mais dignidade do que no passado. Desta forma, o termo inclusão é hoje em dia um tema muito discutido, onde a preocupação em possibilitar uma melhoria nas relações sociais de qualquer pessoa com deficiência é uma constante.

Assim, a música surge como uma forma de desenvolvimento de inúmeras áreas numa criança, já que contribui para o aumento da concentração, da autodisciplina, da autoconfiança, da criatividade, da memória, da sensibilidade, entre outras áreas.

Será que a inclusão é discutida dentro da área musical? Será que os professores de música estão capacitados para atender nas suas aulas crianças com deficiências?

Nos nossos dias ainda se verifica um elevado preconceito no que diz respeito à pedagogia musical, já que não se verifica informação por parte dos envolvidos na arte.

Muitos professores de música defendem que a música só tem vantagens para uma criança com necessidades educativas especiais como uma terapia ocupacional ou de reabilitação e não valorizam a música como uma forma de expressão artística e como um meio de aprendizagem.

A maior parte dos professores de música não possuem informações suficientes e pertinentes relacionadas com as crianças com necessidades educativas especiais e, durante a sua formação inicial, não tiveram contacto com qualquer processo de formação ou forma de comunicação que os informasse e alertasse para uma pedagogia musical voltada para crianças com necessidades educativas especiais. Quando um professor de música se depara com um aluno de música que não apresenta os mesmos padrões físicos, intelectuais ou emocionais daqueles a que se encontra habituado a ver e a ter contacto, a sua primeira reacção é de receio e até mesmo rejeitar um aluno assim, visto que, não sabe bem o que fazer. Porém, assim

como, na educação comum há vários tipos de adaptações pedagógicas, metodológicas e mesmo físicas para ajudar o professor a incluir na sua sala de aula crianças com necessidades educativas especiais, ou até mesmo professores especializados em educação especial, dentro do universo musical há também recursos que podem ser utilizados e aos poucos vão existindo alguns profissionais especializados em educação musical especial.

O ideal seria todos os professores de música e de outras áreas possuírem formação ou informações sobre adaptações pedagógicas, metodologias especializadas, recursos materiais e físicos em relação à educação especial, no entanto, enquanto isso não acontece, o professor precisa procurar querer saber mais sobre o assunto, inteirar-se mais pela temática, independentemente da sua formação académica. Tudo isto implica disposição, tempo e investimento financeiro, facto que muitas vezes não é interpretado de boa forma pelos professores e na maior parte das vezes dificulta a inclusão no processo pedagógico musical.

A escola, enquanto espaço institucional para transmissão de conhecimentos socialmente construídos, pode promover a aproximação das crianças com a música. Assim, cabe ao professores criar situações de aprendizagem que proporcionem às crianças um relacionamento com um número diversificado de produções musicais que não se restrinjam apenas ao seu ambiente sonoro, mas que abranjam origens diversas, de outras comunidades e outras culturas.

A música pode contribuir para tornar o ambiente escolar mais alegre e mais favorável à aprendizagem, afinal propiciar uma alegria que seja vivida no presente é a dimensão essencial da pedagogia, e é preciso que os esforços dos alunos sejam estimulados, compensados e recompensados por uma alegria que possa ser vivida no momento presente.

No contexto escolar a música tem a finalidade de ampliar e facilitar a aprendizagem da criança, visto que a ensina a ouvir e a escutar de uma forma activa e reflectiva. Aos poucos, a criança consegue expandir a sua apreciação sensorial, começa a seleccionar o que gosta e o que não gosta e passa a reproduzir sons e a criar novos sons desenvolvendo a sua imaginação. A boa música harmoniza o ser humano, trazendo-o de volta a padrões mais saudáveis de pensamento, sentimento e acção.

É importante que os professores se reconheçam como agentes mediadores de cultura no processo educativo pois só, desta forma, poderão procurar e elaborar meios que contribuam para a aprendizagem da criança.

A linguagem musical passa segurança para as crianças, pois faz parte do seu universo, facto que contribuirá para o seu desenvolvimento cognitivo, envolvendo outras

áreas do conhecimento. Assim, o professor deverá estar preparado para atender às necessidades dos alunos ao longo deste processo de construção.

O interesse da música pelos benefícios das experiências musicais continua a ser um mote para diversas investigações. O impacto da música no desenvolvimento cognitivo foca o desenvolvimento da linguagem e a memória.

A música propícia a abertura de canais sensoriais, facilita a expressão de emoções, amplia a cultura geral, contribui para a formação integral do ser, tem na sua essência a capacidade de transmitir um significado emocional e unir as pessoas umas às outras.

O objectivo fundamental da integração é conseguir a harmonia do indivíduo com a sociedade e o mundo em que vive, desfrutando de todos os bens que a comunidade proporciona. Neste sentido, a música vista como um auxílio no desenvolvimento de crianças com autismo surge como um campo de experimentações aberto às novas composições que propõe novos e diferenciados olhares sobre a realidade. Olhares estes, que eliminam barreiras, sejam elas arquitectónicas, comportamentais (preconceito) e de comunicação pois não se fixam em modelos instituídos e que permanecem estáticos.

2.5. O Potencial Educativo e Terapêutico da Música

O som rodeia o nosso meio ambiente desde que nascemos até ao momento em que morremos e a música apresenta-se com muito valor na vida do homem, pois é capaz de lhe causar muitos momentos extraordinários como o suscitar de emoções e sentimentos.

Na procura de respostas eficazes ao nível das necessidades especiais e da saúde, a música pode surgir com uma terapia, pode socorrer-se dos sons, das melodias como um meio de prevenir, curar e reduzir problemas de saúde.

O uso da música como um método terapêutico vem desde o início da história humana. Os primeiros registos remontam aos tempos da Grécia Antiga, nas obras de filósofos gregos pré-socráticos.

Durante a Primeira Guerra Mundial, os hospitais dos Estados Unidos da América contratavam músicos profissionais como uma espécie de ajuda observando-se o efeito relaxante e sedativo nos doentes de guerra produzido pela audição musical. Porém, a sistematização dos seus métodos só teve início após a Segunda Guerra Mundial, com pesquisas efectuadas nos Estados Unidos.

A música ainda hoje é utilizada como cura em algumas tribos e outras sociedades que não se encontram tão desenvolvidas ao nível tecnológico, em continentes como Ásia, África, América, Oceânia e Europa.

A actividade musical é uma experiência que pode ser sentida e vivida individualmente mas também pode ser sentida e vivida de uma forma colectiva, onde há uma mistura de corpo, mente e espírito.

A fonte de conhecimento da criança baseia-se em situações que esta tem oportunidade de experimentar no seu dia-a-dia. Assim, quanto maior for a riqueza de estímulos maior será o seu desenvolvimento intelectual. As actividades ligadas à música que permitem à criança ver, ouvir e sentir proporcionam-lhe um desenvolvimento dos sentidos, como a audição, o acompanhamento por gestos que desenvolve a coordenação motora e a atenção. Aos poucos, a criança vai formando a sua identidade, por vezes, entende que é diferente dos outros e tenta integrar-se. Assim, através do desenvolvimento da auto-estima, com o auxílio da música, a criança aprende a demonstrar os seus sentimentos e a libertar as suas emoções.

Quando participamos numa experiência musical estamos perante uma transformação de processos neurofisiológicos e psicológicos que possibilitam o desenvolvimento de

inúmeras áreas como a motora, a perceptiva e a cognitiva, activando ao mesmo tempo processos afectivos e de socialização.

Deste modo, com a música podem desenvolver-se ao mesmo tempo experiências:

Quadro III – Efeitos da Música

Sensoriais	Englobam o processo de audição, reconhecimento e discriminação de sons e músicas.
Motoras	Manipulação de instrumentos musicais e movimentação do corpo.
Emocionais	Expressão de emoções e sentimentos.
Cognitivas	Desenvolvimento da atenção, da concentração, da memória e da capacidade de análise e síntese.
Sociais	Participação em actividades musicais em grande grupo.

Fonte: elaboração própria.

2.6. Efeitos e Qualidades da Música

Ao longo dos tempos foram realizados diversos estudos acerca dos efeitos fisiológicos da música. Deste modo, a música e os seus efeitos:

Efeitos Bioquímicos: a música tem influência no organismo, de uma forma positiva ou negativa, tendo em conta o tipo de música que se encontra em audição.

A música calma pode contribuir para a estimulação da libertação de hormonas, como as endorfinas, que actuam sobre receptores específicos do cérebro, o que leva ao alívio da dor.

Efeitos Fisiológicos: a música estimula a pressão sanguínea, nomeadamente a velocidade que o sangue circula nas veias e o batimento cardíaco. O interesse que o ouvinte apresenta pela música que escuta é uma variável importante na estimulação sanguínea.

De acordo com alguns estudos, a música estimulante influencia o aumento do ritmo cardíaco e da pulsação e a música calma tende a diminuí-lo. É visível nos indivíduos uma aceleração do ritmo cardíaco e da pulsação com o aumento do som e é visível um decréscimo dos mesmos, com a diminuição do som, do tempo da melodia.

Quando a música apresenta um toque estimulante, a respiração tem a tendência para aumentar e, pelo contrário, quando a música tem um toque calmo, a respiração diminui, acontece de uma forma mais serena.

Efeitos Musculares e Motores: a música com um ritmo mais acelerado desenvolve a actividade muscular e de uma forma oposta, a música calma contém um grande poder de relaxamento.

Segundo alguns exemplos específicos, uma música calma pode provocar fortes contracções peristálticas no estômago e pode ser um auxílio em patologias ligadas à digestão. Pelo contrário, as músicas estimulantes podem causar espasmos gástricos e, até mesmo, indigestões. A música pode aumentar o nível de resistência à dor e pode, ainda, auxiliar na reabilitação da dor.

Efeitos Cerebrais: as respostas cerebrais processam-se de acordo com a activação dos neurónios através da música. Com a música, os neurónios despertam e incidem no relaxamento da tensão muscular, na intensidade do pulso e na recordação de momentos e situações antigas.

Efeitos Psicológicos: a música tem a capacidade de agir sobre o sistema nervoso central e, desta forma, proporcionar efeitos sedativos, estimulantes, melancólicos, deprimentes, nostálgicos e também de pura alegria.

A música pode despertar qualquer tipo de sentimento, desenvolver e fortalecer qualquer tipo de emoção. Em casos concretos, a música pode desenvolver a capacidade de atenção; pode levar as crianças e os adultos à reflexão; pode estimular a criatividade e a imaginação, pode auxiliar na memória, ou seja, ajudar a desenvolver a memória. Em termos globais, a música facilita a aprendizagem pois activa um número elevado de neurónios.

Efeitos Sociais: a música é um fenómeno sociológico muito importante pois, é um agente de socialização. Esta auxilia na divulgação da expressão e coesão do grupo, é uma arte que tem a capacidade de ajudar a expressar estados emocionais.

Efeitos Espirituais: desde sempre, a música foi aproveitada na liturgia das religiões pois, sugere sentimentos sobrenaturais e espirituais que auxiliam os indivíduos a elevarem-se perante o medo e a solidão, ajudando-os a encontrar sentido à sua vida, colocando-os em contacto com a divindade.

2.7. Precauções e Contra-Indicações

Uma grande parte da música dos nossos dias possui uma grande falta do elemento afectivo-melódico. Apesar de, nos últimos tempos, esta realidade se ter vindo a modificar muito ligeiramente, verifica-se que a música se baseia muito no ritmo, no volume e na distorção dos sons. Este facto, acaba por produzir nos indivíduos uma deterioração no equilíbrio emocional e da personalidade.

Na realidade, em alguns momentos e em alguns casos, a música produz alegria, desenvolve a criatividade, a fantasia e estimula o movimento intensivo. Porém, o exagero pode provocar desequilíbrios e, até mesmo, produzir efeitos negativos.

No que concerne à música electrónica, esta deve ser tratada de uma forma muito cuidadosa, já que em alguns casos pode provocar efeitos sedativos e pelo contrário, noutros casos, pode despertar comportamentos alucinogénios.

O desenvolvimento da prática vocal e instrumental deve ser um processo contínuo e não deve ser um esforço excessivo pois, pode causar desequilíbrios. Quando colocamos uma criança diante de obras, exercícios ou actividades que ultrapassem as suas capacidades, podemos despoletar comportamentos de pura ansiedade, desequilíbrios, medos, entre outros.

CAPÍTULO III – A MÚSICA NO TRATAMENTO DE CRIANÇAS COM A PERTURBAÇÃO DO ESPECTRO DO AUTISMO

3. A Música no Tratamento de Crianças com a Perturbação do Espectro do Autismo

3.1. Música - Autismo

“O poder da música em integrar e curar...é definitivamente fundamental. É a medicação não química mais profunda.” (Oliver Sacks, 2002; p.10)

A arte desenvolve a mente e cria novos modos, respostas, situações e meios para promover competências sociais e afectivas, de forma a enriquecer a personalidade e experiências pessoais. Logo, só o Homem beneficia dessa relação simbólica, pois tende a enfatizar as vivências de carácter estético com o intuito de valorizar os momentos marcantes da sua vida.

Uma perturbação não é um impedimento para uma criança se poder afirmar como um membro interveniente no processo de socialização. Este processo deve ser adaptado às suas capacidades e deve respeitar a diferença como parte integrante.

Se desejamos compreender e ajudar uma criança autista devemos, por um lado, perceber que somos parte deste ambiente no qual esta criança tem que viver e crescer e, por outro lado, tentar ver o seu comportamento, o seu desempenho, as suas habilidades e incapacidades em relação ao que é sempre perfeito nela e a vivência da sua própria personalidade.

As crianças com a perturbação do espectro do autismo apresentam uma «desconexão» em relação ao ambiente que as envolve, permanecem ausentes na sua presença, rítmicas nos seus rituais e nas suas estereotipias, harmónicas nas suas desarmonias, melódicas nas suas ecolalias e nos seus gritos.

No campo das necessidades educativas especiais a música como um auxílio, através de técnicas de escuta musical activa, da reprodução e explorações sonoras e do apelo à espontaneidade e criatividade interpretativa, tem-se constituído num magnífico meio de reabilitação e de bem-estar. A música funciona como uma ponte de comunicação possível para os portadores de autismo. Segundo estudos, nos autistas, a música não verbalizada é descodificada no hemisfério direito do cérebro (parte que integra a subjectividade e a emoção). A partir daqui, passa para o centro de respostas emotivas, que se localiza no hipotálamo movendo-se para o córtex (responsável pelos estímulos motores e pela parte

intelectual). Os sons verbais, pelo contrário, são registados no hemisfério esquerdo, na região cortical (analítica e lógica) directamente do aparelho auditivo.

De uma forma geral, nos autistas, a música atinge primeiramente a emoção e mais tarde as reacções físicas, como a marcação do ritmo. Deste modo, o portador de autismo poderá interagir com o mundo que o rodeia.

As actividades desenvolvidas em torno da música como um auxílio no desenvolvimento de crianças com autismo, permitem que a criança com a perturbação do espectro do autismo se descubra a si mesma, desenvolvendo a sua noção corporal e permitem a comunicação com o outro.

Barreto (2000)⁴ menciona que estas actividades podem contribuir de uma forma bastante acentuada para o reforço no desenvolvimento ao nível da cognição, comunicação e linguagem, ao nível da socialização e ao nível da psicomotricidade. Assim, aponta os seguintes aspectos:

Ao nível da **comunicação, cognição e linguagem** com a música é possível partir das experiências diárias da criança, assim quanto maior for a riqueza de estímulos que este receber, melhor será o seu desenvolvimento intelectual. As experiências rítmicas permitem à criança uma participação activa na forma como vê, ouve e toca, desenvolvendo os seus sentidos. Quando a criança manipula estes sons consegue desenvolver a sua acuidade auditiva, quando acompanha os gestos ou dança, desenvolve a coordenação e a atenção e quando cantam ou imitam sons, ampliam as relações com o ambiente que as rodeia.

No que concerne ao nível da **socialização**, a criança de uma forma atempada, vai formando a sua identidade, tomando consciência de si mesma como alguém diferente dos outros mas que se consegue integrar com os outros. Neste sentido, desenvolve a sua auto-estima, aprendendo a aceitar-se a si própria como é, tendo em conta, as suas capacidades e limitações.

Quando este tipo de actividades são elaboradas em grupo surge o favorecimento do desenvolvimento da socialização, estimulando-se a compreensão, a participação e a cooperação. Com isto, a criança, aos poucos, vai desenvolvendo o conceito de grupo, e ao expressar-se musicalmente nas actividades que lhe proporcionem prazer, contribui para a libertação dos seus sentimentos, emoções e auto-estima.

⁴ BARRETO, Sidirley de Jesus. Psicomotricidade: educação e reeducação. 2. ed. Blumenau: Acadêmica, 2000.

Relativamente ao nível da **psicomotricidade** as actividades concedem às crianças oportunidades que as ajudam a desenvolver a sua habilidade motora, assim como o controlo dos músculos, auxiliando na sua independência motora. O ritmo surge como um alicerce na formação e equilíbrio do sistema nervoso pois, a expressão musical activa age sobre a mente, favorece a descarga emocional, a reacção motora e alivia as tensões. Os movimentos adaptados ao ritmo resultam de um conjunto completo de actividades coordenadas, já que desenvolvem o sentido rítmico e coordenação motora.

Segundo Bruscia, “a música não é apenas um som não-verbal, ela pode incluir palavras, movimentos e imagens visuais, sendo assim, ela não comunica apenas algo que é exclusivamente musical, mas também enriquece e amplia outras formas de comunicação verbal e não-verbal.” (Bruscia, 2000; p. 71)

As actividades elaboradas na área da música favorecem a inclusão de crianças com a perturbação do espectro do autismo. Pelo seu carácter lúdico e de livre expressão, não apresentam pressões nem cobranças de resultados, são uma forma de aliviar e relaxar a criança, auxiliando na desinibição, contribuindo para o envolvimento social, despertando noções de respeito e consideração pelo outro, abrindo espaço para outras aprendizagens. Estas permitem, a pouco e pouco, que as crianças descubram capacidades que se encontravam eclipsadas.

PARTE - II

CAPÍTULO IV – TRATAMENTO EMPÍRICO

4. Metodologia de Investigação

4.1. Fundamentação do Estudo

Este projecto de carácter qualitativo e quantitativo foi fundamentado em dois domínios: A Perturbação do Espectro do Autismo e a Música. Através deste estudo pretendeu-se investigar de que forma a música pode auxiliar no desenvolvimento e aprendizagem de crianças com a perturbação do espectro do autismo.

O projecto em causa teve na sua génese o interesse pelas diferentes opiniões e práticas sobre alunos com a PEA por parte de Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico e Professores da Educação Especial, tendo como objectivo investigar de que forma a música se assume como um auxílio no desenvolvimento e aprendizagem de crianças com necessidades educativas especiais, nomeadamente, a perturbação do espectro do autismo.

Esperamos que este estudo possa contribuir para um melhor conhecimento da problemática da PEA, bem como para abrir novos horizontes na área do desenvolvimento da aprendizagem, recorrendo à música, arte harmoniosa que se revela como uma favorável estratégia de ensino.

4.2. Problema – Questão de Investigação

A problemática que nos propomos a analisar diz respeito à função da música como um auxílio no desenvolvimento e aprendizagem de crianças com autismo.

Desta forma, o problema sobre o qual este trabalho pretende debruçar-se em análise é:

A música é um auxílio no desenvolvimento e aprendizagem de crianças com a perturbação do espectro do autismo?

A partir desta questão levantamos algumas subquestões, que julgamos importantes para o desenvolvimento da nossa temática. Assim:

– Qual a opinião dos Professores do 1.º Ciclo e dos Professores da Educação Especial relativamente às necessidades dos alunos com PEA, mais concretamente, ao tipo de apoio que necessitam?

- Qual a opinião dos Professores do 1.º Ciclo e dos Professores da Educação Especial no que concerne às condições físicas e humanas existentes, actualmente, nas nossas escolas de forma a permitirem o sucesso educativo dos alunos com PEA?
- Qual a opinião dos Professores do 1.º Ciclo e dos Professores da Educação Especial relativamente à informação e formação dos mesmos no âmbito da PEA, actualmente, nas nossas escolas?
- Qual a opinião dos Professores do 1.º Ciclo e dos Professores da Educação Especial acerca da disponibilidade e predisposição na adopção de novas estratégias de aprendizagem, incluindo outras áreas, nomeadamente a música?
- Qual a opinião dos Professores do 1.º Ciclo e dos Professores da Educação Especial relativamente à definição de música?
- Qual a opinião dos Professores do 1.º Ciclo e dos Professores da Educação Especial relativamente à função da música, na resposta às necessidades de crianças com a PEA?
- Qual a opinião dos Professores do 1.º Ciclo e dos Professores da Educação Especial acerca das condições físicas e humanas existentes, actualmente, nas nossas escolas de forma a permitirem o acesso à música de todos os alunos, incluindo os que possuem a PEA?
- Qual a opinião dos Professores do 1.º Ciclo e dos Professores da Educação Especial relativamente à informação e formação dos mesmos no âmbito da música, a fim de a utilizarem como um auxílio na aprendizagem?
- Qual a perspectiva dos Professores do 1.º Ciclo e dos Professores da Educação Especial no que diz respeito ao papel da música como um agente de inclusão?

As questões acima referidas constituíram a linha de orientação do nosso trabalho.

4.3. Objectivos

Os objectivos deste estudo são:

- Identificar de que forma a música se assume como um auxílio no desenvolvimento e aprendizagem de crianças com a perturbação do espectro do autismo por um conjunto de 100 Professores, 50 Professores do 1.º Ciclo e 50 Professores da Educação Especial;

- Verificar se existem ou não diferenças em função das variáveis:
 - Habilitações Profissionais;
 - Área de leccionação;
 - Tempo de serviço.
- Procurar compreender de que forma é que a formação dos professores no âmbito das necessidades educativas especiais, nomeadamente, na área da PEA é adequada ao desenvolvimento das crianças;
 - Procurar compreender de que forma é que a formação dos professores no âmbito das necessidades educativas especiais, nomeadamente, na área da Música é adequada ao desenvolvimento das crianças;
 - Estimular uma atitude reflexiva nos participantes deste estudo.

4.4. Hipóteses de Investigação

Hipóteses (H), variáveis (variável independente – VI / variável dependente – VD) e **sua operacionalização.**

H1: O desenvolvimento e a aprendizagem de crianças com a perturbação do espectro do autismo é maior com o auxílio da música?

H2: O desenvolvimento e a aprendizagem de crianças com a perturbação do espectro do autismo é menor com o auxílio da música?

H0: Não existem diferenças significativas entre o desenvolvimento e a aprendizagem de crianças com a perturbação do espectro do autismo e a música.

Variável Independente: a música.

Variável Dependente: o desenvolvimento e a aprendizagem de crianças com a perturbação do espectro do autismo.

De acordo com as questões colocadas aos inquiridos vamos testar um conjunto de hipóteses:

H1: O desenvolvimento e a aprendizagem de crianças com a perturbação do espectro do autismo é maior com o auxílio da música?

VI: Habilitações Profissionais, operacionalizadas em Bacharelato, Licenciatura, Pós-Graduação, Mestrado e Doutoramento.

VD: Desenvolvimento e Aprendizagem da Criança através da Música.

H2: O desenvolvimento e a aprendizagem de crianças com a perturbação do espectro do autismo é menor com o auxílio da música?

VI: Área de leccionação, operacionalizada em 1.º Ciclo e Educação Especial.

VD: Desenvolvimento e Aprendizagem da Criança através da Música.

H0: Não existem diferenças significativas entre o desenvolvimento e a aprendizagem de crianças com a perturbação do espectro do autismo e a música.

VI: Tempo de Serviço, operacionalizado em intervalos de tempo.

VD: Desenvolvimento e Aprendizagem da Criança através da Música.

As hipóteses serão verificadas utilizando os dados obtidos nas respostas da parte II do questionário.

4.5. Instrumento

Uma vez que desejávamos realizar um estudo de opinião dos Professores do 1.º Ciclo e dos Professores da Educação Especial, optamos por realizar um questionário, recolhendo informações para o desenvolvimento e aprofundamento do mesmo. Assim, o instrumento utilizado neste estudo foi um questionário (apêndice 1).

Os dados obtidos foram processados pelo programa informático Microsoft Excel.

4.6. Participantes na Investigação e sua Categorização

Num trabalho desta natureza, um dos primeiros procedimentos a ter em conta relaciona-se com a constituição da amostra em estudo, ou seja, dos participantes em estudo. No trabalho em causa, a escolha dos participantes não foi aleatória mas sim premeditada, visto que os objectivos do trabalho assim o exigiam.

Deste modo, a amostra do estudo é constituída por um grupo de 50 Professores do 1.º Ciclo e 50 Professores da Educação Especial, com idades compreendidas entre os 23 anos e os 58 anos. Os Professores inquiridos forneceram informações pertinentes para o desenvolvimento desta dissertação.

Ao escolhermos a grandeza de análise «Dados Pessoais e Profissionais», pretendemos determinar, alguns parâmetros que permitissem traçar o perfil dos elementos da amostra. Para tal, optamos pelos indicadores de habilitação profissional, área de leccionação e tempo de serviço. Estes indicadores, ao permitirem um perfil possibilitarão, igualmente, ver até que ponto as linhas do mesmo podem contribuir para a interpretação do objecto de análise.

A amostra seleccionada reúne um conjunto de indivíduos pertencentes ao género masculino e feminino.

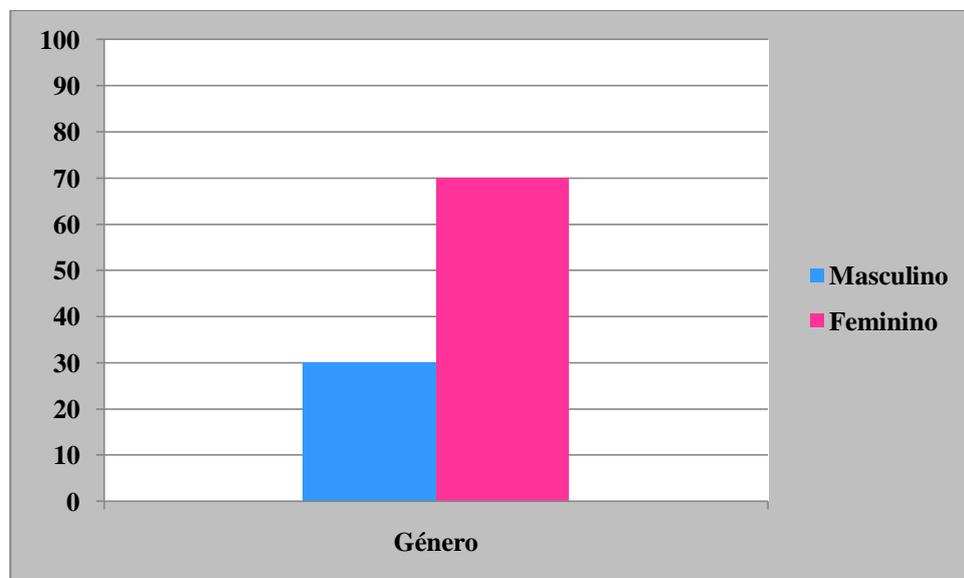


Gráfico 1 – Universo da Amostra por Género

Através deste gráfico podemos comprovar que no conjunto de professores inquiridos existe um claro predomínio de população pertencente ao género feminino. Assim, a amostra é composta por 30 professores e 70 professoras.

As idades dos docentes variam entre os 23 e os 58 anos, sendo que o escalão etário mais representado é o 30 – 40.

De seguida, apresentaremos o gráfico relativo à formação dos professores inquiridos. Neste ponto, assumimos como objectivo proceder a uma caracterização das habilitações profissionais dos Professores do 1.º Ciclo e dos Professores da Educação Especial.

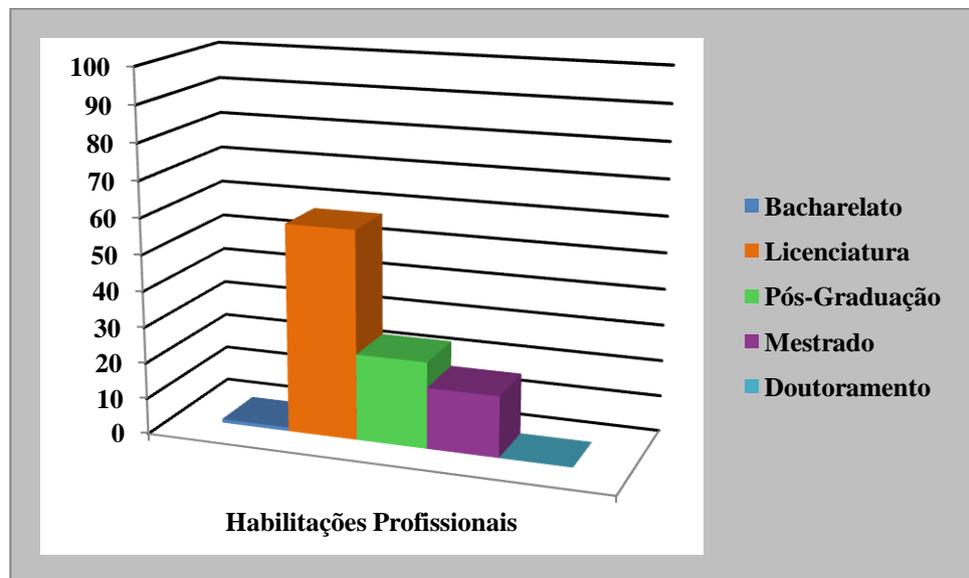


Gráfico 2 – Universo da Amostra por Habilitações Profissionais

O questionário aplicado à amostra seleccionada solicitava aos inquiridos a escolha da sua característica profissional, tendo em conta o grau mais elevado, de um conjunto de formações, nomeadamente:

- Bacharelato;
- Licenciatura;
- Pós-Graduação;
- Mestrado;
- Doutoramento.

A amostra apresenta uma variedade de habilitações profissionais sendo que, apenas, um dos professores inquiridos possui como formação base, o bacharelato. Com licenciatura encontramos 58 professores, 24 com pós-graduação, 17 com mestrado e nenhum dos professores referiu possuir o doutoramento.

No que diz respeito ao tempo de serviço, o questionário solicitava aos inquiridos a selecção do seu tempo de serviço através de uma escala representada por:

- Menos de 5 anos de serviço;
- De 5 a 10 anos de serviço;
- De 11 a 20 anos de serviço;
- Mais de 20 anos de serviço.

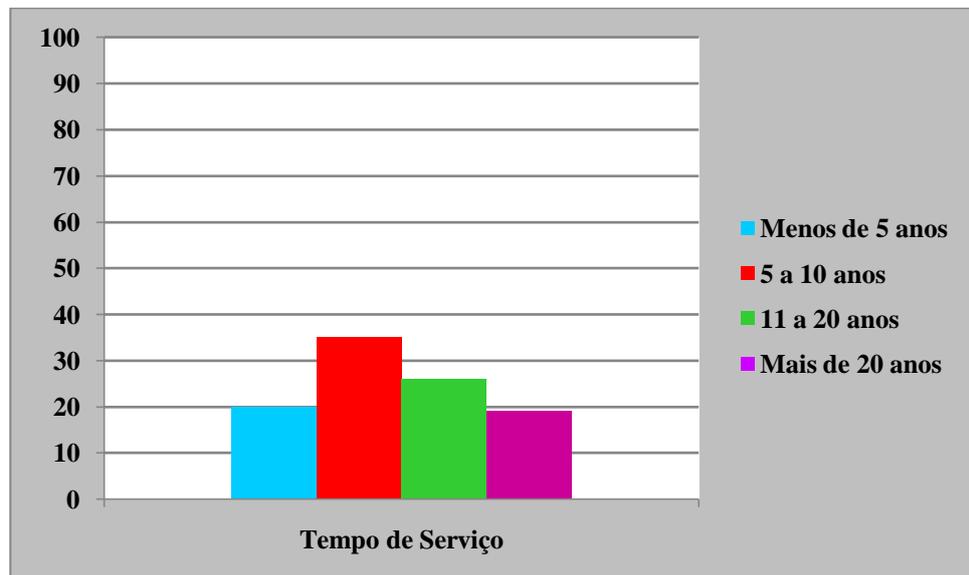


Gráfico 3 – Universo da Amostra por Tempo de Serviço

Deste modo, através do gráfico, é possível verificar que na amostra seleccionada existem 20 professores com menos de 5 anos de serviço, de 5 a 10 anos de serviço existem 35 professores, de 11 a 20 anos de serviço existem 26 professores e com mais de 20 anos de serviço existem 19 professores.

Relativamente à área de ensino, como foi referido anteriormente, a amostra seleccionada foi premeditada, sendo composta por 50 Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico e 50 Professores da Educação Especial. Através do gráfico é possível comprovar o referido.

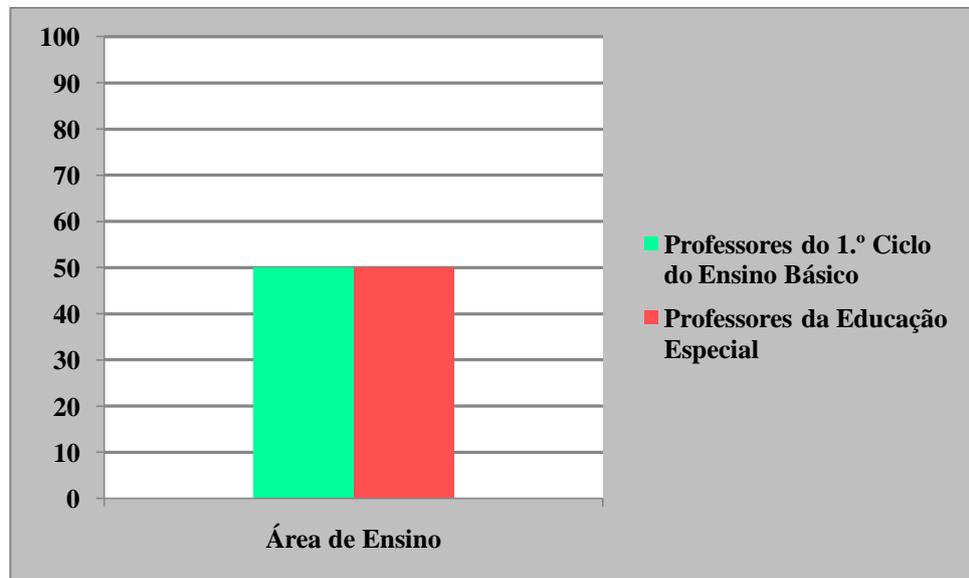


Gráfico 4 – Universo da Amostra por Área de Ensino

Sendo que, na contagem dos Professores do 1.º Ciclo os inquiridos representam uma amostra detalhada onde 22 professores são do sexo masculino e 28 professores são do sexo feminino.

Na contagem dos Professores da Educação Especial os inquiridos representam uma amostra detalhada onde 8 professores são do sexo masculino e 42 professores são do sexo feminino.

Procedendo à análise da **Parte II** do questionário iremos apresentar os dados relativos à experiência e/ou conhecimentos dos professores inquiridos acerca da PEA e da informação/formação dos mesmos.

No questionário solicitamos aos professores a indicação da sua concordância ou discordância tendo em conta algumas afirmações referentes à PEA. Deste modo, através da escala: **1 - Discordo completamente; 2 - Moderadamente em desacordo; 3 - Moderadamente de acordo; 4 - Completamente de acordo**, os professores manifestaram a sua concordância ou discordância relativamente às afirmações:

1. O autismo não se caracteriza apenas por uma característica singular mas sim, por um conjunto de dificuldades;
2. O autismo caracteriza-se apenas por um desenvolvimento deficitário da comunicação e interacção social;
3. O autismo caracteriza-se por um desenvolvimento deficitário da comunicação, interacção social e um repertório limitado de actividades e interesses;
4. As necessidades dos alunos com a perturbação do espectro do autismo são melhor satisfeitas quando o apoio se realiza na sala de aula;
5. As necessidades dos alunos com a perturbação do espectro do autismo podem ser satisfeitas na sala de aula, sem o apoio da educação especial;
6. O aluno com a perturbação do espectro do autismo apresenta necessidades únicas, deste modo, deve ser elaborado um programa individualizado que dê resposta às suas necessidades;
7. As condições físicas e humanas que existem, actualmente, nas escolas permitem o sucesso educativo dos alunos com a perturbação do espectro do autismo;
8. Os professores das escolas, do nosso país, actualmente, encontram-se melhor informados acerca da perturbação do espectro do autismo;
9. Os professores das escolas, do nosso país, encontram-se preparados para dar resposta às necessidades educativas dos alunos com a perturbação do espectro do autismo;
10. Os professores das escolas, do nosso país, encontram-se receptivos a adoptar novas estratégias de aprendizagem que incluam outras áreas (música, actividade física e motora...).

Os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativamente à afirmação:

1. O autismo não se caracteriza apenas por uma característica singular mas sim, por um conjunto de dificuldades, revelam que:

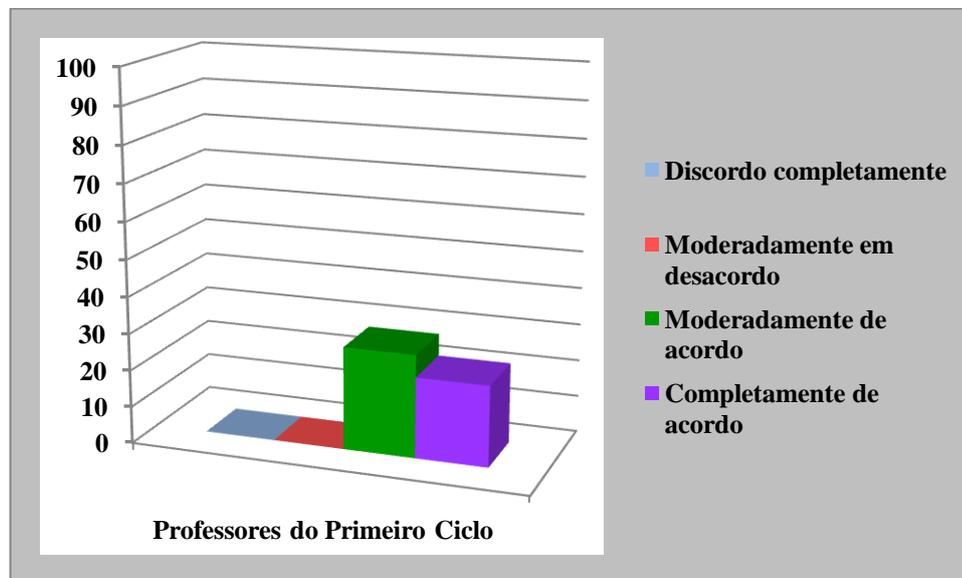


Gráfico 5 – Universo da Amostra de acordo com a 1.ª afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Como podemos verificar no gráfico, há um domínio de respostas que assentam no tópico três da escala apresentada. Assim, 28 professores encontram-se moderadamente de acordo com a afirmação apresentada, 22 professores encontram-se completamente de acordo com a afirmação em causa e nenhum dos professores manifestou encontrar-se moderadamente em desacordo e em discordância completa.

Com estas respostas podemos constatar que ainda se verifica um certo desconhecimento por parte dos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico acerca da PEA, visto que, o autismo não se caracteriza apenas por uma característica singular mas sim, por um conjunto de dificuldades caracterizadas por um défice nas áreas do desenvolvimento, nomeadamente as competências sociais, de comunicação e a presença de comportamentos, interesses e actividades estereotipadas.

Os Professores da Educação Especial, relativamente à afirmação:

1. O autismo não se caracteriza apenas por uma característica singular mas sim, por um conjunto de dificuldades, revelam que:

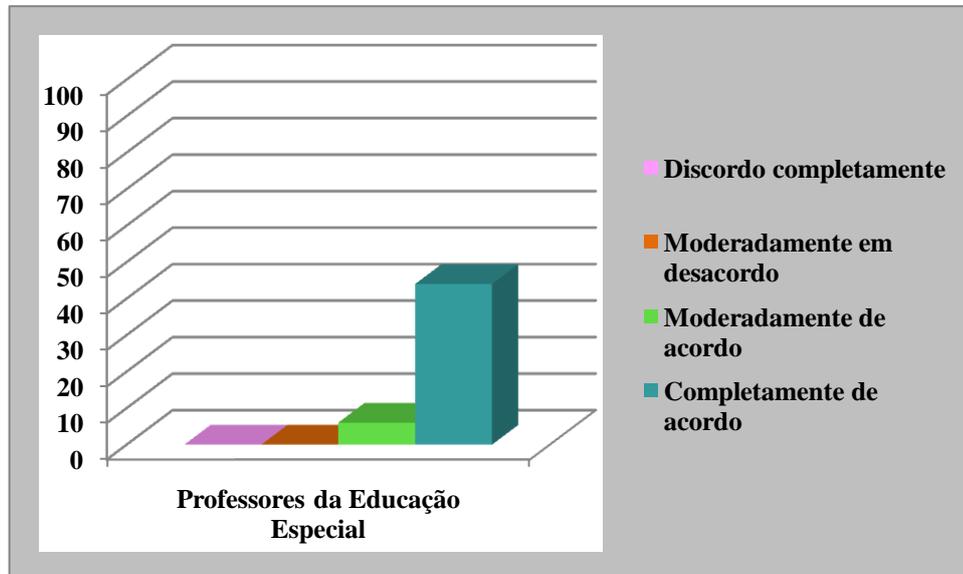


Gráfico 6 – Universo da Amostra de acordo com a 1.ª afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores da Educação Especial

Através do gráfico podemos visualizar uma prevalência de respostas que assentam no tópicos quatro da escala apresentada. Assim, 6 professores encontram-se moderadamente de acordo com a afirmação apresentada, 44 professores encontram-se completamente de acordo com a afirmação em causa e nenhum dos professores manifestou encontrar-se moderadamente em desacordo e em discordância completa.

Podemos verificar através do gráfico que os Professores da Educação Especial possuem um conhecimento bem aprofundado acerca da PEA, têm a plena consciência que as características do autismo assentam na presença de um desenvolvimento acentuadamente anormal ou deficitário da interação e comunicação social e num reportório acentuadamente restritivo de comportamentos, actividades e interesses.

Os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativamente à afirmação:

2. O autismo caracteriza-se apenas por um desenvolvimento deficitário da comunicação e interacção social, revelam que:

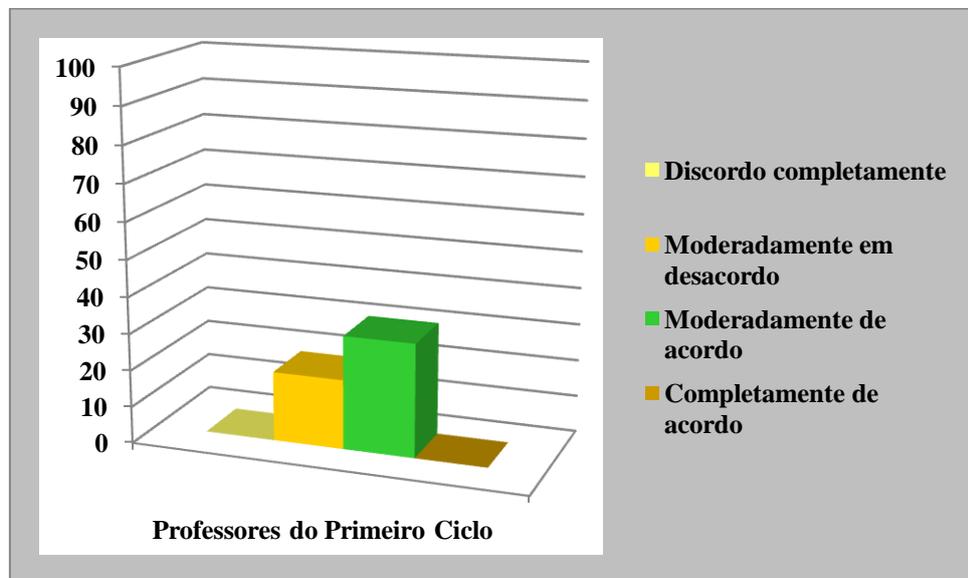


Gráfico 7 – Universo da Amostra de acordo com a 2.ª afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Constatamos com a observação do gráfico que a maior parte das respostas se direcciona para o ponto três da escala apresentada. Sendo que, 31 dos professores manifestaram encontrar-se moderadamente de acordo com a afirmação apresentada, 19 professores manifestaram encontrar-se moderadamente em desacordo com a afirmação em análise e nenhum dos professores manifestou encontrar-se em completo acordo e em discordância completa.

Analisando os dados continuamos a ter a noção de que os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico não têm a noção do conceito PEA bem adquirida e consolidada, sendo que, o autismo é conhecido por uma “triade de incapacidades”. (Jordan, 2000, p; 12)

Os Professores da Educação Especial, relativamente à afirmação:

2. O autismo caracteriza-se apenas por um desenvolvimento deficitário da comunicação e interacção social, revelam que:

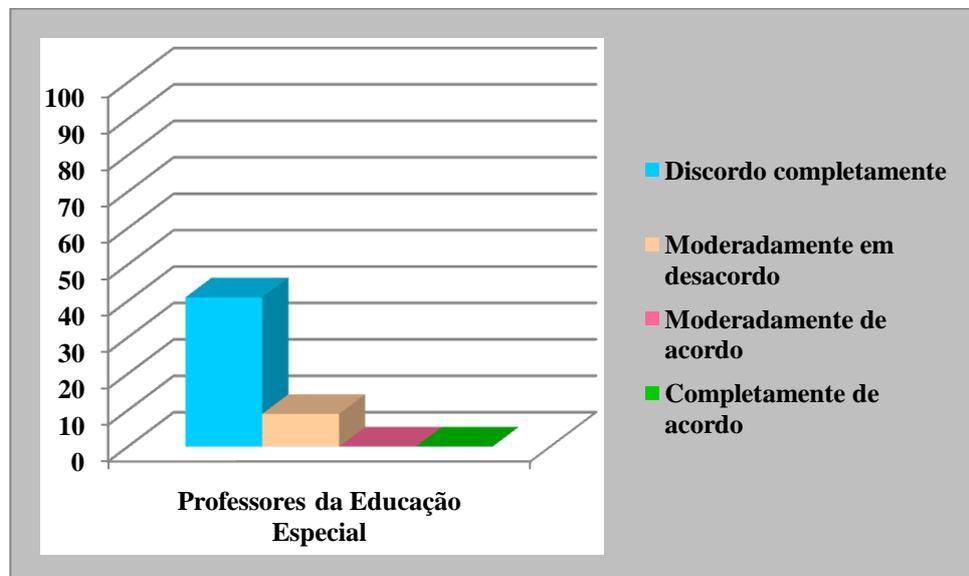


Gráfico 8 – Universo da Amostra de acordo com a 2.^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores da Educação Especial

Analisando o gráfico podemos afirmar que 45 professores estão completamente de acordo com a afirmação em causa e, apenas, 5 professores se encontram moderadamente de acordo com a afirmação.

Tendo em conta os resultados obtidos, podemos referir que os Professores da Educação Especial possuem conhecimentos alargados e precisos que os possibilitam responder de uma forma mais exacta sobre a síndrome em estudo.

Os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativamente à afirmação:

3. O autismo caracteriza-se por um desenvolvimento deficitário da comunicação, interacção social e um repertório limitado de actividades e interesses, revelam que:

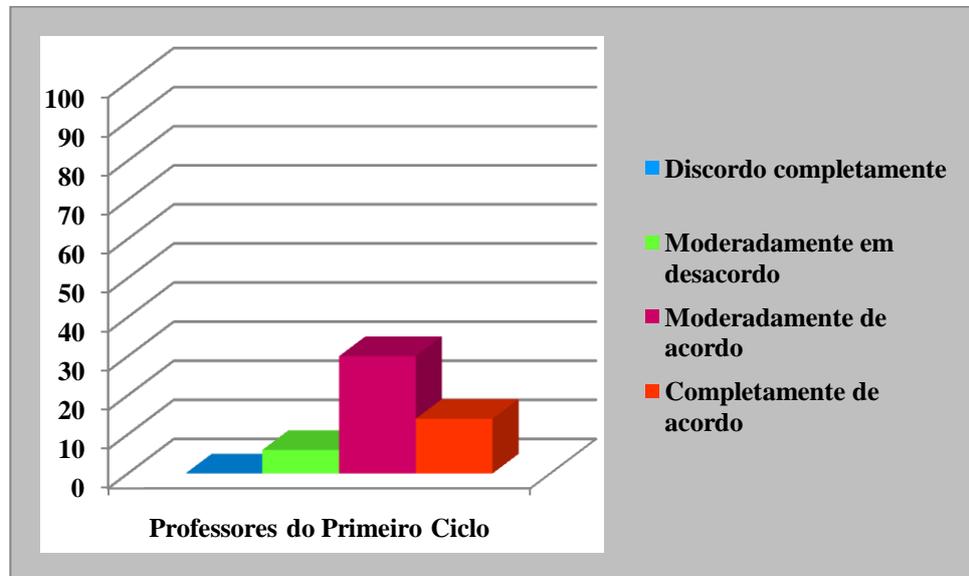


Gráfico 9 – Universo da Amostra de acordo com a 3.ª afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Neste gráfico podemos verificar que cerca de 30 professores manifestaram a sua opinião seleccionando a resposta moderadamente de acordo, 14 seleccionaram a resposta completamente de acordo, 6 professores seleccionaram a resposta moderadamente em desacordo e nenhum dos professores seleccionou a resposta discordo completamente.

Tendo em conta que a afirmação em causa é sucinta mas, é uma das definições mais fidedignas desta síndrome podemos atestar que, neste grupo de professores, uma pequena minoria possui conhecimentos concretos das manifestações mais frequentes da PEA. A maioria apresenta uma opinião moderada e não concreta acerca da definição de autismo.

Os Professores da Educação Especial, relativamente à afirmação:

3. O autismo caracteriza-se por um desenvolvimento deficitário da comunicação, interação social e um repertório limitado de actividades e interesses, revelam que:

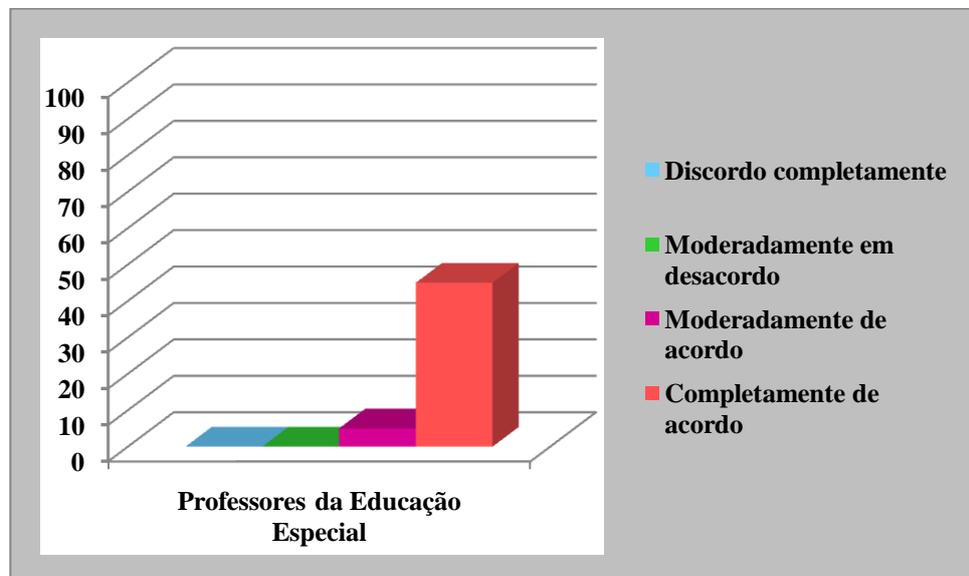


Gráfico 10 – Universo da Amostra de acordo com a 3.^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores da Educação Especial

O gráfico mostra-nos como 45 professores manifestam a sua opinião permanecendo completamente de acordo com a afirmação referida, 5 professores permanecem moderadamente de acordo com a afirmação e nenhum dos professores referiu encontrar-se moderadamente em desacordo e em discordância total.

Assim, nesta amostra de professores, podemos referir que uma minoria não concorda completamente com a afirmação que engloba as três áreas de incapacidades dos autistas.

Os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativamente à afirmação:

4. As necessidades dos alunos com a perturbação do espectro do autismo são melhor satisfeitas quando o apoio se realiza na sala de aula, revelam que:

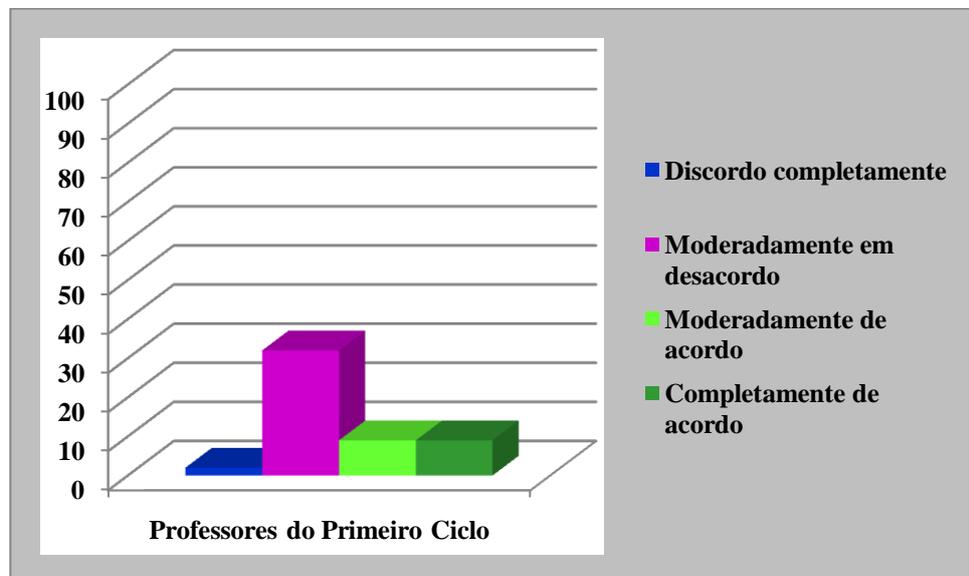


Gráfico 11 – Universo da Amostra de acordo com a 4.ª afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Tendo em conta o gráfico podemos verificar que, apenas, 2 professores discordam completamente da afirmação em análise, uma grande maioria, cerca de 32 professores se encontra moderadamente em desacordo, 9 professores permanecem moderadamente de acordo e, de igual forma, 9 professores permanecem completamente de acordo.

Analisando os dados podemos referir que, grande parte, dos professores pensa que as necessidades dos alunos com a perturbação do espectro do autismo não são globalmente satisfeitas quando o apoio se realiza na sala de aula, facto que, nos leva a concluir que através destes docentes será bom para os alunos com autismo possuírem apoio dentro da sala de aula, para que, desta forma, se sintam integrados junto dos outros colegas que os acompanham diariamente, mas, ao mesmo tempo, será benéfico, um apoio num espaço exterior à sala de aula, onde a criança possa libertar-se, possa exprimir os seus sentimentos, sem que se sinta observada pelos outros.

Os Professores da Educação Especial, relativamente à afirmação:

4. As necessidades dos alunos com a perturbação do espectro do autismo são melhor satisfeitas quando o apoio se realiza na sala de aula, revelam que:

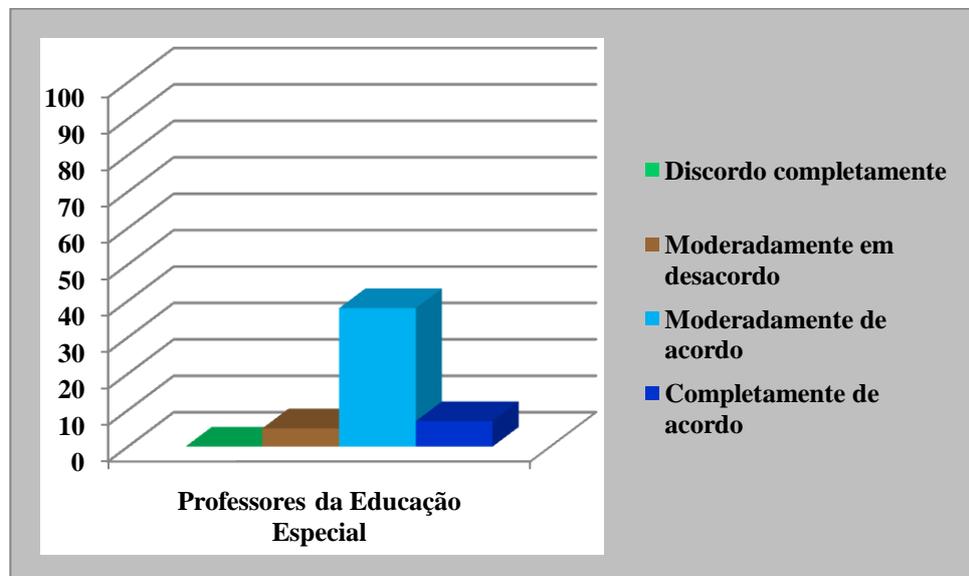


Gráfico 12 – Universo da Amostra de acordo com a 4.^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores da Educação Especial

Observando o gráfico conferimos que nenhum dos professores discorda completamente com a afirmação, 5 professores encontram-se moderadamente em desacordo, 38 professores encontram-se moderadamente de acordo e, por fim, 7 professores encontram-se completamente de acordo.

Analisando os dados, podemos dizer que os professores em causa partilham da opinião que, poderá ser feito o apoio à criança na sala de aula, juntamente com todos os outros colegas, no entanto, esse apoio não será de todo bem aproveitado pela mesma se só for realizado na sala de aula.

Os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativamente à afirmação:

5. As necessidades dos alunos com a perturbação do espectro do autismo podem ser satisfeitas na sala de aula, sem o apoio da educação especial, revelam que:

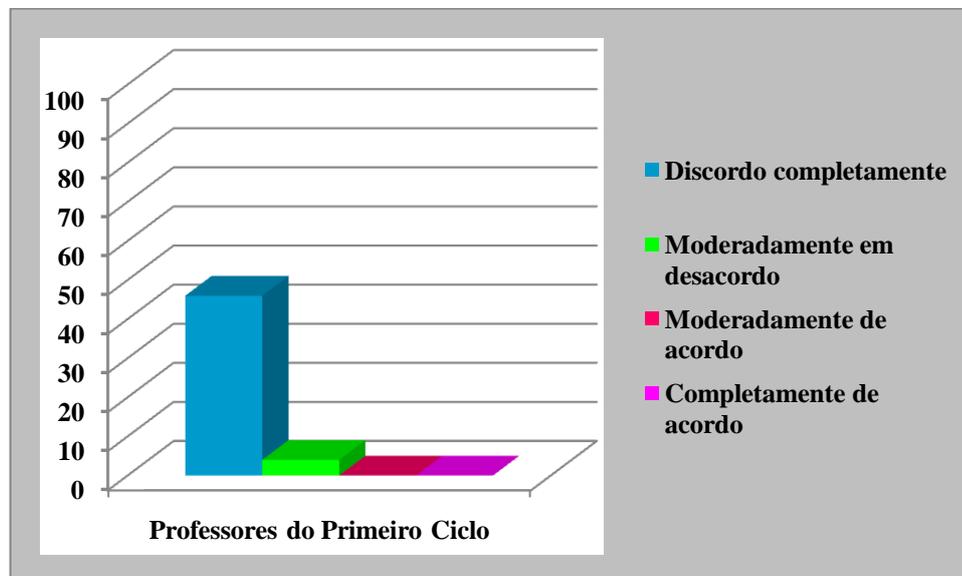


Gráfico 13 – Universo da Amostra de acordo com a 5.ª afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Relativamente à afirmação em análise, 46 dos professores demonstraram discordar completamente, 4 demonstraram estar moderadamente em desacordo e nenhum dos professores demonstrou encontrar-se moderadamente de acordo e completamente de acordo.

Observando os dados presentes no gráfico é possível referir que uma grande percentagem de professores não concorda, de todo, com a afirmação, tendo como opinião que, não é possível satisfazer as necessidades dos alunos com a perturbação do espectro do autismo sem que se verifique o apoio da educação especial.

Os Professores da Educação Especial, relativamente à afirmação:

5. As necessidades dos alunos com a perturbação do espectro do autismo podem ser satisfeitas na sala de aula, sem o apoio da educação especial, revelam que:

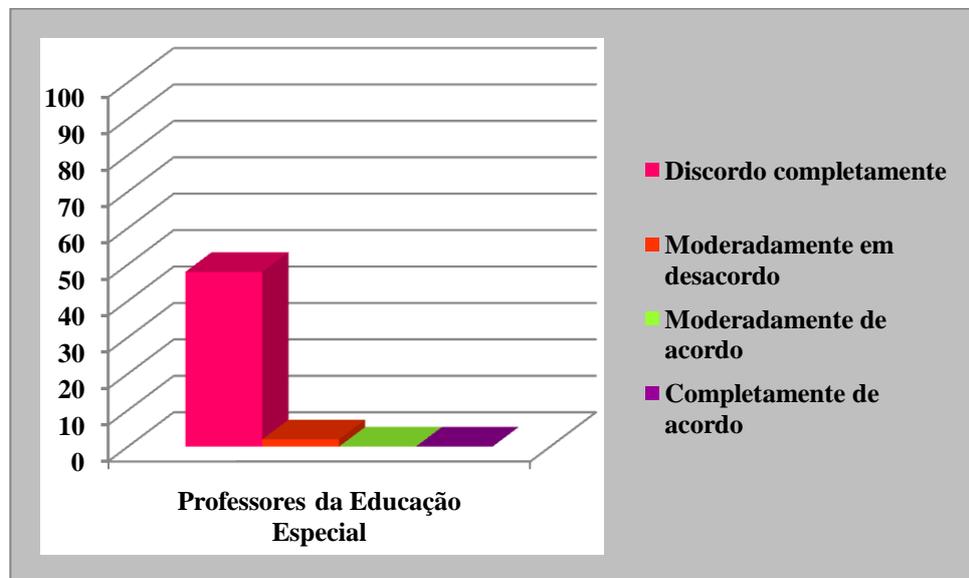


Gráfico 14 – Universo da Amostra de acordo com a 5.^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores da Educação Especial

No que concerne aos dados presentes no gráfico verificamos que 48 professores da amostra em estudo discordam completamente com a afirmação e, apenas, 2 professores se encontram moderadamente em desacordo, sendo que, nenhum dos docentes mostrou encontrar-se moderadamente de acordo e completamente de acordo.

Deste modo, podemos mencionar que, os professores da EE ao demonstrarem esta opinião pretendem reforçar a importância do apoio nas crianças com autismo, ou seja, da importância que a EE tem no desenvolvimento destas crianças.

Os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativamente à afirmação:

6. O aluno com a perturbação do espectro do autismo apresenta necessidades únicas, deste modo, deve ser elaborado um programa individualizado que dê resposta às suas necessidades, revelam que:

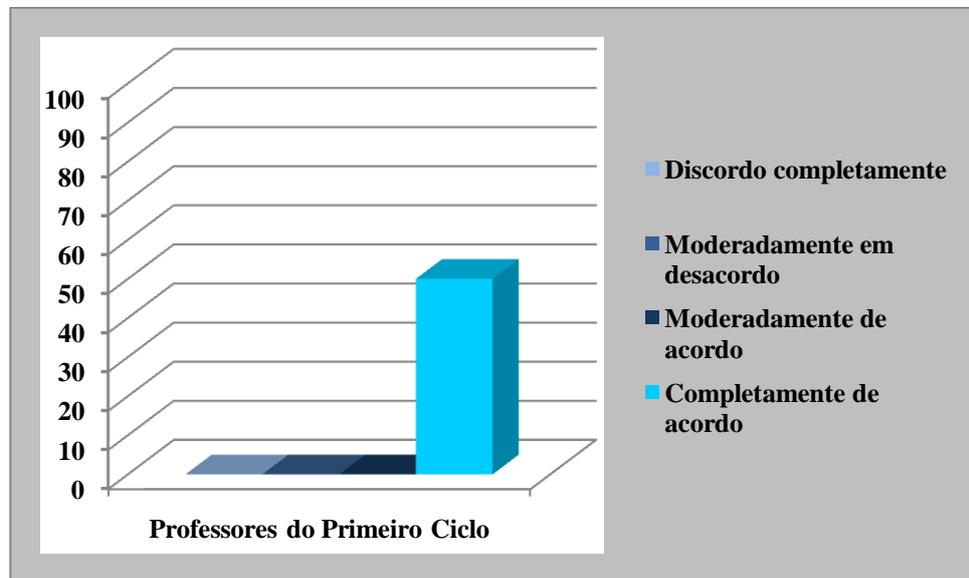


Gráfico 15 – Universo da Amostra de acordo com a 6.ª afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Analisando o gráfico podemos constatar que todos os professores da amostra se encontram completamente de acordo com a afirmação, ou seja, 50 professores proferiram encontrar-se totalmente de acordo com o facto de os alunos com PEA necessitarem de um programa individualizado que responda às suas necessidades únicas.

Cada caso é um caso, no entanto, como já referimos anteriormente, no enquadramento teórico, as crianças autistas possuem dificuldades em algumas áreas e noutras conseguem demonstrar um excelente desenvolvimento. Desta forma, se nas escolas se realizarem programas individualizados que consigam responder às suas necessidades, poder-se-á apostar em estratégias e práticas que beneficiem a criança, levando-a a desenvolver-se de uma forma harmoniosa e apostando, sobretudo, na sua inclusão.

Os Professores da Educação Especial, relativamente à afirmação:

6. O aluno com a perturbação do espectro do autismo apresenta necessidades únicas, deste modo, deve ser elaborado um programa individualizado que dê resposta às suas necessidades, revelam que:

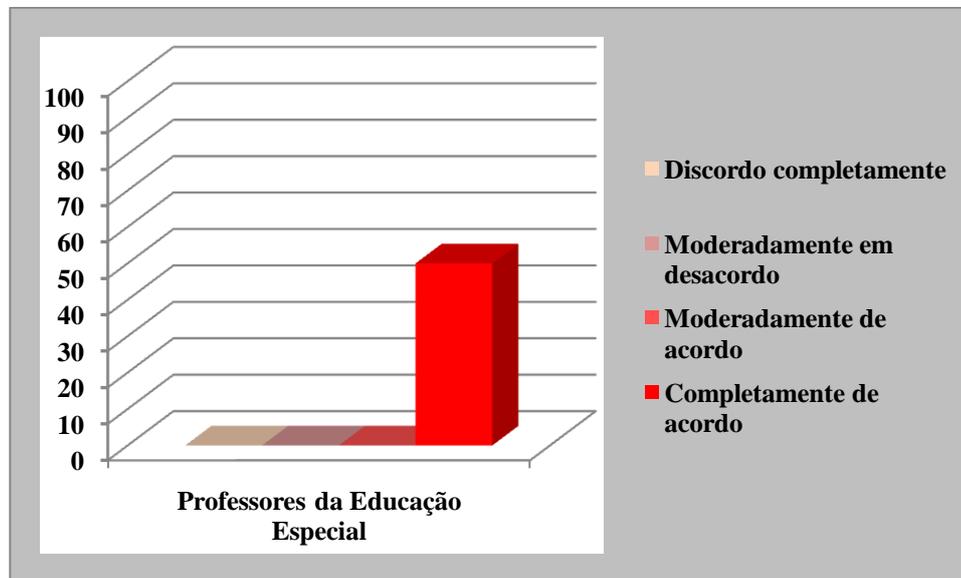


Gráfico 16 – Universo da Amostra de acordo com a 6.^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores da Educação Especial

Neste gráfico verificamos que a opinião dos professores da Educação Especial é semelhante à dos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, os 50 professores da Educação Especial pertencentes à amostra em estudo, revelam estar completamente de acordo com a afirmação em análise.

Os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativamente à afirmação:

7. As condições físicas e humanas que existem, actualmente, nas escolas permitem o sucesso educativo dos alunos com a perturbação do espectro do autismo, revelam que:

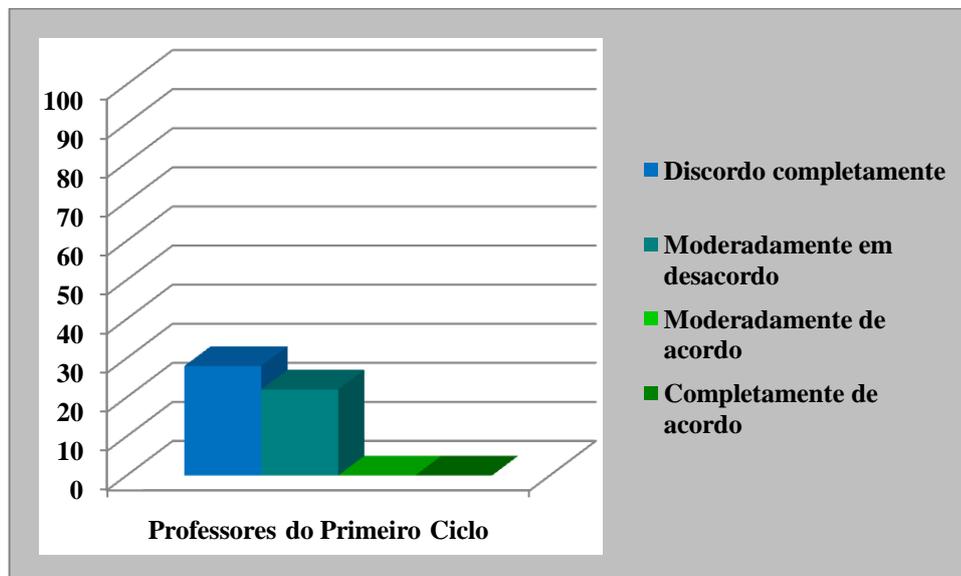


Gráfico 17 – Universo da Amostra de acordo com a 7.ª afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Relativamente a esta afirmação, 28 professores referiram que discordam completamente com o facto de as condições físicas e humanas existentes, actualmente, nas escolas, permitirem o sucesso educativo dos alunos com PEA. Os restantes 22 professores referiram encontrar-se moderadamente em desacordo.

Assim, podemos constatar que os docentes que se encontram nas nossas escolas, diariamente, se debatem com uma carência de condições físicas e humanas que acabam por afectar o sucesso educativo dos alunos.

Os Professores da Educação Especial, relativamente à afirmação:

7. As condições físicas e humanas que existem, actualmente, nas escolas permitem o sucesso educativo dos alunos com a perturbação do espectro do autismo, revelam que:

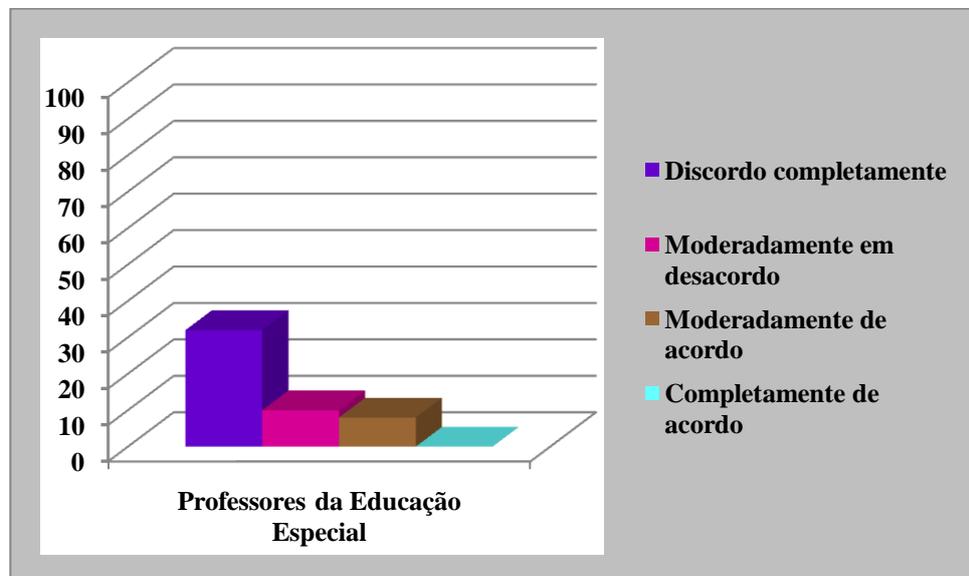


Gráfico 18 – Universo da Amostra de acordo com a 7.^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores da Educação Especial

Cerca de 32 professores discordam completamente com a afirmação, 10 professores manifestaram estar moderadamente em desacordo com a afirmação, 8 professores referiram estar moderadamente de acordo com a afirmação e, por fim, nenhum dos docentes manifestou encontrar-se completamente de acordo.

Analisando os dados podemos constatar que os docentes da EE apresentam uma opinião mais vincada acerca desta afirmação, a maior parte discorda completamente com o facto de nas escolas, actualmente, as condições físicas e humanas permitirem o sucesso educativo dos alunos com a PEA. Sabe-se que, nos nossos dias, os fundos orçamentais são bastante reduzidos e, no que diz respeito à EE, esta realidade é bem notória, visto que, em muitas escolas são precisos materiais dispendiosos que, na maior parte das vezes, não se podem comprar, levando os professores a optarem por outros meios ou estratégias que de alguma forma condicionam o desenvolvimento das crianças.

Os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativamente à afirmação:

8. Os professores das escolas, do nosso país, actualmente, encontram-se melhor informados acerca da perturbação do espectro do autismo, revelam que:

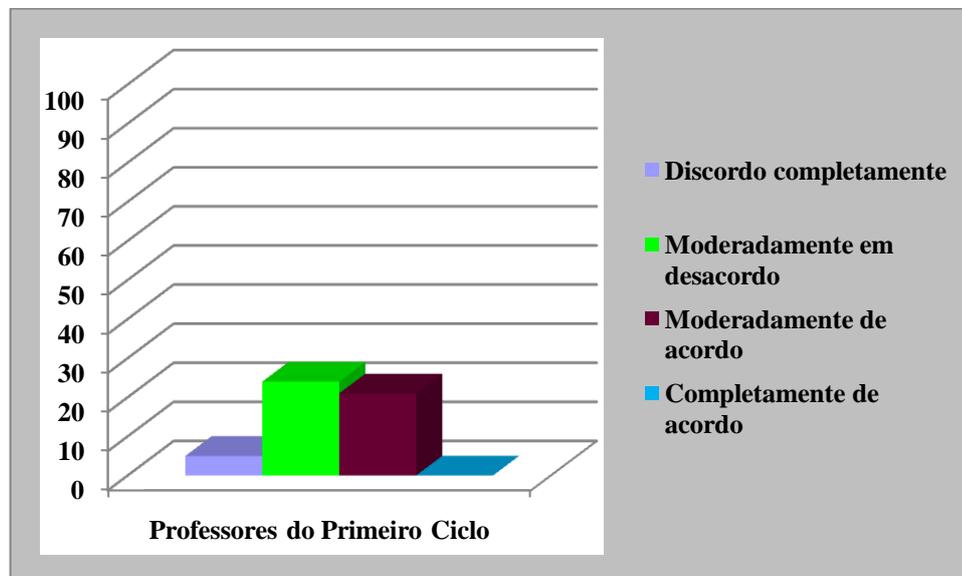


Gráfico 19 – Universo da Amostra de acordo com a 8.ª afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Neste gráfico podemos visualizar que, 5 docentes discordam completamente com a afirmação, 24 docentes encontram-se moderadamente em desacordo, 21 docentes encontram-se moderadamente de acordo e nenhum dos docentes se encontra completamente de acordo.

Através dos dados adquiridos nos questionários e, agora em análise, através do gráfico, podemos verificar que a maior percentagem de docentes assenta na opinião, moderadamente em desacordo, o que nos leva a concluir que, para os docentes do 1.º Ciclo do Ensino Básico os professores das nossas escolas, actualmente, ainda não se encontram muito bem informados acerca desta síndrome. Assim, deveriam apostar cada vez mais no alargamento dos seus conhecimentos, incluindo a EE como uma das suas prioridades.

Os Professores da Educação Especial, relativamente à afirmação:

8. Os professores das escolas, do nosso país, actualmente, encontram-se melhor informados acerca da perturbação do espectro do autismo, revelam que:

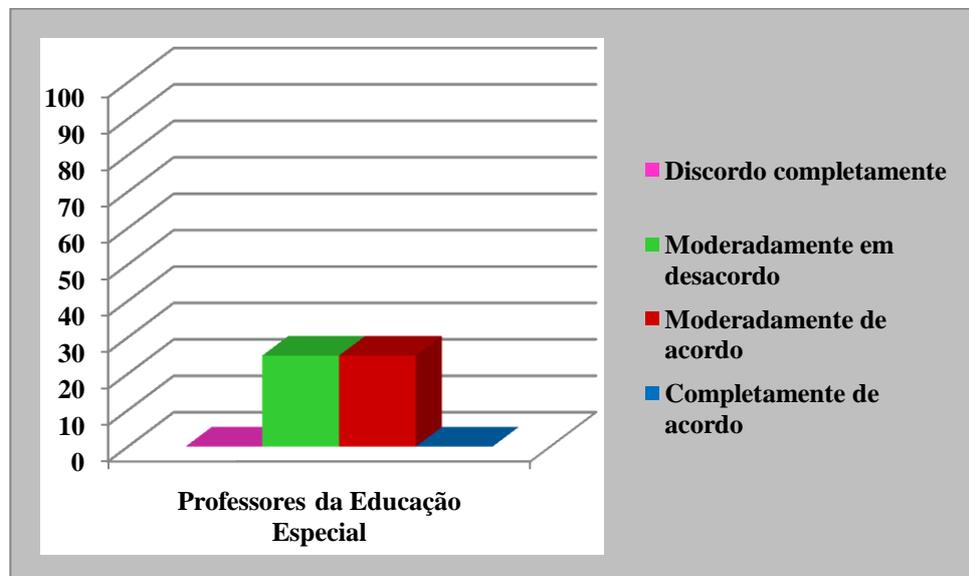


Gráfico 20 – Universo da Amostra de acordo com a 8.ª afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores da Educação Especial

Os professores da EE dividem-se, equitativamente nas opiniões, sendo que, 25 professores manifestam estar moderadamente em desacordo e 25 professores manifestam estar moderadamente de acordo. Nenhum dos professores manifestou encontrar-se em completo acordo e em completo desacordo.

A opinião em causa, talvez se destaque desta forma devido aos diferentes meios onde os professores de inserem. Em meios mais desenvolvidos, logo, escolas mais desenvolvidas, os professores se encontrem mais despertos para o conhecimento, para o estudo, para a pesquisa. Em meios menos desenvolvidos, em alguns casos, os professores tendem a ser mais conservadores, tendem a conservar as suas práticas, os seus conhecimentos, não mostrando interesse em apostar na procura de novos conhecimentos.

Os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativamente à afirmação:

9. Os professores das escolas, do nosso país, encontram-se preparados para dar resposta às necessidades educativas dos alunos com a perturbação do espectro do autismo, revelam que:

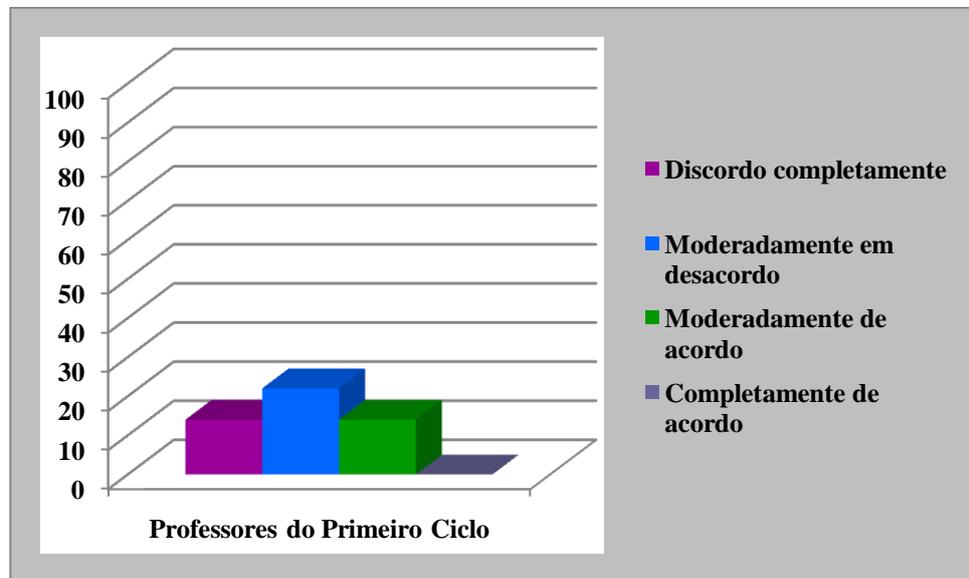


Gráfico 21 – Universo da Amostra de acordo com a 9.ª afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Analisando as respostas dos docentes verificamos que 14 professores discordam completamente com a afirmação, 22 professores encontram-se moderadamente em desacordo, 14 professores encontram-se moderadamente de acordo e nenhum dos professores manifestou encontrar-se completamente de acordo.

Assim, de acordo com as respostas, podemos mencionar que a maioria dos professores entra em desacordo com a preparação dos docentes na resposta às necessidades educativas dos alunos com a PEA.

Os Professores da Educação Especial, relativamente à afirmação:

9. Os professores das escolas, do nosso país, encontram-se preparados para dar resposta às necessidades educativas dos alunos com a perturbação do espectro do autismo, revelam que:

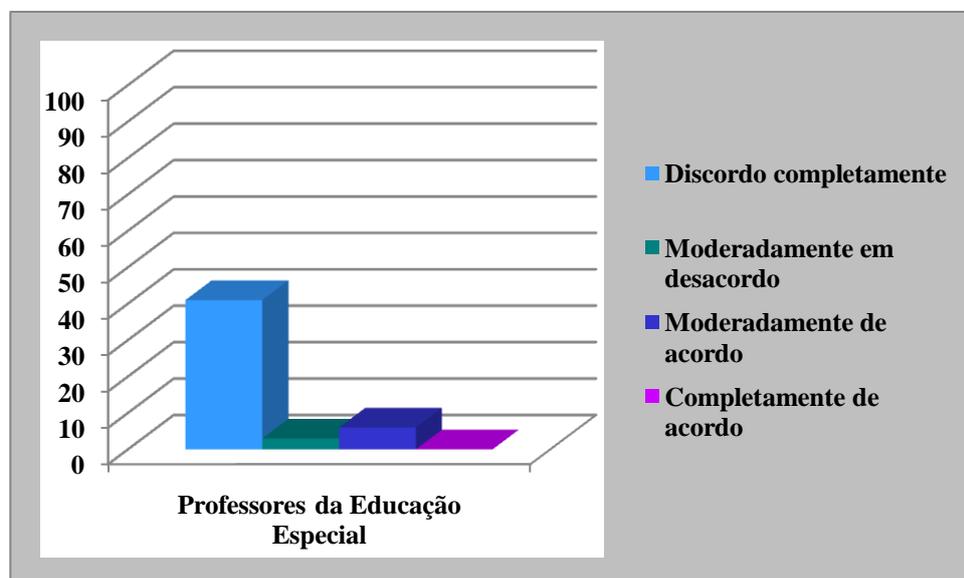


Gráfico 22 – Universo da Amostra de acordo com a 9.ª afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores da Educação Especial

Neste gráfico observamos que 41 professores discordam completamente com a afirmação, 3 professores permanecem moderadamente em desacordo, 6 professores encontram-se moderadamente de acordo e nenhum dos professores manifesta encontrar-se completamente de acordo.

A maior parte dos docentes da EE não concordam de todo com a afirmação, referem que os professores das nossas escolas não estão preparados para dar resposta às necessidades educativas dos alunos com a PEA.

Os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativamente à afirmação:

10. Os professores das escolas, do nosso país, encontram-se receptivos a adoptar novas estratégias de aprendizagem que incluam outras áreas (música, actividade física e motora...), revelam que:

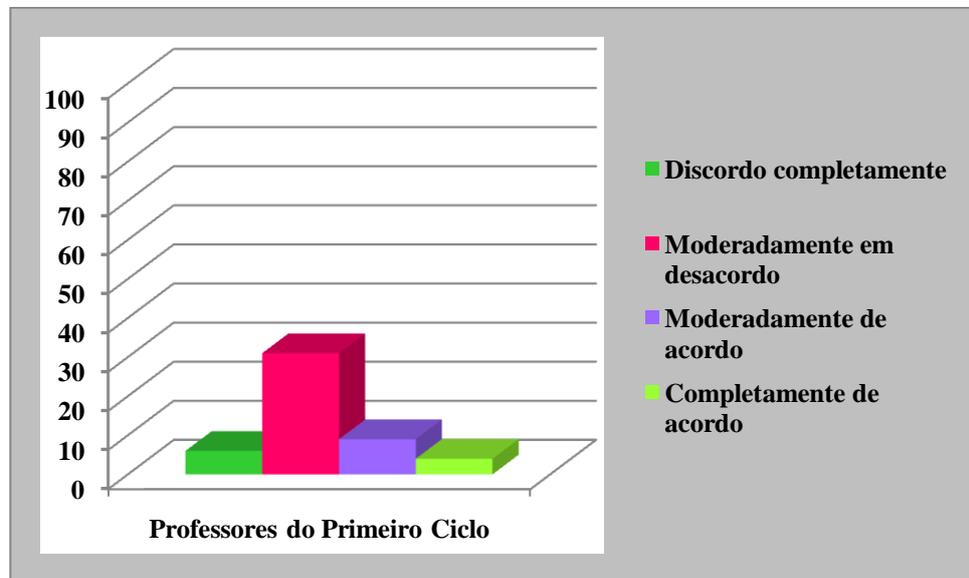


Gráfico 23 – Universo da Amostra de acordo com a 10.ª afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

O gráfico revela-nos que 6 docentes discordam completamente com a afirmação, 31 docentes permanecem moderadamente em desacordo, 9 professores permanecem moderadamente de acordo e, por fim, 4 professores encontram-se completamente de acordo.

Desta forma, analisando os dados, podemos referir que segundo a maioria das opiniões prestadas pelos docentes, os professores das nossas escolas não se encontram receptivos à adopção de novas estratégias de aprendizagem que possam incluir outras áreas, como a música, a actividade física e motora, entre outras.

Os Professores da Educação Especial, relativamente à afirmação:

10. Os professores das escolas, do nosso país, encontram-se receptivos a adoptar novas estratégias de aprendizagem que incluam outras áreas (música, actividade física e motora...), revelam que:

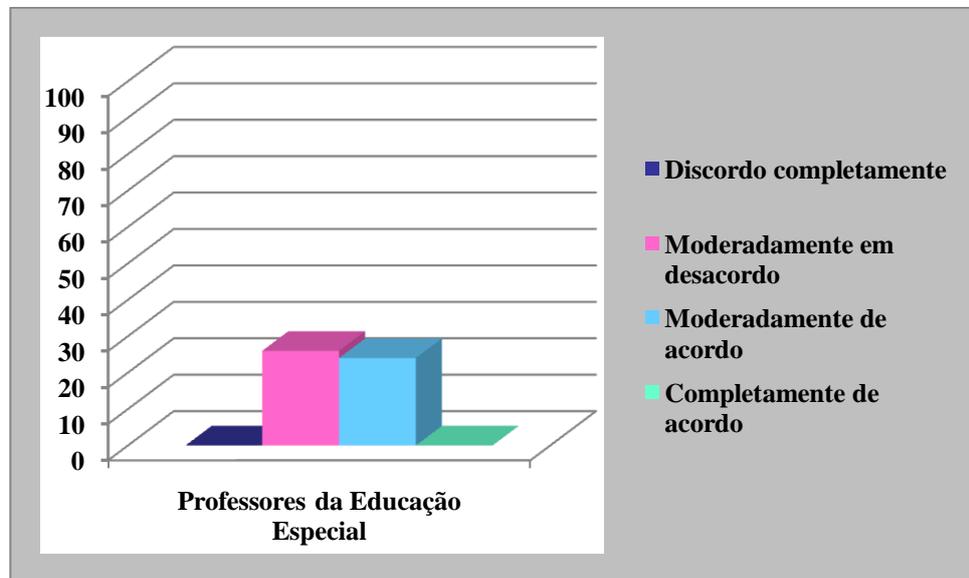


Gráfico 24 – Universo da Amostra de acordo com a 10.^a afirmação do questionário relativamente à PEA, segundo os Professores da Educação Especial

O gráfico mostra-nos que 26 professores estão moderadamente em desacordo com a afirmação, 24 professores estão moderadamente de acordo e nenhum dos professores manifestou discordar completamente e permanecer completamente de acordo

Assim, a maioria dos docentes não considera que os professores se encontrem receptivos para adoptar novas estratégias de aprendizagem.

Podemos concluir que, tanto os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico como os professores da Educação Especial partilham da mesma opinião, evidenciando a pouca receptividade dos docentes para a descoberta de novas formas de aprendizagem.

Continuando a análise do questionário. Ainda, no questionário solicitamos aos professores a indicação da sua concordância ou discordância tendo em conta algumas afirmações referentes à Música. Deste modo, através da escala: **1 - Discordo completamente; 2 - Moderadamente em desacordo; 3 - Moderadamente de acordo; 4 - Completamente de acordo**, os professores manifestaram a sua concordância ou discordância relativamente às afirmações:

1. A música é apenas uma arte que combina sons e silêncio;
2. A música caracteriza-se apenas por uma prática cultural e humana;
3. A música pode ser considerada, ao mesmo tempo, uma prática cultural e humana e uma área educacional e terapêutica;
4. A música encontra-se inserida no meio contribuindo para um acréscimo de competências e desenvolvimento de habilidades;
5. A música funciona como um auxílio na resposta às necessidades de alunos com dificuldades na aprendizagem, alunos com e sem necessidades educativas especiais;
6. A música pode contribuir para o desenvolvimento intelectual e emocional de um aluno com a perturbação do espectro do autismo;
7. As condições físicas e humanas que existem, actualmente, nas escolas permitem o acesso à música de todos os alunos, incluindo os alunos com a perturbação do espectro do autismo;
8. Os professores das escolas, do nosso país, possuem conhecimentos acerca desta área a fim de a utilizarem como um recurso ou auxílio na aprendizagem;
9. A música é uma importante forma de expressão humana contribuindo para a inclusão no contexto educacional;
10. A música é um agente de inclusão capaz de conseguir a harmonia de um ser humano com a sociedade e o mundo em que vive.

Os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativamente à afirmação:

1. A música é apenas uma arte que combina sons e silêncio, revelam que:

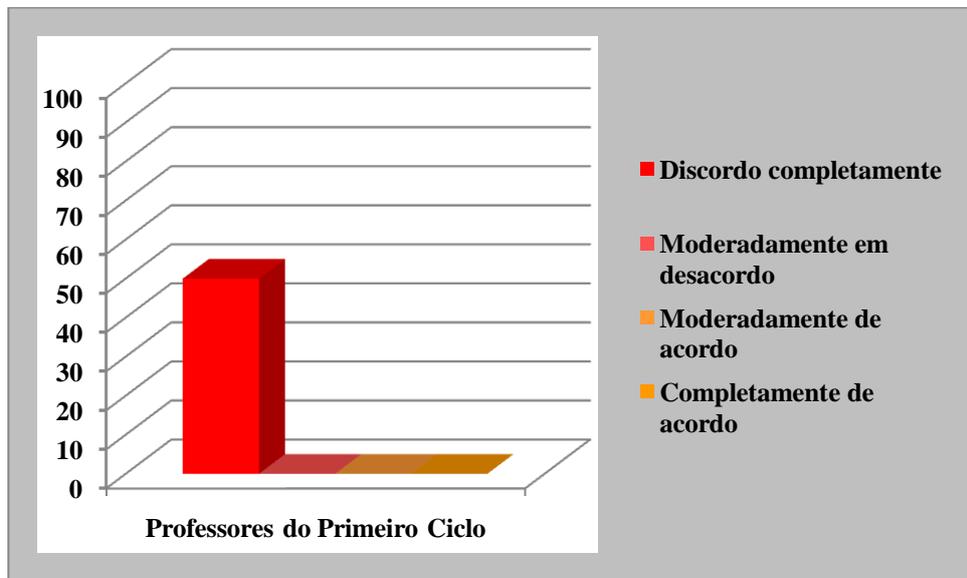


Gráfico 25 – Universo da Amostra de acordo com a 1.ª afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

De acordo com o gráfico podemos visualizar que todos os professores manifestaram discordar com a afirmação.

Em concordância, os professores referem que a música não é simplesmente uma arte que combina sons e silêncio.

Os Professores da Educação Especial, relativamente à afirmação:

1. A música é apenas uma arte que combina sons e silêncio, revelam que:

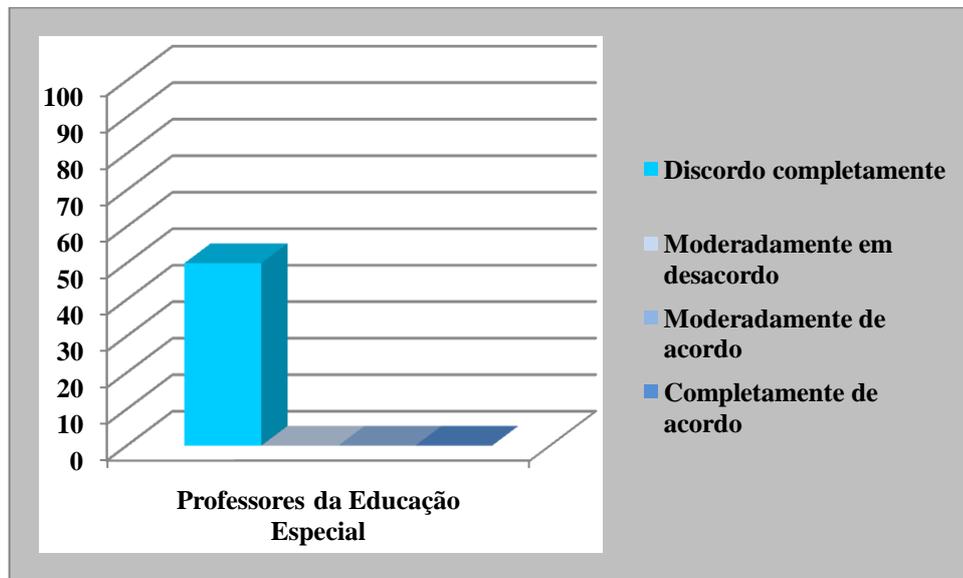


Gráfico 26 – Universo da Amostra de acordo com a 1.^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores da Educação Especial

No gráfico podemos observar que todos os docentes discordam completamente com a afirmação em análise. Assim como os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, os professores da EE partilham da mesma opinião, não considerando a música, apenas, como uma arte que combina sons e silêncio.

Os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativamente à afirmação:

2. A música caracteriza-se apenas por uma prática cultural e humana, revelam que:

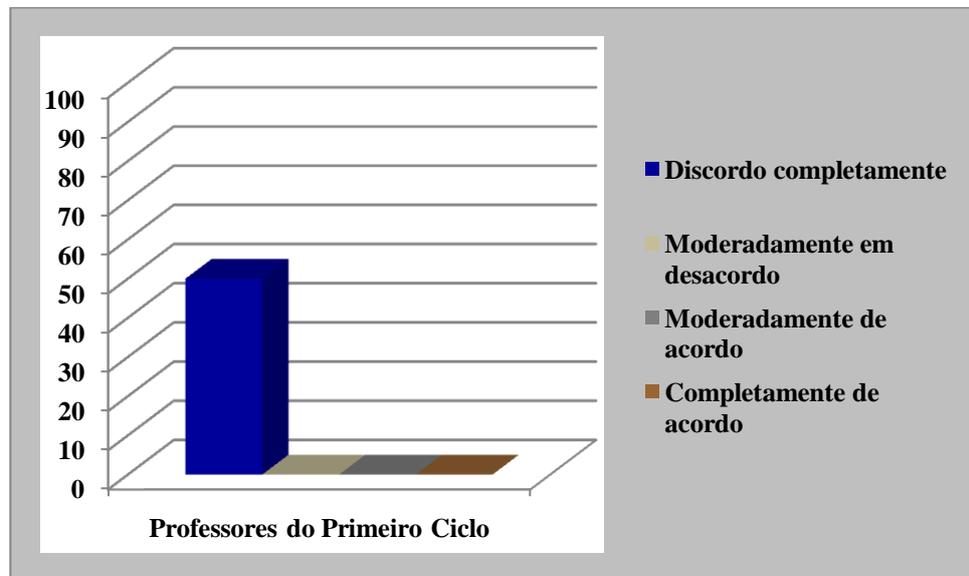


Gráfico 27 – Universo da Amostra de acordo com a 2.ª afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

De acordo com as opiniões dos docentes, constatamos que todos os professores manifestaram discordar completamente da afirmação. Assim, 50 docentes discordam totalmente que a música se caracteriza, apenas, por uma prática cultural e humana.

Os Professores da Educação Especial, relativamente à afirmação:

2. A música caracteriza-se apenas por uma prática cultural e humana, revelam que:

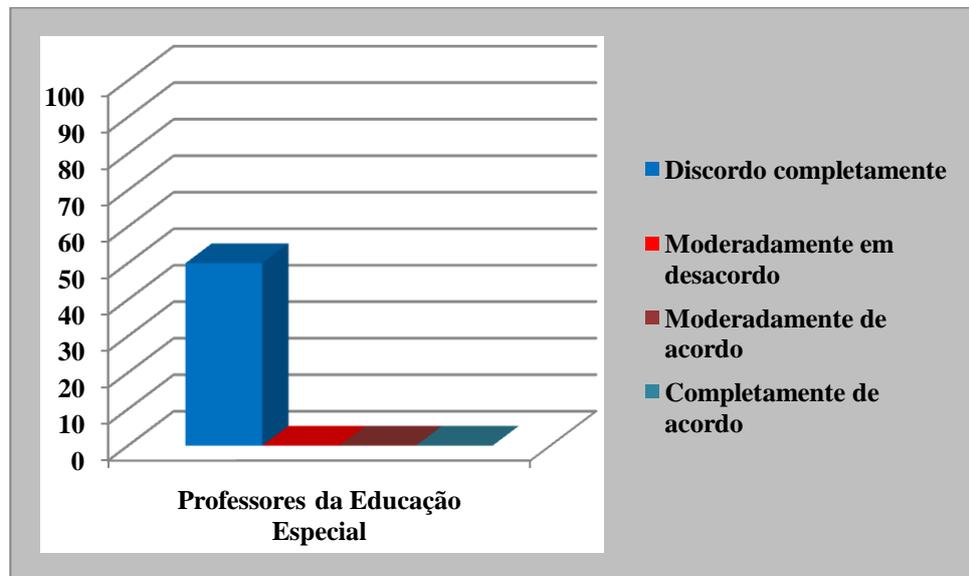


Gráfico 28 – Universo da Amostra de acordo com a 2.^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores da Educação Especial

Analisando o gráfico podemos visualizar que também os professores da EE partilham da opinião que a música não se caracteriza apenas por uma prática cultural e humana.

Deste modo, 50 docentes discordam totalmente que a música se caracteriza, apenas, por uma prática cultural e humana.

Os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativamente à afirmação, revelam que:

3. A música pode ser considerada, ao mesmo tempo, uma prática cultural e humana e uma área educacional e terapêutica;

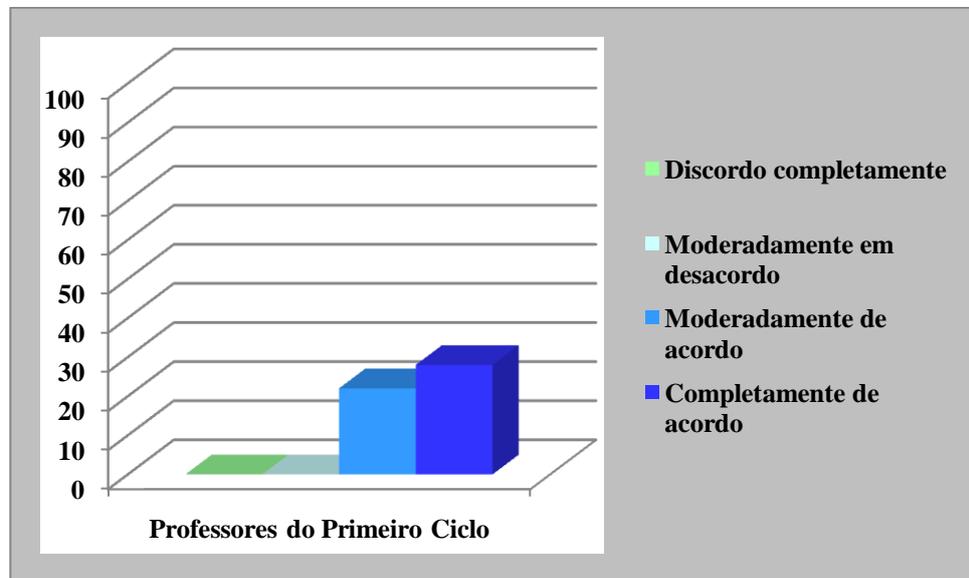


Gráfico 29 – Universo da Amostra de acordo com a 3.ª afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Com este gráfico podemos observar que 22 professores permanecem moderadamente de acordo, 28 professores permanecem completamente de acordo e nenhum dos professores manifestou estar completamente de acordo e em discordância completa.

Deste modo, os professores na sua maioria consideram a música como uma prática cultural, humana e uma área educacional e terapêutica.

Os Professores da Educação Especial, relativamente à afirmação:

3. A música pode ser considerada, ao mesmo tempo, uma prática cultural e humana e uma área educacional e terapêutica, revelam que:

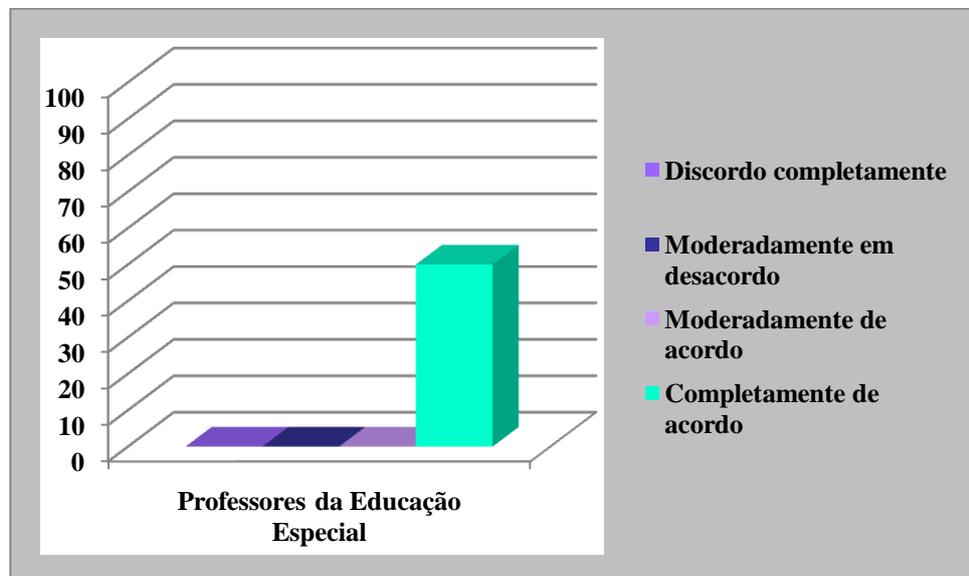


Gráfico 30 – Universo da Amostra de acordo com a 3.^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores da Educação Especial

Segundo as opiniões dos inquiridos, em unanimidade, a amostra dos professores de EE revela que permanece completamente de acordo com a afirmação em causa.

Como já referimos anteriormente, cada criança é uma realidade única e especial e a música é, também, uma arte tão especial capaz de educar e funcionar como uma terapia. Desta forma, a opinião dos docentes em causa vem ao encontro daquilo que foi referido ao longo do trabalho.

Os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativamente à afirmação:

4. A música encontra-se inserida no meio contribuindo para um acréscimo de competências e desenvolvimento de habilidades, revelam que:

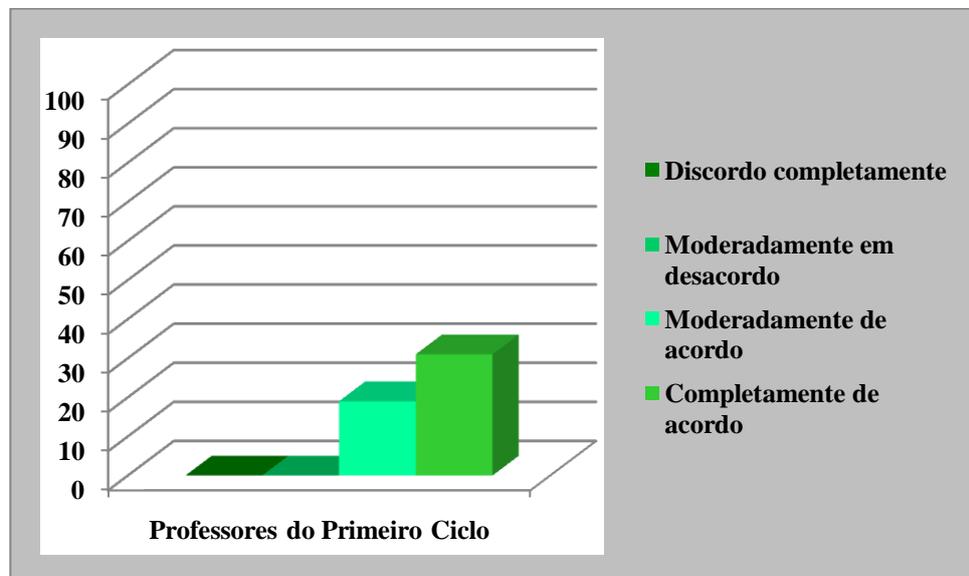


Gráfico 31 – Universo da Amostra de acordo com a 4.ª afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Relativamente a este gráfico podemos constatar que 31 dos docentes se encontra completamente de acordo com a afirmação, 19 docentes permanecem moderadamente de acordo e nenhum dos docentes manifestou estar moderadamente em desacordo e em discordância completa.

De uma forma geral, uma maioria dos docentes concorda que a música contribui, permanecendo inserida no meio, para o acréscimo de competências e o desenvolvimento de habilidades.

Os Professores da Educação Especial, relativamente à afirmação:

4. A música encontra-se inserida no meio contribuindo para um acréscimo de competências e desenvolvimento de habilidades, revelam que:

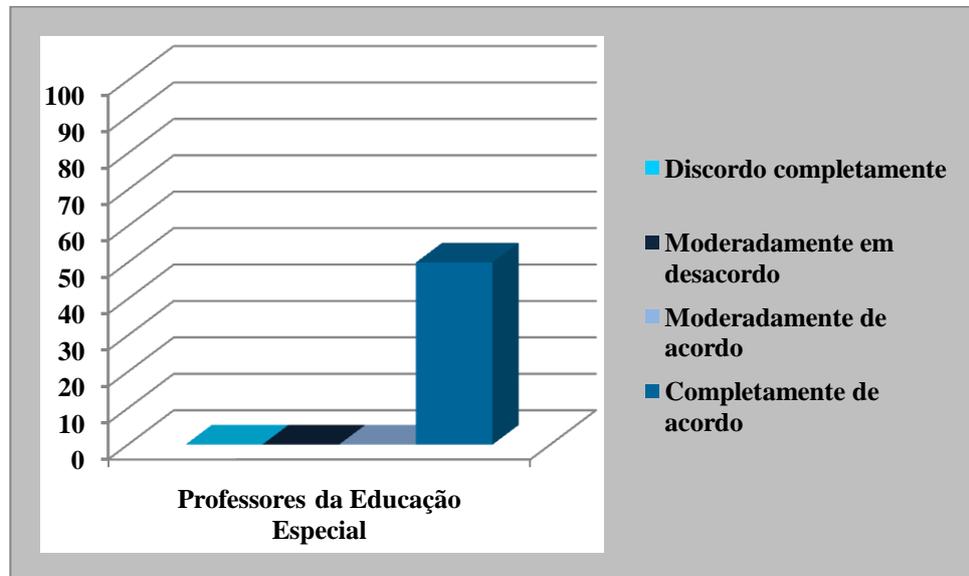


Gráfico 32 – Universo da Amostra de acordo com a 4.^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores da Educação Especial

De acordo com o gráfico, todos os professores, manifestaram estar completamente de acordo com a afirmação. Assim, 50 professores manifestaram concordar que a música contribui para o desenvolvimento de competências e habilidades.

Os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativamente à afirmação:

5. A música funciona como um auxílio na resposta às necessidades de alunos com dificuldades na aprendizagem, alunos com e sem necessidades educativas especiais, revelam que:

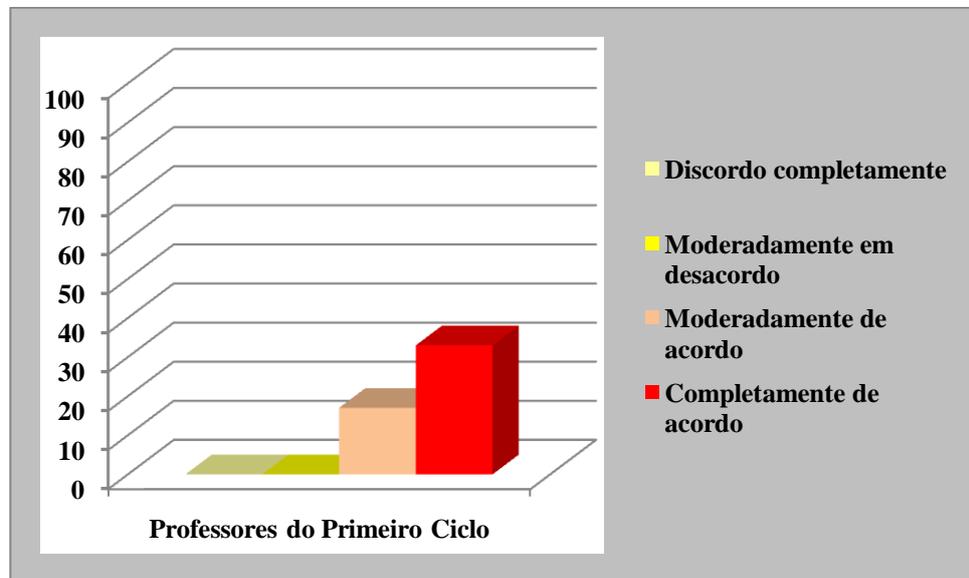


Gráfico 33 – Universo da Amostra de acordo com a 5.ª afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

O gráfico mostra-nos que 33 dos docentes estão completamente de acordo com a afirmação, 17 docentes estão moderadamente de acordo e nenhum dos docentes discorda moderadamente e completamente.

Assim, podemos enunciar que para a maioria dos professores a música funciona como um auxílio na resposta às necessidades de alunos com dificuldades de aprendizagem.

Os Professores da Educação Especial, relativamente à afirmação:

5. A música funciona como um auxílio na resposta às necessidades de alunos com dificuldades na aprendizagem, alunos com e sem necessidades educativas especiais, revelam que:

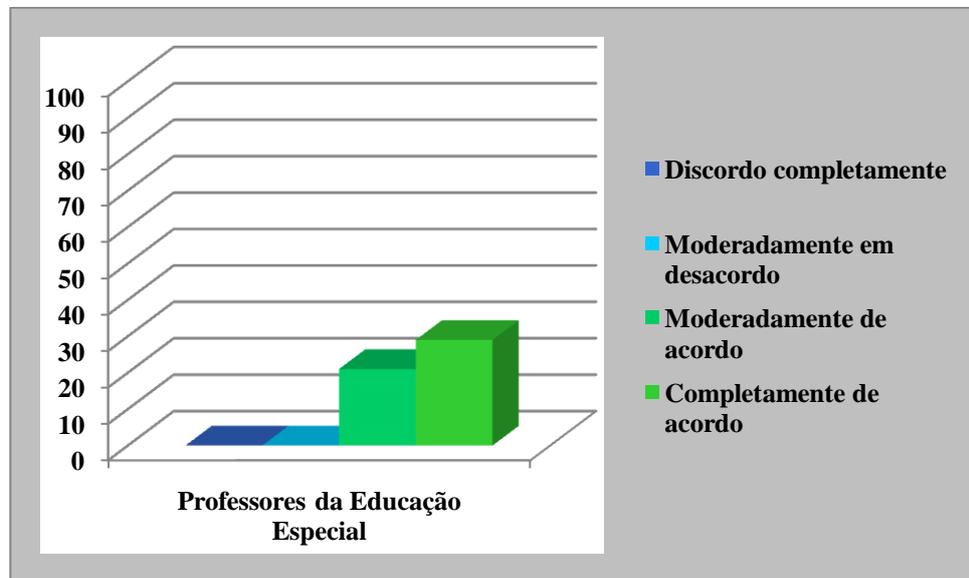


Gráfico 34 – Universo da Amostra de acordo com a 5.ª afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores da Educação Especial

Relativamente à afirmação em causa, 23 professores referem estar moderadamente de acordo, 29 referem estar completamente de acordo e nenhum dos professores discorda completamente e permanece moderadamente em desacordo.

Como os professores do 1.º Ciclo, os professores da EE também, na sua maioria, concordam que a música funciona como um auxílio na resposta às necessidades de alunos com dificuldades de aprendizagem.

Os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativamente à afirmação:

6. A música pode contribuir para o desenvolvimento intelectual e emocional de um aluno com a perturbação do espectro do autismo, revelam que:

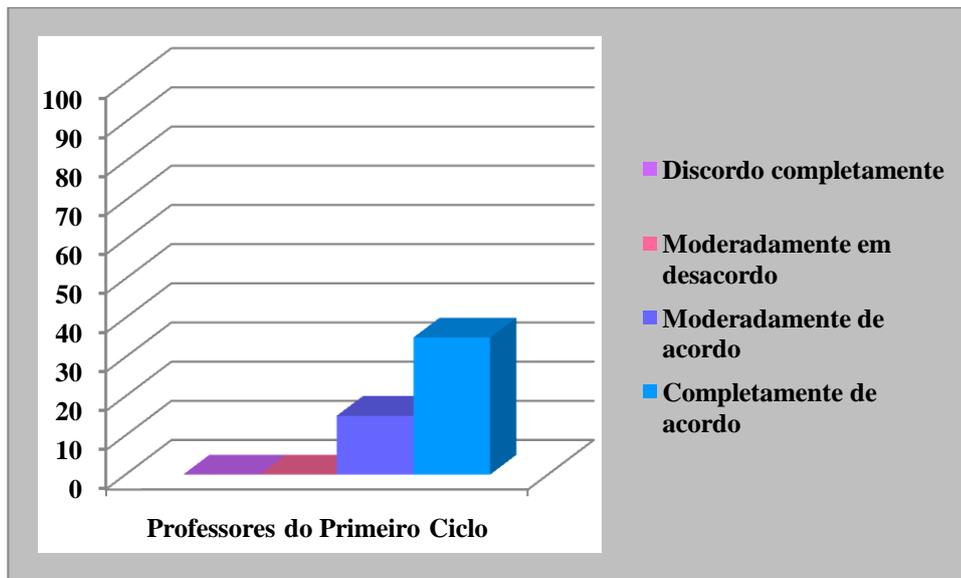


Gráfico 35 – Universo da Amostra de acordo com a 6.ª afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

De acordo com o gráfico conseguimos observar que 15 professores se encontram moderadamente de acordo, 35 professores se encontram completamente de acordo e nenhum dos professores se encontra em completa discordância e em discordância moderada.

Deste modo, a maioria dos professores concorda que a música pode contribuir para o desenvolvimento intelectual e emocional de uma criança com PEA.

Os Professores da Educação Especial, relativamente à afirmação:

6. A música pode contribuir para o desenvolvimento intelectual e emocional de um aluno com a perturbação do espectro do autismo, revelam que:

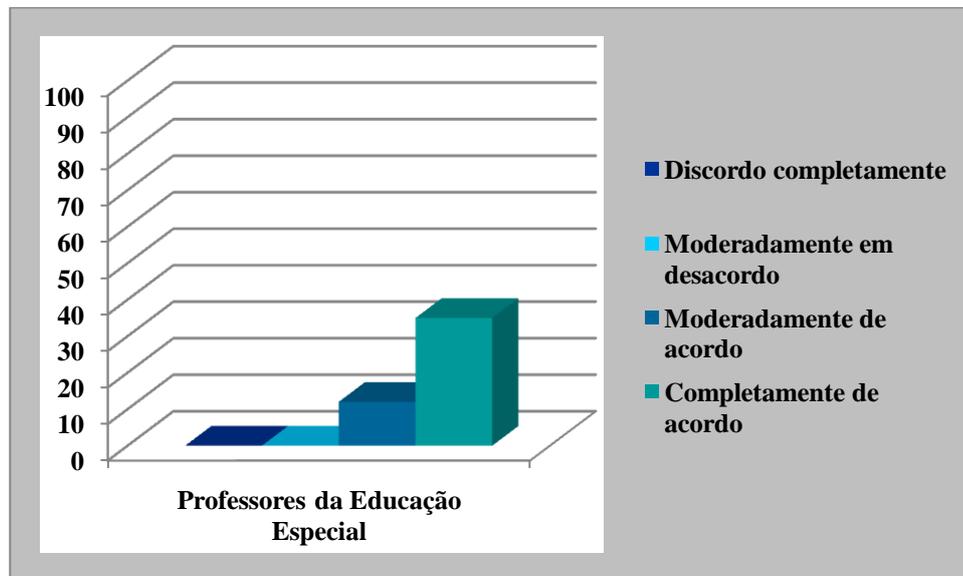


Gráfico 36 – Universo da Amostra de acordo com a 6.ª afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores da Educação Especial

Este gráfico mostra-nos como 38 professores estão completamente de acordo, como 12 professores se encontram moderadamente de acordo e como nenhum dos professores permanece em discordância completa e moderada.

Podemos verificar que os dados obtidos neste gráfico são muito semelhantes ao gráfico anterior onde os professores do 1.º Ciclo manifestavam a sua opinião. Assim, novamente, a maioria dos professores concorda que a música pode contribuir para o desenvolvimento intelectual e emocional de uma criança com PEA.

Os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativamente à afirmação:

7. As condições físicas e humanas que existem, actualmente, nas escolas permitem o acesso à música de todos os alunos, incluindo os alunos com a perturbação do espectro do autismo, revelam que:

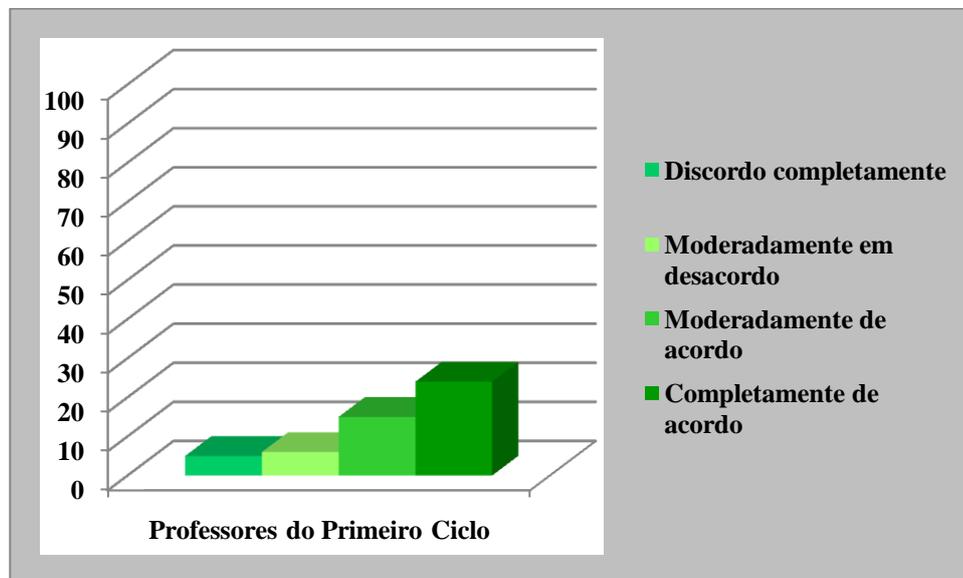


Gráfico 37 – Universo da Amostra de acordo com a 7.^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Os dados recolhidos no gráfico mostram que 5 docentes discordam completamente com a afirmação, 6 docentes permanecem moderadamente em desacordo, 15 docentes permanecem moderadamente de acordo e 24 docentes estão completamente de acordo.

Como tal, podemos referir que uma maioria de docentes concorda que, actualmente, nas escolas as condições físicas e humanas existentes possibilitam o acesso à música por parte de todos os alunos, quer possuam ou não a PEA, porém, o que acontece, na maior parte das vezes, é que estas condições não são aproveitadas da melhor forma.

Os Professores da Educação Especial, relativamente à afirmação:

7. As condições físicas e humanas que existem, actualmente, nas escolas permitem o acesso à música de todos os alunos, incluindo os alunos com a perturbação do espectro do autismo, revelam que:

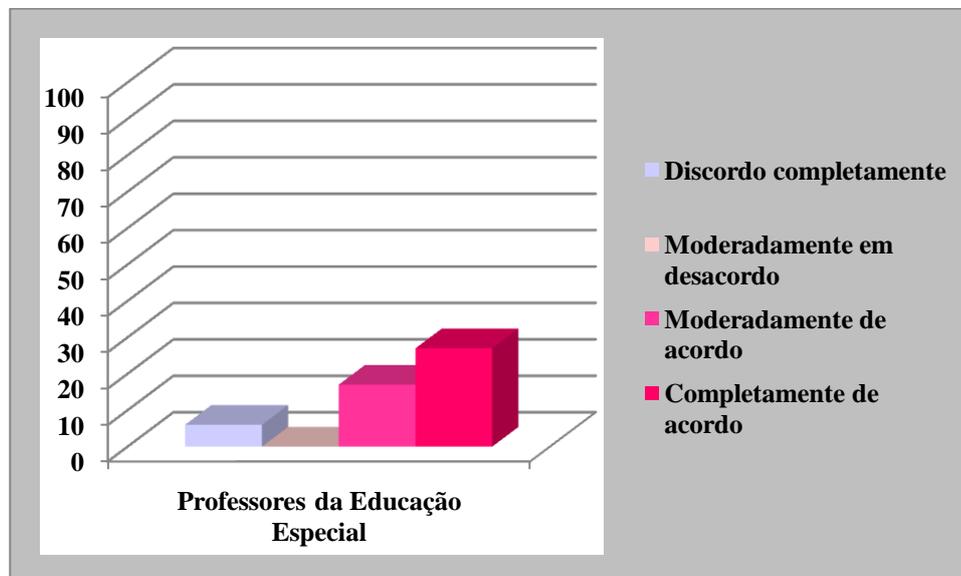


Gráfico 38 – Universo da Amostra de acordo com a 7.ª afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores da Educação Especial

Segundo o gráfico representado podemos aferir que 6 professores discordam completamente com a afirmação, nenhum dos professores manifestou estar moderadamente em desacordo, 17 professores manifestou estar moderadamente de acordo e 27 professores manifestou estar completamente de acordo.

Os professores da EE possuem uma opinião que se mantém, sensivelmente, na mesma linha que a que os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico apresenta.

Os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativamente à afirmação:

8. Os professores das escolas, do nosso país, possuem conhecimentos acerca desta área a fim de a utilizarem como um recurso ou auxílio na aprendizagem, revelam que:

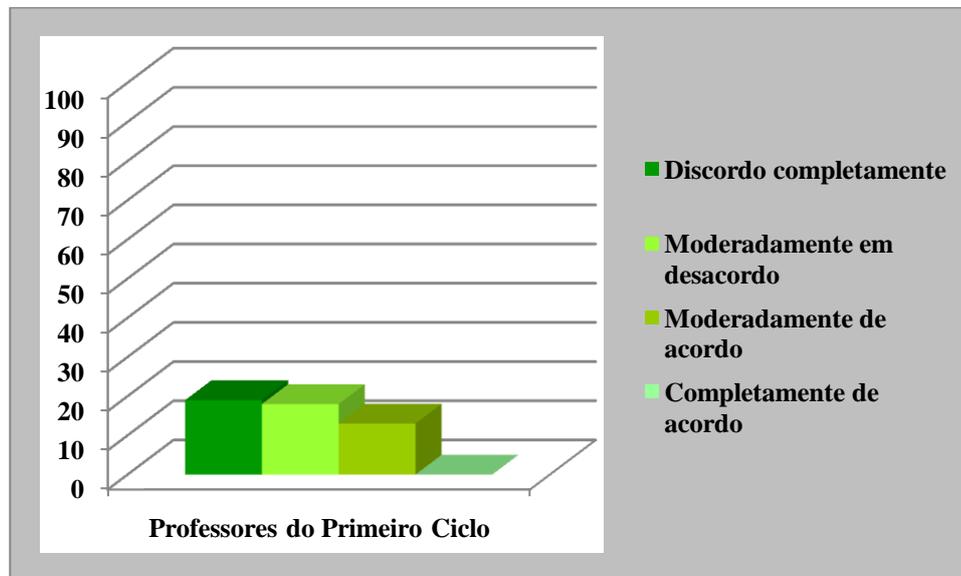


Gráfico 39 – Universo da Amostra de acordo com a 8.ª afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

De acordo com o gráfico observamos que 19 docentes discordam completamente com a afirmação, 18 docentes permanecem moderadamente em desacordo, 13 docentes permanecem moderadamente de acordo e nenhum está completamente de acordo.

A maioria dos docentes discorda completamente que os professores das escolas, do nosso país, possuam conhecimentos acerca da música de forma a utilizarem como um recurso ou auxílio na aprendizagem.

Na parte teórica deste trabalho referimos que é necessário apostar na instrução de docentes no âmbito da música pois, é uma arte que quando bem trabalhada pode trazer muitos benefícios para os alunos. Assim, tendo em conta que a opinião dos professores vem ao encontro desta ideia, torna-se imprescindível apostar na formação dos nossos professores para que, desta forma, possam utilizar a música diariamente nas suas salas de aula.

Os Professores da Educação Especial, relativamente à afirmação:

8. Os professores das escolas, do nosso país, possuem conhecimentos acerca desta área a fim de a utilizarem como um recurso ou auxílio na aprendizagem, revelam que:

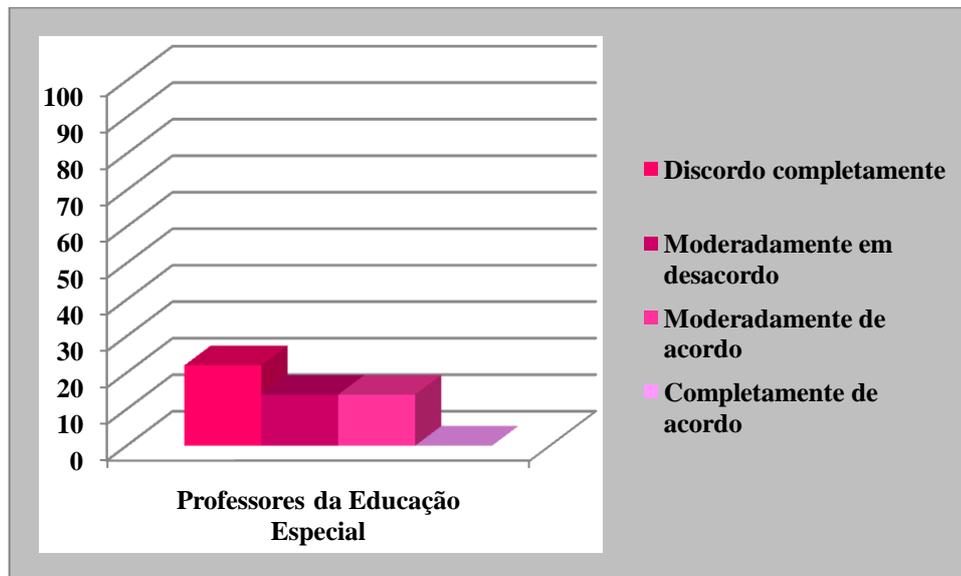


Gráfico 40 – Universo da Amostra de acordo com a 8.ª afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores da Educação Especial

Analisando o gráfico verificamos que 22 professores discordam completamente com a afirmação citada, 14 professores está moderadamente em desacordo, 14 professores estão moderadamente de acordo e nenhum dos professores está completamente de acordo.

Tendo em conta os dados, podemos verificar uma maioria de professores para a resposta discordo completamente, facto que nos leva a referir que os professores da EE revelam uma opinião muito semelhante à dos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativamente à afirmação:

9. A música é uma importante forma de expressão humana contribuindo para a inclusão no contexto educacional, revelam que:

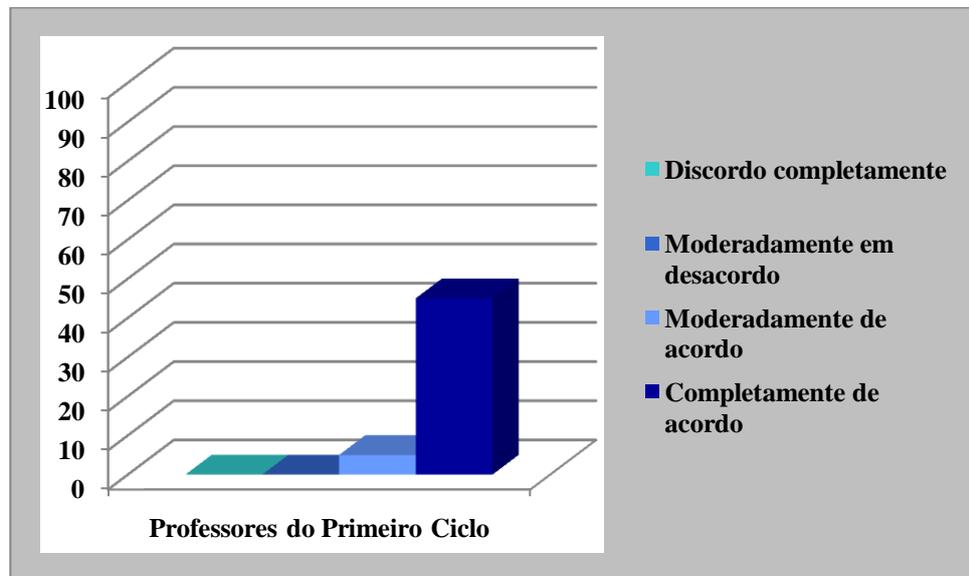


Gráfico 41 – Universo da Amostra de acordo com a 9.^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

No gráfico vemos que a maioria dos professores, ou seja, 45 professores estão completamente de acordo com a afirmação, apenas, 5 professores estão moderadamente de acordo e nenhum dos professores está moderadamente em desacordo e em discordância completa.

Desta forma, conferimos que através destes dados a opinião dos professores segue na linha do que investigamos ao longa desta dissertação, que a música ajuda a criança a expressar-se, contribuindo para a sua inclusão no contexto educacional.

Os Professores da Educação Especial, relativamente à afirmação:

9. A música é uma importante forma de expressão humana contribuindo para a inclusão no contexto educacional, revelam que:

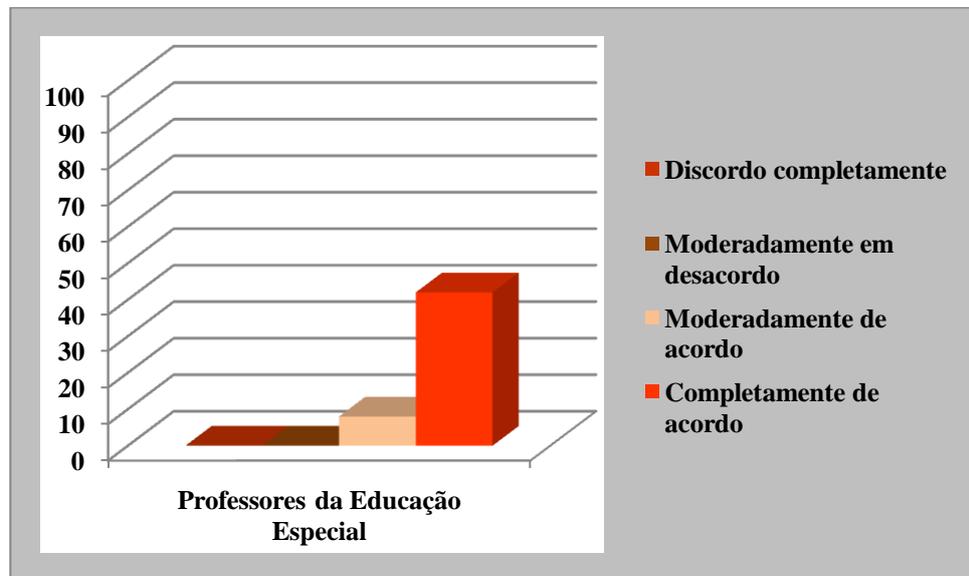


Gráfico 42 – Universo da Amostra de acordo com a 9.^a afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores da Educação Especial

Cerca de 42 professores manifesta estar completamente de acordo com a afirmação, 8 professores manifesta estar moderadamente de acordo e nenhum dos professores manifestou estar moderadamente em desacordo e em discordância completa.

Da mesma forma que os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico mostraram concordar que a música é uma importante forma de expressão humana, os professores da EE também o afirmam.

Os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, relativamente à afirmação:

10. A música é um agente de inclusão capaz de conseguir a harmonia de um ser humano com a sociedade e o mundo em que vive, revelam que:

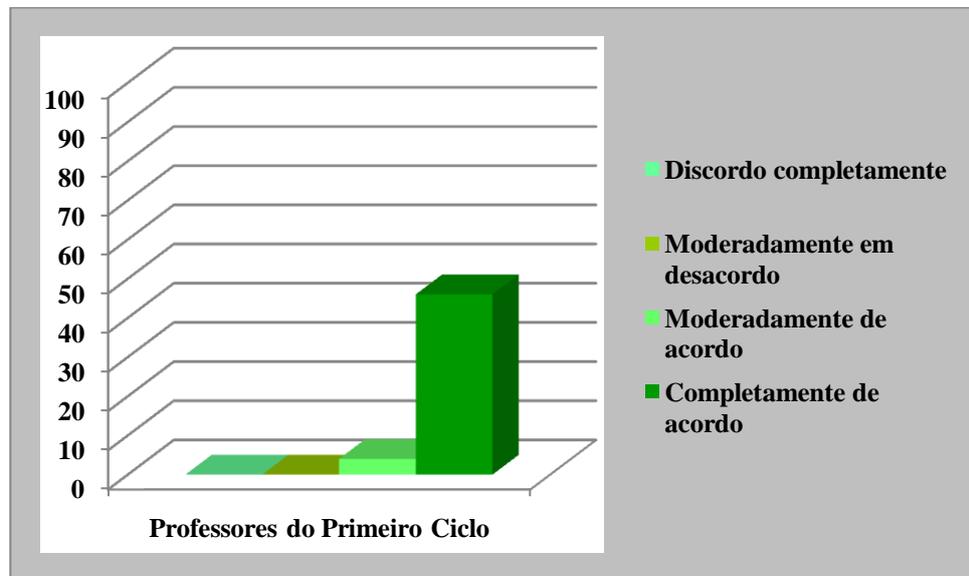


Gráfico 43 – Universo da Amostra de acordo com a 10.ª afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico

O gráfico revela-nos como 46 professores manifestaram estar completamente de acordo, 4 professores manifestaram estar moderadamente de acordo e nenhum dos professores manifestou estar moderadamente em desacordo e em discordância completa.

Como referimos anteriormente, aquando da exposição teórica, enunciamos que a música é um agente inclusivo, pode funcionar como um meio facilitador na inclusão de crianças, tendo ou não necessidades educativas especiais. Deste modo, a opinião da grande parte dos professores vem na mesma linha do que estudamos.

Os Professores da Educação Especial, relativamente à afirmação:

10. A música é um agente de inclusão capaz de conseguir a harmonia de um ser humano com a sociedade e o mundo em que vive, revelam que:

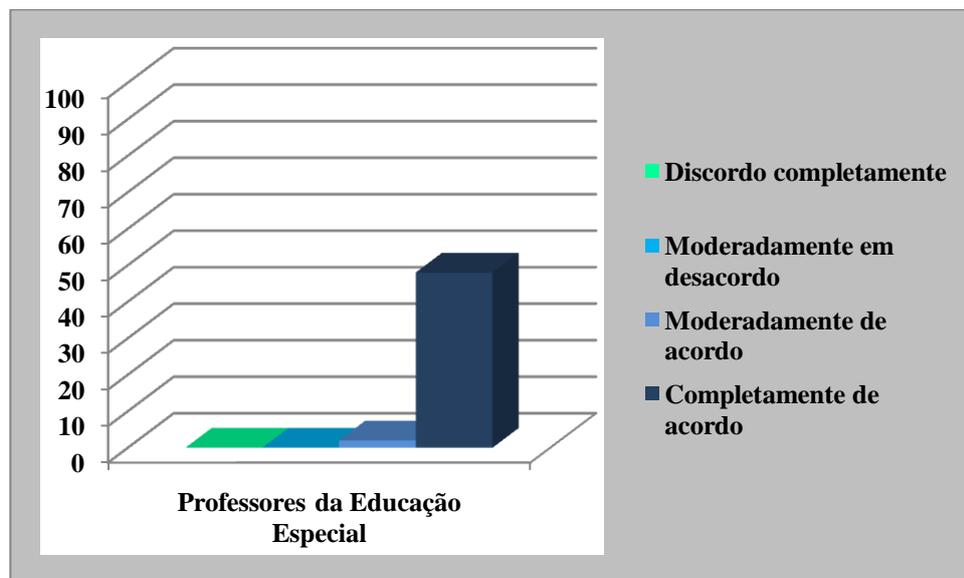


Gráfico 44 – Universo da Amostra de acordo com a 10.ª afirmação do questionário relativamente à Música, segundo os Professores da Educação Especial

Segundo os dados obtidos através dos questionários, cerca de 48 professores está completamente de acordo com a afirmação, 2 professores está moderadamente de acordo e nenhum dos professores está moderadamente em desacordo e em discordância completa.

A opinião destes professores permanece na mesma linha da que os professores do 1.º Ciclo proferiram.

4.7. Discussão dos Resultados

Após algumas considerações genéricas sobre o trabalho efectuado, apresentamos as conclusões de um modo sintético e incluímos comentários recorrendo ao corpo teórico dos capítulos I, II e III.

Constitui o objectivo central deste estudo investigar de que forma a música se assume como um auxílio no desenvolvimento e aprendizagem de crianças com a perturbação do espectro do autismo numa amostra de 50 Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico e 50 Professores da Educação Especial.

As crianças a qual demos ênfase neste trabalho foram as que possuem autismo. Síndrome que provoca alguns comprometimentos na vida destas crianças, nomeadamente, a dificuldade na comunicação e linguagem, na interacção social e dificuldades no jogo simbólico/imaginativo. Consoante o grau desta síndrome, maiores ou menores serão os comprometimentos na vida de uma criança autista.

Tendo em conta todos os conteúdos abordados neste trabalho podemos concluir que um dos grandes objectivos possíveis de alcançar recorrendo à música como um auxílio no desenvolvimento e aprendizagem de crianças com autismo é a abertura de canais de comunicação, proporcionando o seu desenvolvimento, assim como, facilitando as relações sociais da criança.

Deste modo, podemos concluir que, de acordo com as questões efectuadas à nossa amostra:

- A maior parte dos inquiridos pertence ao género feminino, sendo que, mais de metade da amostra pertence ao sexo feminino.
- As idades dos docentes variam entre os 23 e os 58 anos, no entanto, o escalão etário predominante é 30 - 40 anos.
- A maior parte dos inquiridos possui licenciatura e verificamos que há um número considerável de professores que possui pós-graduação.
- Uma grande percentagem de professores revela possuir entre 5 a 10 anos de serviço, facto que nos leva a concluir que são docentes que concluíram a sua formação há cerca de 10-15 anos.
- A amostra seleccionada é composta por professores de duas áreas de ensino, sendo que, 50 são do 1.º CEB e 50 são da EE.

– A maior parte dos professores do 1.º CEB concorda, de uma forma moderada, que o autismo não se caracteriza apenas por uma característica singular mas sim, por um conjunto de dificuldades. Logo, podemos concluir que alguns docentes possuem alguma informação relativa à síndrome em estudo, que se encontram próximos dos conceitos e definições acerca do autismo, no entanto, uma maioria apresenta uma opinião moderada e não concreta.

– Uma grande percentagem dos professores da EE concorda totalmente que o autismo não se caracteriza apenas por uma característica singular mas sim, por um conjunto de dificuldades. Como a afirmação apresentada é autêntica podemos referir que realizando a comparação das respostas entre as duas áreas de ensino, verificamos que os professores do 1.º CEB ainda possuem um certo tipo de desconhecimento acerca do autismo.

– Os professores do 1.º CEB consideram que as necessidades dos alunos com autismo são melhor satisfeitas quando o apoio se realiza num espaço exterior ao da sala de aula. Pelo contrário, os professores da EE revelam que o apoio poderá ser feito na sala de aula para que se verifique a inclusão dos alunos no entanto, este apoio não deverá ser realizado totalmente na sala de aula mas também num espaço exterior à sala, opinião que se aproxima à dos professores do 1.º CEB.

– Em concordância os professores do 1.º CEB e da EE revelam que discordam completamente que as necessidades dos alunos com autismo são satisfeitas na sala de aula sem o apoio da educação especial. Assim, reforçam a ideia de que a EE deve ser desenvolvida com o apoio de docentes bem preparados.

– Os professores das duas áreas revelam estar em concordância no que diz respeito à afirmação: o aluno com a PEA apresenta necessidades únicas, deste modo, deve ser elaborado um programa individualizado que dê resposta às suas necessidades.

– No que concerne à afirmação relativa às condições físicas e humanas existentes, actualmente, nas escolas e que permitem o sucesso educativo dos alunos com autismo os professores das duas áreas discordam completamente com esta afirmação.

– Os professores da amostra em estudo discordam com a afirmação: os professores das escolas, do nosso país, encontram-se preparados para dar resposta às necessidades educativas dos alunos com a PEA.

– A amostra em estudo revela uma opinião muito idêntica no que concerne à adopção de novas estratégias de aprendizagem que incluam outras áreas, já que os professores revelam estar moderadamente em desacordo.

– A maioria dos professores revela ter conhecimentos que comprovam que a música não é apenas uma arte que combina sons e silêncio. Da mesma forma, o que foi referido se direcciona para a afirmação: a música caracteriza-se apenas por uma prática cultural e humana.

– Grande parte dos professores está completamente de acordo com a ideia de que a música pode ser considerada, ao mesmo tempo, uma prática cultural e humana e uma área educacional e terapêutica.

– Seguindo a ideia anterior, os professores revelam, novamente, estar de acordo com a ideia de que a música contribui para um acréscimo de competências e desenvolvimento de habilidades. Ainda, que a música funciona como um auxílio na resposta às necessidades de alunos com dificuldades de aprendizagem, com e sem EE.

– Os docentes, na sua maioria, concordam completamente que a música pode contribuir para o desenvolvimento intelectual e emocional de uma criança com autismo.

– A maior parte dos professores concorda que as condições físicas e humanas que existem, actualmente, nas escolas permitem o acesso à música de todos os alunos, incluindo os alunos com a PEA.

– Os docentes revelam partilhar da opinião que os professores das escolas, do nosso país, não possuem conhecimentos acerca da música para a utilizarem como um recurso ou auxílio na aprendizagem.

– Os professores inquiridos, na sua maioria, concordam completamente com a afirmação: a música é uma importante forma de expressão humana contribuindo para a inclusão no contexto educacional.

– Por fim, os docentes concordam que a música pode ser um agente de inclusão capaz de conseguir a harmonia de um ser humano com a sociedade e o mundo em que vive.

De uma forma global, através dos conhecimentos obtidos com a investigação teórica e com os resultados obtidos nos questionários podemos enunciar que:

– *O desenvolvimento e a aprendizagem de crianças com a perturbação do espectro do autismo são maiores com o auxílio da música.*

Conclusão

Tendo em conta todos os conteúdos abordados ao longo deste trabalho é possível constatar que, um dos grandes objectivos que temos a possibilidade de alcançar através da utilização da música como um auxílio na aprendizagem de crianças com a perturbação do espectro do autismo é o despertar de canais de comunicação, o desenvolvimento e a promoção das relações humanas.

A perturbação do espectro do autismo é uma síndrome comportamental que reduz o desenvolvimento da criança nos seus estímulos sensoriais, na sua linguagem e comunicação, assim como, nas capacidades cognitivas e nas capacidades de socialização.

Nos últimos tempos, o número de diagnósticos tem incrementado e estes diagnósticos são concluídos em idades cada vez mais precoces. A perturbação do espectro do autismo pode incidir em qualquer criança, não escolhe raça, credo ou classe social. As suas causas continuam em constante estudo, mesmo existindo algumas hipóteses que de alguma forma explicam a etiologia desta síndrome. É importante ressaltar que a identificação desta perturbação o mais precocemente possível torna-se uma mais valia para o tratamento da criança.

Neste sentido, é possível ajudar no desenvolvimento global da criança, reduzindo comportamentos inadequados e encaminhando-a para resultados funcionais cada vez mais positivos.

O conceito de música na actualidade não tem muito em comum com aquela força misteriosa que os antigos associavam aos deuses e à magia. Do mesmo modo, o percurso da música foi também polissémico, os efeitos da música foram igualmente atribuídos a forças extra-sensoriais. Se ao longo da história a música foi alvo de interesse nos contextos da magia, da religião, da filosofia, da política, da ética e da ciência podemos referir a possibilidade de a música ser tão importante por causa do seu efeito sobre o ser humano e a natureza em geral. A música esteve sempre ligada ao ser humano desde muito cedo e se esta não existisse o mundo tornar-se-ia vazio e sem espírito.

A música, é uma arte que, muitas vezes, cai em esquecimento mas que pode e deve ser aproveitada para o desenvolvimento e aprendizagem de crianças com necessidades educativas especiais, neste caso, crianças com a perturbação do espectro do autismo, visto que propicia uma aprendizagem global e as emotiva com o mundo. Através da música diversas

áreas do conhecimento podem ser estimuladas, destacando-se a música num universo capaz de conjugar a expressão de sentimentos, ideias e valores.

As actividades ligadas à música favorecem a inclusão de crianças portadoras de necessidades educativas especiais, podem contribuir para tornar o ambiente envolvente mais alegre e favorável às relações sociais. Pelo seu carácter lúdico e de livre expressão, não apresentam pressões nem cobranças de resultados, são uma forma de aliviar e relaxar a criança, auxiliando na desinibição, contribuindo e abrindo espaço para outras aprendizagens. No entanto, a inclusão destas crianças, apenas, pode ser bem sucedida quando todos tomarem em consideração as suas formas únicas e alternativas de pensar e encarar o mundo. Para tal, é necessário adoptar métodos que muitas vezes surgem de forma rígida e sermos mais flexíveis nas abordagens.

Com a música podemos adquirir múltiplos conhecimentos e, mais do que isso, é com ela que despertamos para um mundo sadio que facilita a libertação da nossa mente e do nosso corpo para a aprendizagem em geral e para a socialização, fortalecendo a personalidade.

Torna-se fulcral que se realize uma sensibilização por parte dos educadores e professores para o despertar da consciencialização dos benefícios da música no desenvolvimento e crescimento das potencialidades das crianças pois, esta é capaz de harmonizar corpo e mente. Ao nível da formação no sistema educativo é necessário investir na formação de educadores e professores para que, desta forma, a música consiga invadir o mundo educativo. Esta formação deverá incidir na aprendizagem de alguns aspectos, como, a exploração da música ao nível da audição, do canto, da dança, da interpretação e da imitação já que contribuem para a formação global da criança cooperando no desenvolvimento da memorização, percepção, raciocínio e expressão de emoções, sensações, sentimentos e pensamentos. Trabalhar com crianças com necessidades educativas especiais cria oportunidades para o professor trilhar caminhos interessantes, produtivos, sensíveis e inesquecíveis.

Ocupar esse espaço na organização social das comunidades é um chamamento imperativo que precisa de ser atendido, nem que seja para descobrir que todos somos especiais e que o trabalho musical é igual e extremamente satisfatório para qualquer criança jovem ou adulto.

É pertinente referir que a música se encontra em vários lugares, de várias formas e está envolvida nos diversos aspectos educacionais. Para cada pessoa ela tem um significado, na medida em que, se vincula às experiências vividas, quer passadas, quer do momento.

Algumas escolas mostram já um pouco de trabalho a este nível, de forma a integrar estas crianças. Para que isto se torne eficaz é imprescindível, é necessário que todos os profissionais e os pais trabalhem em conjunto. O apoio da família é, sem dúvida, essencial pois, desempenham um importante papel nas estratégias que são implementadas para o bem-estar das crianças. É importante realçar que não há diferentes graus de perturbação do espectro do autismo e que não há duas pessoas que tenham sido afectadas da mesma forma.

Com a realização deste trabalho tivemos a possibilidade de obter e desenvolver conhecimentos concretos acerca da importância da música na vida de crianças com necessidades educativas especiais, nomeadamente, crianças com a perturbação do espectro do autismo e tivemos a possibilidade de descobrir de que forma a música pode ser utilizada como um recurso pedagógico e não, apenas, como uma forma de lazer. Ainda, com esta dissertação aprendemos que ainda há muito para fazer ao nível das pesquisas e ao nível das práticas aplicadas nas escolas do nosso sistema educativo. Esperamos que esta dissertação seja um incentivo para o despertar de novos conhecimentos ao nível das necessidades educativas especiais e da música, assim como, seja um incentivo para o despertar de novas estratégias de aprendizagem capazes de contribuir para a inclusão de todos.

Linhas Futuras de Investigação

Um trabalho desta natureza é uma peça incompleta e pouco perfeita, que, sem dúvida, necessita de alterações que a melhorem, complementem e aperfeiçoem.

Para que se verifiquem resultados positivos no auxílio a crianças com a perturbação do espectro do autismo, para que estas se integrem e se desenvolvam na nossa sociedade, torna-se fulcral que se concebam estratégias e programas que partam dos pontos fortes para os défices desta síndrome e que condicionam o dia-a-dia das nossas crianças.

Ao mesmo tempo, é necessário formar profissionais nesta área, tentando que se integrem numa equipa multidisciplinar, abertos a novas práticas e estratégias de aprendizagem, onde várias áreas se relacionem e procurem o sucesso dos alunos.

Futuramente, seria muito pertinente realizar um aprofundamento deste estudo, ao nível prático, recorrendo a actividades bem estruturadas ligadas à música, nas salas de aula do nosso sistema educativo, com a colaboração dos profissionais que se encontram diariamente nestas escolas.

Na mesma linha, seria importante elaborarem-se modelos que auxiliassem a avaliação desta área, a música, juntamente com programas educacionais efectivos, para que desta forma se vençam os desafios desta perturbação e seja possível alargar horizontes, contribuindo para o sucesso e bem-estar de todos.

Referências Bibliográficas

Amaral, A & Martins, A. (2009). *Música 1. Educação Artística – 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Porto Editora.

American Psychiatric Association. (2006). *DSM-IV-TR - Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*. Lisboa: Climepsi Editores.

Antunes, N. (2009). *Mal-entendidos*. Lisboa: Verso de Kapa.

Barreto, S. J. (2000). *Psicomotricidade: educação e reeducação*. Blumenau: Acadêmica.

Bosa, C., & Baptista, C. R. (2002). *Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Bréscia, V. L. P. (2003). *Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva*. São Paulo: Átomo.

Brito, T. A. (2003). *Música na educação infantil*. São Paulo: Peirópolis.

Bruscia, K. E. (2000). *Definindo a Musicoterapia*. Rio de Janeiro: Enelivros.

Campbell, D. (2006). *O Efeito Mozart*. Estrela Polar: Cruz Quebrada.

Cavaco, A.N. (2005). *O Desenvolvimento Pessoal e Profissional do Educador de Infância e suas implicações junto da Criança Autista*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação Especialização em Necessidades Educativas Especiais, Faro.

Correia, L. M. (2000). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares*. Porto: Porto Editora.

Correia, L.M. (2003). *Inclusão e necessidades educativas especiais. Um guia para professores e educadores*. Porto: Porto Editora.

Estevão, V. B. (2002). *A importância da música e da dança no desenvolvimento infantil*. Monografia de Especialização em Psicopedagogia, Centro Técnico-Educacional Superior do Oeste Paranaense.

Faria, M. (2001). *A música, fator importante na aprendizagem*. Monografia de Especialização em Psicopedagogia, Centro Técnico-Educacional Superior do Oeste Paranaense.

Frith, U. (2003). *Autism: Explaining the Enigma*. Oxford: Blackwell.

Hewitt, S. (2006). *Compreender o Autismo: Estratégias Para Alunos Com Autismo Nas Escolas Regulares*. Porto: Porto Editora.

Ilari, B. (2006). *Em busca da mente musical: ensaios sobre os processos cognitivos em música – da percepção à produção*. Brasil: Curitiba;

Jordan, R. (2000). *Educação de Crianças e Jovens com Autismo*. Instituto de Inovação Educacional: Ministério da Educação.

Krzesonki, M. T. & Campos, S. S. (2006). *A importância da linguagem musical para a aprendizagem da criança*. Brasil.

Maffioletti, L. A. (2002). *Conhecimento e aprendizagem musical. Aprendizagem e conhecimento escolar*. Pelotas: Educat.

Marques, C. E. (2000). *Perturbações do Espectro do Autismo. Ensaio de uma Intervenção Construtivista Desenvolvimentista com Mães*. Coimbra: Quarteto Editora.

Pereira, M. C., Serra, H. (2006). *Autismo – Uma perturbação pervasiva do desenvolvimento*. Vila Nova de Gaia: Edições Gailivro.

Queiróz, G. P. (2003). *Aspectos da musicalidade e da Música de Paul Nordoff e suas implicações na prática clínica Musicoterapêutica*. São Paulo: Apontamentos Editora.

Siegel. B. (2008). *O mundo da criança com autismo – compreender e tratar perturbações do espectro do autismo*. Porto: Porto Editora.

Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. Vila Nova de Gaia. Instituto Piaget.

Williams, C., & Wright B. (2008). *Convivendo com Autismo e Síndrome de Asperger: Estratégias Práticas para Pais e Profissionais*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora, Lda.

Webgrafia Consultada

Costa, A., Leitão, F., Morgado, J., Pinto, J., Paes, I. & Rodrigues, D. (2006). Promoção da Educação Inclusiva em Portugal. Acedido em 6 de Janeiro de 2012, em <http://www.malhatlantica.pt/ecae-cm/ei.pdf>.

Romanelli, G. (2009). A música que soa na escola: estudo etnográfico nas séries iniciais do ensino fundamental. *Educar em Revista*, Curitiba, n.34. Acedido em 23 de Fevereiro de 2012, em www.scielo.br.

Kuperstein & Missalglia. (2005). Autismo. Acedido em 15 de Fevereiro, em www.autismo.com.br.

Apêndice

“Música: um auxílio no desenvolvimento e aprendizagem de crianças com a Perturbação do Espectro do Autismo.”

Questionário

O presente questionário insere-se no âmbito da elaboração de uma dissertação de Mestrado em Educação Especial, na Escola Superior de Educação Almeida Garrett (Lisboa) e destina-se ao preenchimento por Professores do 1.º Ciclo e Professores de Educação Especial.

O objectivo deste questionário é compreender de que forma a Música pode contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem de crianças portadoras da Perturbação do Espectro do Autismo.

O questionário é anónimo e confidencial, sendo os dados aqui recolhidos utilizados, exclusivamente, para o fim indicado.

Por favor, leia atentamente e responda a todas as questões.

Agradeço, desde já, a sua colaboração.

Parte I - Dados Pessoais e Profissionais

Assinale, por favor, a resposta correspondente à sua situação.

1. Género.

Masculino	<input type="checkbox"/>
Feminino	<input type="checkbox"/>

2. Idade.

3. Habilitações Profissionais.

Assinale com uma cruz (X) o espaço correspondente à sua característica profissional. (assinale apenas o grau mais elevado).

Bacharelato	<input type="checkbox"/>
Licenciatura	<input type="checkbox"/>
Pós-Graduação	<input type="checkbox"/>
Mestrado	<input type="checkbox"/>
Doutoramento	<input type="checkbox"/>

4. Tempo de Serviço.

Menos de 5 anos	
5 a 10 anos	
11 a 20 anos	
Mais de 20 anos	

5. Área de ensino que lecciona.

1.º Ciclo do Ensino Básico	
Educação Especial	

Parte II

1. Baseando-se na sua experiência e/ou nos conhecimentos que tem acerca da **Perturbação do Espectro do Autismo e da Informação/Formação dos Professores** indique a sua concordância ou discordância a cada uma das seguintes afirmações, colocando uma cruz (x) na resposta apropriada. Use a seguinte escala:

1 - Discordo completamente;
 2 - Moderadamente em desacordo;
 3 - Moderadamente de acordo;
 4 - Completamente de acordo.

	1	2	3	4
1. O autismo não se caracteriza apenas por uma característica singular mas sim, por um conjunto de dificuldades.				
2. O autismo caracteriza-se apenas por um desenvolvimento deficitário da comunicação e interação social.				
3. O autismo caracteriza-se por um desenvolvimento deficitário da comunicação, interação social e um repertório limitado de actividades e interesses.				
4. As necessidades dos alunos com a perturbação do espectro do autismo são melhor satisfeitas quando o apoio se realiza na sala de aula.				
5. As necessidades dos alunos com a perturbação do espectro do autismo podem ser satisfeitas na sala de aula, sem o apoio da educação especial.				

6. O aluno com a perturbação do espectro do autismo apresenta necessidades únicas, deste modo, deve ser elaborado um programa individualizado que dê resposta às suas necessidades.				
7. As condições físicas e humanas que existem, actualmente, nas escolas permitem o sucesso educativo dos alunos com a perturbação do espectro do autismo.				
8. Os professores das escolas, do nosso país, actualmente, encontram-se melhor informados acerca da perturbação do espectro do autismo.				
9. Os professores das escolas, do nosso país, encontram-se preparados para dar resposta às necessidades educativas dos alunos com a perturbação do espectro do autismo.				
10. Os professores das escolas, do nosso país, encontram-se receptivos a adoptar novas estratégias de aprendizagem que incluam outras áreas (música, actividade física e motora...).				

2. Baseando-se na sua experiência e/ou nos conhecimentos que tem acerca da Música indique a sua concordância ou discordância a cada uma das seguintes afirmações, colocando uma cruz (x) na resposta apropriada. Use a seguinte escala:

**1 - Discordo completamente;
2 - Moderadamente em desacordo;
3 - Moderadamente de acordo;
4 - Completamente de acordo.**

	1	2	3	4
1. A música é apenas uma arte que combina sons e silêncio.				
2. A música caracteriza-se apenas por uma prática cultural e humana.				
3. A música pode ser considerada, ao mesmo tempo, uma prática cultural e humana e uma área educacional e terapêutica.				
4. A música encontra-se inserida no meio contribuindo para um acréscimo de competências e desenvolvimento de habilidades.				
5. A música funciona como um auxílio na resposta às necessidades de alunos com dificuldades na aprendizagem, alunos com e sem necessidades educativas especiais.				
6. A música pode contribuir para o desenvolvimento intelectual e emocional de um aluno com a perturbação do espectro do autismo.				
7. As condições físicas e humanas que existem, actualmente, nas escolas permitem o acesso à música de todos os alunos, incluindo os alunos com a perturbação do espectro do autismo.				

8. Os professores das escolas, do nosso país, possuem conhecimentos acerca desta área a fim de a utilizarem como um recurso ou auxílio na aprendizagem.				
9. A música é uma importante forma de expressão humana contribuindo para a inclusão no contexto educacional.				
10. A música é um agente de inclusão capaz de conseguir a harmonia de um ser humano com a sociedade e o mundo em que vive.				